

ARCHIMEDES NASPOLINI FILHO



Zefiro Giassi

DO PÓ DO GIZ AO SUPERMERCADO







ARCHIMEDES NASPOLINI FILHO

# Zefiro Giassi

DO PÓ DE GIZ AO SUPERMERCADO  
FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE ZEFIRO GIASSI



Criciúma, outubro 2010

Cadeira nº 15

Do Pó de Giz ao Supermercado: Fragmentos da História de Zefiro Giassi.

**Fotografias:** as não identificadas pertencem ao acervo da empresa Giassi & Cia. Ltda. e a Senhora Nilza Zilli Costa

**Pesquisa:** do autor, de Nilza Zilli Costa, Taise Forgiarini e de Edson Speck.

**Apoio logístico:** Osni Giassi e funcionários da empresa Giassi & Cia. Ltda.

**Composição e diagramação eletrônica:** Neuro Digital

**Impressão:** Gráfica Coan

“A luta contra os erros tipográficos tem algo homérico. Durante a revisão os erros se escondem, fazem-se, positivamente, invisíveis.” Monteiro Lobato.

Um exemplar deste livro foi depositado na Biblioteca Nacional em cumprimento à Lei nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

N263t Napolini Filho, Archimedes.

Zefiro Giassi: do pó de giz ao supermercado : fragmentos da história de Zefiro Giassi / Archimedes Napolini Filho. - Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2010.  
248 p. : il. ; 30 cm.

1. Giassi, Zefiro - Biografia. 2. Família Giassi - História. 3. Empresário - Santa Catarina - História.  
I. Título.

CDD – 21.ed. 926.58

Bibliotecária: Rosângela Westrupp - CRB 0364/14<sup>a</sup>

Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

Os direitos sobre esta obra são reservados ao autor, nos termos do art. 5º da Constituição Federal, e dos dispositivos da Lei nº. 9.610, de 1998, que regulamenta os direitos autorais. Proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio, sem expressa autorização do autor.

Contato com o autor: [napolini@engeplus.com.br](mailto:napolini@engeplus.com.br) (48) 9984-9472



## **DEDICATÓRIA**

Para a Senhora Ana Maria Zilli Giassi que,  
em 1955, tornou-se a mulher de Zefiro e,  
ao seu lado, dia-a-dia, ajudou a construir a  
História de sucesso, cujos traços são  
registrados neste trabalho.

O autor





# Sumário

|   |     |
|---|-----|
| I - O Ponto de Partida .....              | 13  |
| II - A Ordem era Colonizar o Brasil ..... | 17  |
| III - A Vertente da História .....        | 23  |
| IV - Isto Aqui era Assim .....            | 33  |
| V - A Viagem e a Chegada ao Brasil .....  | 37  |
| VI - Um Novo Projeto de Vida .....        | 41  |
| VII - E Giuseppe Encontrou Tereza .....   | 45  |
| VIII - Angelo e Fortunata .....           | 53  |
| IX - Humildes, mas Determinados .....     | 57  |
| X - Gênese .....                          | 61  |
| XI - Zilli e Dagostin .....               | 69  |
| XII - Soror Ana Maria? .....              | 75  |
| XIII - Acidente Cega Zefiro .....         | 89  |
| XIV - Lazer .....                         | 93  |
| XV - Zefiro Professor .....               | 97  |
| XVI - Instrumento Musical? O Sino! .....  | 109 |

|   |     |
|---|-----|
| XVII - Família Religiosa .....                | 113 |
| XVIII - Primeiro Emprego .....                | 117 |
| XIX - Primeiro Negócio .....                  | 121 |
| XX - E Morou num Puxadinho .....              | 125 |
| XXI - Namoro .....                            | 129 |
| XXII - Ana Maria .....                        | 133 |
| XXIII - Tombo Quase Fatal - para Osni - ..... | 139 |
| XXIV - Matrícula de todos os Lados .....      | 143 |
| XXV - Sonhos Materializados .....             | 147 |
| XXVI - Zefiro Religioso .....                 | 159 |
| XXVII - Zefiro Político .....                 | 165 |
| XXVIII - Zefiro Prefeito? .....               | 173 |
| XXIX - Zefiro Tabagista .....                 | 177 |
| XXX - Cooperativa de Eletrificação .....      | 181 |
| XXXI - Uma Casa na Floresta .....             | 185 |
| XXXII - Zefiro: Empresário Bem Sucedido ..... | 193 |
| XXXIII - Depoimentos .....                    | 209 |
| XXXIV - Homenagens .....                      | 233 |
| XXXV - Epílogo .....                          | 241 |



# Prefácio

Desde 1995 tenho investido tempo na arte de pesquisar e escrever História. Tenho falado da Cresciúma e de Criciúma com muito respeito, com muita devoção, com muito entusiasmo. Faz-me bem falar desse “Orgulho de Cidade”.

Noutras vezes publiquei crônicas retratando, no livro, os pensamentos emitidos nos microfones das rádios Eldorado e Som Maior. Biografias: escrevi a de meu saudoso pai do qual herdei o nome. Conteí a história da ZTL com a publicação *Zelindro Trento, 1001 Paradas*. O nonno Naco foi retratado no *O Bistek Nonno Naco*. Ali do Caravaggio fiz o registro do perfil biográfico de José Spillere: *Nonno Beppe, Sacramento!*

E, agora, aqui estou com a responsabilidade de escrever uma das mais belas vidas contemporâneas: o perfil biográfico desse homem singular que é Zefiro Giassi.

Um misto de história da imigração, dos costumes da Cresciúma e dos tempos modernos de hoje com fragmentos do “modus vivendi” de famílias estruturadas sobre os preceitos da verdade, da honestidade, dos valores morais, éticos e religiosos, e do trabalho, desdobra-se nas páginas deste compêndio que me foi dado a honra de escrever.

Da leitura das linhas deste livro resultará uma exclamação de admiração e respeito aos Giassi. Como disse Confúcio “Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha!” A vida aqui retratada foi construída, punhado por punhado, e se transformou nessa montanha chamada Zefiro Giassi.

No ano do jubileu áureo da empresa que ele fundou, deu vida e administra, este livro presta-lhe merecida homenagem.

O autor.



# Apresentação



**PROF. MENEGATTI, CONFERENCISTA, ESCRITOR, E EX-PRESIDENTE DA ACATS.**

“Do Pó de Giz ao Supermercado” é uma verdadeira obra-prima, que de forma simples, descreve com muita propriedade a trajetória mais do que vencedora de um homem especial sobre todos os aspectos.

Falar de Zefiro Giassi é um privilégio, uma alegria ímpar que me emociona como se estivesse apresentando o meu próprio pai, tamanho o carinho e a gratidão que tenho por ele.

Ao ler este livro você terá a oportunidade de vivenciar, ao lado de Zefiro Giassi, todas as suas experiências, todas as suas alegrias, e também passar pelos difíceis momentos por que já passou, mas ao final obterá o entendimento de como ele, por meio de muito trabalho, determinação e de uma fé inabalável chegou a vitória

pessoal e profissional e hoje desfruta os louros da promessa divina de que somos mais do que vencedores (Romanos 8:37).

Seu Zefiro consegue ser um homem e um profissional capaz de inspirar as pessoas por meio de seu caráter, seu modelo de vida e sua personalidade. Só quem o conhece pode avaliar a veracidade dessas afirmações que faço.

Com sua habilidade de professor, com sua presença marcante de líder, Zefiro plantou e continua plantando nos corações das pessoas sementes de amor, carinho, atenção e reconhecimento, valorizando cada pessoa na forma máxima.

São atitudes como estas, recheadas com uma dose maciça de humanização que fazem deste homem simples, alguém tão especial.

Creio que este livro, com todos os ensinamentos do grande mentor e amigo Giassi, seguramente ajudará você, assim como me ajudou, a orientar no caminho que devemos sempre andar, além de ser uma fonte de ensinamento às futuras gerações de profissionais, líderes e porque não dizer de cidadãos que desejam fazer deste um mundo melhor..

Boa leitura...





# O Ponto de Partida

*“Uma vida sem desafios não  
vale a pena ser vivida”.*  
Sócrates





*Mérica Mérica*  
[Folclore Italiano] Merica-Merica (1875)

*Dalla Italia noi siamo partiti  
Siamo partiti col nostro onore  
Trentasei giorni di macchina e vapore,  
e nella Merica noi siamo arriva'.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*E alla Merica noi siamo arrivati  
no' abbiam trovato nè paglia e nè fieno  
Abbiam dormito sul nudo terreno  
come le bestie andiam riposar.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*E la Merica l'è lunga e l'è larga,  
l'è circondata dai monti e dai piani,  
e con la industria dei nostri italiani  
abbiam formato paesi e città.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*Mérica Mérica (Tradução)*  
América América

*Da Itália nós partimos,  
Partimos com a nossa honra  
Trinta e seis dias de cvarro e navio  
E na América chegamos*

*América, América, América,  
Que coisa será esta América?  
América, América, América,  
É um lindo ramalhete de flores.*

*Na América nós chegamos  
Não encontramos nem palha e nem feno  
Dormimos sobre o durop terreno  
Como os animais, repousamos.*

*América, América, América,  
Que coisa será esta América?  
América, América, América,  
É um lindo ramalhete de flores.*

*A América é longa e larga  
É formada de montes e planícies.  
E com o esforço dos nossos italianos  
Construímos vilas e cidades.*

*América, América, América,  
Que coisa será esta América?  
América, América, América,  
É um lindo ramalhete de flores.*

*América, América, América,  
Que coisa será esta América?  
América, América, América,  
É um lindo ramalhete de flores.*

A lua cobria o convés com raios prateados que, aqui e ali, penetravam as escotilhas levando um pouco de luz ao interior daquele navio. Com, aproximadamente, setenta metros de comprimento ele navegava sobre as ondas bravias do Atlântico. Lá no horizonte ainda se viam vestígios da Itália. À frente, se *Dio Le voi* (se Deus quiser), o Brasil.

A bombordo os Giassi misturavam-se a outros emigrantes que entenderam de viver a grande aventura de ir buscar a felicidade na *Merica*.

O badalar do sino, pendurado num dos mastros daquela nave, interrompeu a canção que um grupo cantava: *Merica, Merica, Merica, cossa saràlo 'sta Merica?...*

Era hora da ceia.

A rotina se repetiria por 36 dias - e noites: centenas de italianos, somados a muitos alemães, portugueses e de outras nacionalidades, embarcados no transatlântico de passageiros Giulio Cesare, emigrando para a América, em busca do Brasil.

Certamente, ao clarear o dia, bebia-se café, como fazemos atualmente. Certamente, durante o dia, bebia-se muita água. Certamente, com o sol a pino, eram chamados à refeição do meio-dia.

Certamente...

O que mudara, mesmo, era o tamanho do universo disponível para cada um deles, para todos eles. As bordas e o casco daquela nau eram seus limites. Limites estreitos, rigorosamente delineados.

Imaginemos: já no final da primeira semana os assuntos que pudessem alimentar um bom papo haviam se esvaído. Nada mais a falar.

A saudade começava a apertar. Sim, porque, em que pese o desejo de ser buscada uma vida

nova, em terras distantes, todos os valores individuais, familiares e comunitários, iam se distanciando, ficando para trás.

A música, ao cair das tardes, dava vazão ao sentimento mais profundo que o homem pode experimentar: a saudade. E, não raras vezes, as lágrimas brotavam sucessivamente, num, noutro, em mais um, em mais outro, em todos aqueles italianos.

Por mais limitada que fora a educação intelectual de cada um, a angústia da saudade pungia suas almas.

Animava-os, contudo, o desafio audacioso e atrevido de enfrentar *trentasei giorni di macchina e vapore* (36 dias de máquina e vapor), na esperança de que suas vidas tomariam outro norte.

Estava presente o que dissera Sócrates na velha Atenas: Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida.

E cantavam:

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*



# A Ordem era Colonizar o Brasil

Deitado, eternamente, em berço esplêndido...  
O gigante precisava acordar.



Houve um momento em que a consciência política do governo imperial brasileiro concluiu que o país possuía território continental e que esse precisava ser habitado.

As famílias estabelecidas nas cidades litorâneas resistiam ao convite à transferência para o interior e havia motivos de sobra para que assim raciocinassem: a falta de comunicação, de toda ordem, o perigo eminente de ataques de animais silvestres e de índios remanescentes de tribos exterminadas e, com peso significativo, a dificuldade de mão de obra para os misteres que a tomada do interior impunha. Justificação sobrava para a resistência à interiorização.

Nasceu, então, a possibilidade de ser buscado, nos países europeus, o agente indispensável à tomada do Brasil Central e do Oeste.

Descortinou-se a política da busca dos territórios mais distantes facilitando-se o ingresso de emigrantes de diversas nacionalidades.

Hastear a bandeira brasileira nos mais remotos pontos do país era a determinação do imperador.

Na cidade do Rio de Janeiro, junto à corte, empresas colonizadoras foram estabelecidas para esse específico fim.

Estas enviaram seus agentes a diversos países do Velho Mundo, marcadamente a Alemanha, a Polônia e a Itália em cujas comunidades se divulgou a propaganda brasileira que os incitava à riqueza.

Era o início dos anos 1800.



Cartazes convidam: Venham construir os seus sonhos com a família.



Mapa do Brasil em 1890.



Mapa da Itália com destaque para Região da Lombardia.



Brasão de Armas do Império Brasileiro.



De um modo especial, na segunda metade do Século XIX, famílias inteiras foram sendo arrebanhadas e trazidas. Em diversas levas. Em inúmeras viagens transatlânticas.

São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo - especialmente esses quatro Estados - recebiam aquelas que acediam ao convite para desbravar o Brasil.

Em igual período a Itália praticava uma campanha de reunificação de seu território, haja vista que a península era retalhada em várias unidades monárquicas, independentes entre si. Os dialetos que abundam aquele país, ainda nos dias atuais, refletem os diversos 'reinos' havidos até 1871 quando o país tornou-se, politicamente, um Estado unitário.



Mapa da província de Bergamo, Região da Lombardia

Grande parte dos italianos dependia, economicamente, de uns poucos abastados que dominavam a economia e seus setores produtivos.

Na condição de empregados os italianos possuíam poucos bens de raiz: eram contados os que residiam em casa própria e aqueles que eram donos da terra na qual plantavam.

Ficava fácil, então, fazer ecoar a propaganda do imperador Pedro II que prometia terra àqueles que quisessem enriquecer, fazer fortuna, no Brasil.

E o surto emigratório italiano ficou robusto: navios de todas as bandeiras, mensalmente, aportavam em Genova para transportar emigrantes à *Mérica* - era assim que se referiam à aventura de trasladar o Atlântico objetivando a riqueza.

Em novembro de 1879 os compatriotas vênéticos já haviam trasladado o oceano na busca das terras da província de Santa Catarina, no Sul do Brasil: no navio Krouprins Friedrich Wilhelm, atracado em Genova, embarcaram para a aventura de colonizar a colônia São José de Cresciuma, o que se deu a partir de 6 de janeiro de 1880.







# A Vertente da História

*“É fácil encontrar o paraíso.  
Basta conhecer o itinerário.”*  
Royal Caribbean Lines



A península itálica tem contribuído, de forma singular, com o desenvolvimento do Brasil. No período da colonização do nosso interior territorial, ao lado de Portugal, da Polônia e da Alemanha a Itália cedeu famílias inteiras para o povoamento do país.

Dois regiões italianas se sobressaíram na política da emigração, ambas ao Norte: o Veneto e a Lombardia.

1848. Província de Bergamo. Região da Lombardia. Capital: Bergamo. A 7 de fevereiro, na comunidade de Pognano, nascia Giovanni Giassi, filho de Lucia Garlini e Ângelo Giassi. Pognano é uma comuna italiana da região da

Lombardia, província de Bérghamo, com cerca de 1.300 habitantes. Estende-se por uma área de 3 km<sup>2</sup>, tendo uma densidade populacional de, aproximadamente, 420 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Arcene, Lurano, Spirano, Verdello.

### ***L'ATO DI NASCITA DI GIOVANNI GIASSI***

*Nato il 07 Febbraio 1848 al mattino e battezzato alle ore 15:00 italiana dello stesso giorno.*

*Figlio di: Lucia Garlini e Angelo Giassi di Pognano, sposati nel 1843 l' 11 Gennaio a Pognano, di Religione Cattolica.*

*Padrino: Giuseppe Giassi*

*Levatrice: Giovanna Valenti*

*Il Parroco: Pietro Locatelli*

Certidão de nascimento de Giovanni Giassi, nascido a 7 de fevereiro de 1848, de manhã, e batizado às 15h00 - horário italiano - desse mesmo dia. Filho de Lucia Garlini e Angelo Giassi, de Pognano, casados em 1843, dia 11 de janeiro, de religião católica. Padrinho: Giuseppe Giassi. Madrinha: Giovanna Valenti. Vigário: Pedro Locatelli.

1880: aos 32 anos de idade Giovanni Giassi contrai matrimônio com Barbara Moleri e, dessa união, nascem Giuseppe Lucio (1881), Carlo

Pietro (1883), Maria Lucia (1885) Lucia (1887), Luigi (1888) e Anna (1890).

## PARROCCHIA DI S. CARLO BORROMEO - POGNANO

Pognano, 6 ottobre 2000

In riferimento alla sua richiesta del 29.05 00 le invio in allegato fotocopia dell'atto di battesimo dei figli di Giovanni Giassi e di Barbara Moleri:


- **Giuseppe Lucio** nato il 31 luglio 1881 e battezzato il 1 agosto 1881
- **Carlo Pietro** nato e battezzato il 2 luglio 1883
- **Maria Lucia** nata e battezzata il 1 marzo 1885
- **Lucia** nata e battezzata il 30 gennaio 1887
- **Luigi** nato il 21 settembre 1888 e battezzato il 22 settembre 1888
- **Anna** nata e battezzata il 27 marzo 1890

Nel registro dei battesimi non figura alcuna Marietta o Maria figlia di Giovanni e di Barbara Moleri. Probabilmente si tratta di Maria Lucia, nata nel 1885.

Sicuro che le possa interessare, allego inoltre alla presente lo stato d'anime relativo alla famiglia di Angelo Giassi padre di Giovanni, redatto dal parroco Don Giovan Battista Epis attorno all'anno 1880.

Scusandomi per il ritardo nella risposta, le porgo i miei più cordiali saluti.

Il parroco  
Don Cesare Passera



*Don Cesare Passera*

Fac-símile da certidão de batismo dos filhos de Giovanni Giassi e Barbara Moleri, por solicitação de seus descendentes: Com referência ao seu pedido de 29.5.00 envio-lhe em resumo fotocópia do ato de batismo dos filhos de Giovanni Giassi e Barbara Moleri: Giuseppe Lucio nascido a 31 de julho de 1881 e batizado a 1º de agosto de 1881; Carlo Pietro nascido e batizado a 2 de julho de 1883; Maria Lucia nascida e batizada a 1º de março de 1885; Lucia nascida e batizada a 30 de janeiro de 1887; Luigi nascido a 21 de setembro de 1888 e batizado a 22 de setembro de 1888; Anna nascida e batizada a 27 de março de 1890.



Antes de embarcar, para a colonização proposta, os emigrantes adquiriam colônias territoriais brasileiras à vista de informações cartográficas que lhes eram transmitidas pelo agenciador de emigrantes. Mapas lhes eram mostrados por tais agentes, mas não lhes eram transmitidas as condições de acesso às terras adquiridas.

Cada emigrante se comprometia, também, a pagar tais propriedades, ao governo imperial brasileiro, em prestações anuais. Contratos, nesse sentido, eram celebrados bilateralmente.



Sentados, de boina, a matriarca da família Barbara Moleri Giassi, nascida em 1880, viúva de Giovanni Giassi, na companhia dos filhos Giuseppe, Maria Lucia, Carlos Pietro, Lucia e Luigi.

1890: no porto de Genova - porta italiana de entrada/saída para o mundo - a família de Giovanni Giassi embarca à busca do eldorado prometido pela propaganda colonizadora brasileira. Navio: Giulio Cesare, de bandeira italiana. Destino: a *Merica*, o Brasil.

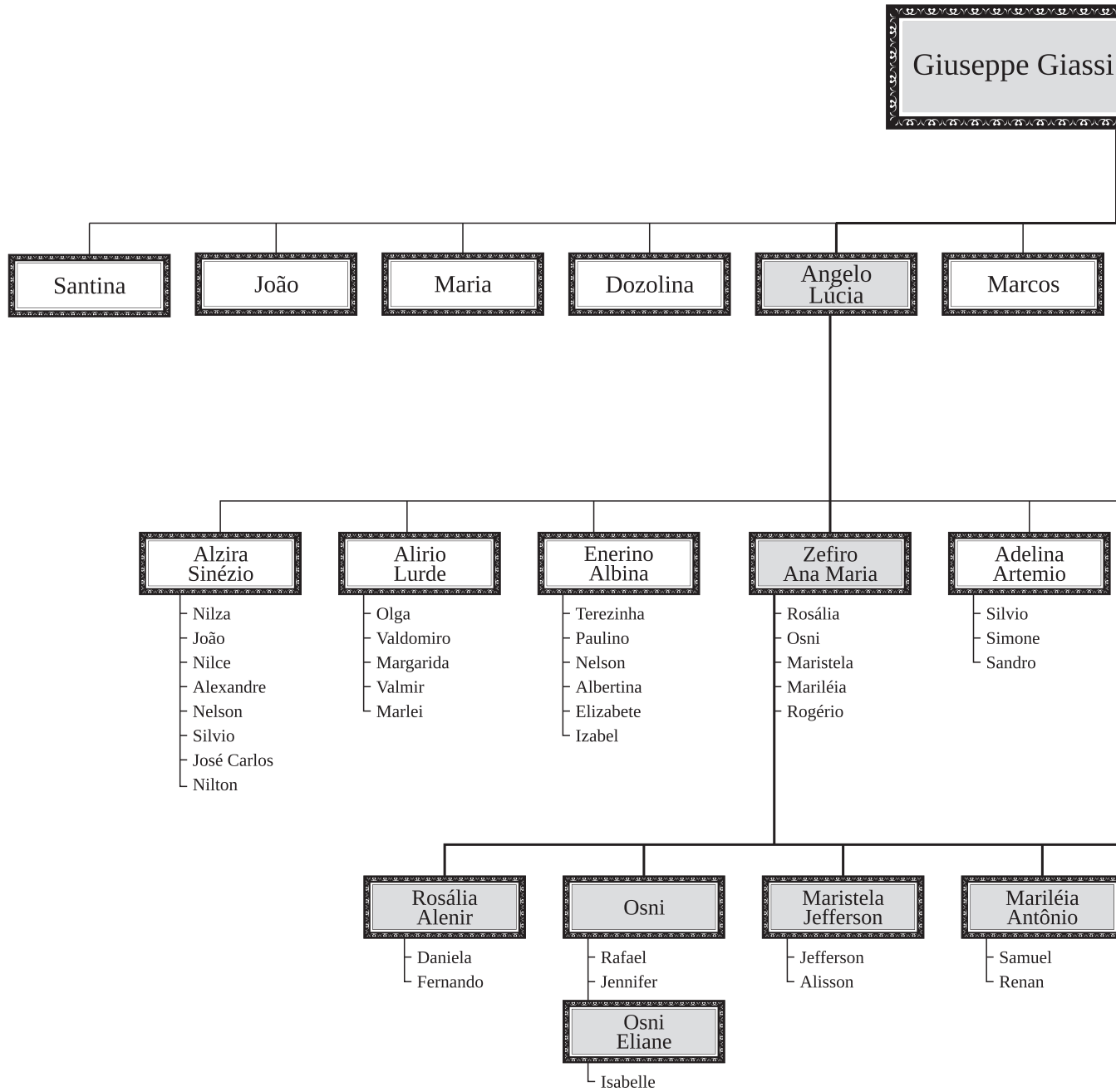


Os imigrantes Giuseppe e Tereza com os filhos nascidos no Brasil. O último, à direita, é Ângelo - pai de Zefiro.



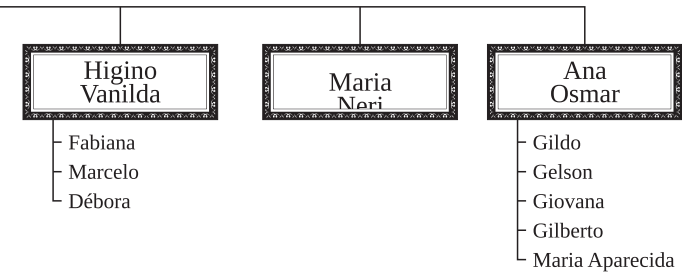
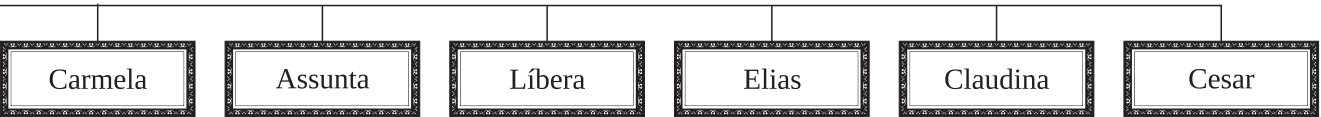


# Família Giassi, de Giuseppe.





& Teresa Stuchi







# Isto Aqui era Assim

*“Se queres prever o futuro,  
estuda o passado”.*  
Confúcio



A província de Santa Catarina possuía (1890), na cidade de Desterro (hoje Florianópolis) a sua capital. Contava com 22 municípios, politicamente constituídos que, pela ordem cronológica da respectiva constituição, eram os seguintes: São Francisco do Sul, Laguna, Florianópolis, Lages, Porto Belo, Biguaçu, São José, Itajaí, Tijucas, Joinville, Curitibanos, Mafra, Tubarão, Araquari, Araranguá, Blumenau, Brusque, Campos Novos, São Bento do Sul, Camboriú, São Joaquim e Imaruí.

Aqueles emigrantes viriam para o município de Araranguá, para ajudar a construir a colônia São José de Cresciuma, fundada a 6 de janeiro de 1880, tomando conta das terras adquiridas ainda em solo italiano.

Cada colônia media 320m de frente por 1.000m de fundos, ou 320.000m<sup>2</sup>. (Hoje essa medida agrária mede 250m x 1.000m).

O município de Araranguá se estendia das margens do rio Urussanga, em Jaguaruna (Tubarão) ao Norte, à divisa com o Estado do Rio Grande do Sul (rio Mampituba) ao Sul. O oceano Atlântico a Leste, e a serra Geral (São Joaquim e o Rio Grande do Sul) a Oeste.

Além de Cresciuma - assim denominada em decorrência da presença substancial da gramínea de igual nome que cobria seu território - Araranguá contava com as comunidades de Volta

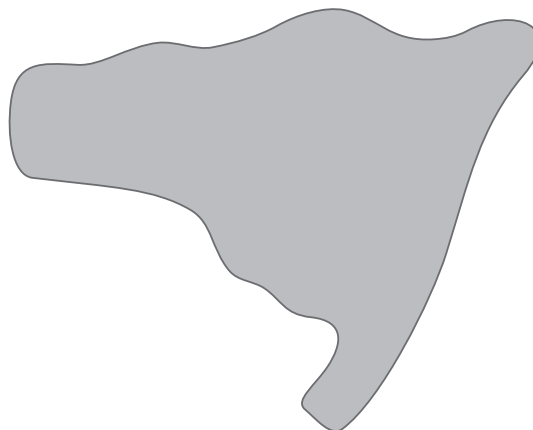
Grande (hoje Jacinto Machado), Turvo, Passo do Sertão (hoje São João do Sul), Nova Veneza, Urussanga Velha, Praia Grande, Meleiro, Ermo, Maracajá, dentre outras.

Havia caminhos de tropeiros que, originários da serra, buscavam Morro dos Conventos, ponto de comercialização de bens entre gaúchos e catarinenses, bem como aqueles que demandavam de Cresciuma a Jaguaruna; entre Cresciuma - Mãe Luzia - Nova Veneza; entre Jaguaruna - Urussanga Velha e Araranguá, Urussanga Velha e Cresciuma, e entre Cresciuma - Cocal - Urussanga. Por eles trafegavam carros de bois, carroças e, principalmente, pessoas montadas a cavalo e/ou a pé.

A Monarquia, representada pelo Império do Brasil, único na América, acabara de ser substituída pela República proclamada um ano antes, em 1889, com o exílio do imperador Pedro II e toda a família imperial.

O território de Cresciuma era elevado à categoria de distrito (Lei nº. 48, de 2 de setembro de 1892) e o imigrante, de levas anteriores, João Zanette designado para o cargo de juiz de paz.

Pode-se afirmar, então, que os Giassi já encontraram uma “base civilizada” para o desenvolvimento de suas atividades: fazia 10 anos que os primeiros italianos aqui haviam se estabelecido.



Mapa de Santa Catarina em 1890.





# A Viagem e a Chegada ao Brasil

*“A coragem é a primeira das qualidades  
humanas porque garante todas as outras”.*  
Aristóteles





*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

cantavam ali em cima, se ocorresse chuva, caso contrário, naturalmente, eles subiam ao piso superior do navio e bastava que um comesse para, em seguida, o coro se formar:

Era o canto de todos os finais de tarde. Só não

*Merica, Merica...*



Vários compêndios que falam da emigração italiana publicam essa foto mostrando o embarque, no porto de Gênova.

Giovanni Giassi e sua família fizeram o percurso Itália - Brasil - Cresciuma um pouquinho diferente daquele a que se submeteram os primeiros italianos que nos colonizaram para chegarem até aqui.

Depois de embarcados em Genova e de *trentasei giorni di macchina e vapore*, desembarcaram na ilha das Flores, Rio de Janeiro e se hospedaram na Hospedaria dos Imigrantes.

Essa hospedaria fora instituída pela então Ins-

petoria de Terras e Colonização, do Ministério da Agricultura, em 10 de maio de 1883, segundo alguns documentos; sabe-se, porém, que o primeiro livro de Registro de Imigrantes é datado de 1877. Foi desativada em 1966, e passou a ser ocupada pela Marinha do Brasil.

A ilha ostentou a função de hospedaria até 1966, tendo recebido imigrantes de dezenas de nacionalidades, destacando-se os portugueses, os italianos, os espanhóis, os polacos e os alemães.

“Merica, Merica, Merica - un bel mazzolino di fior”. Folclore italiano

Do Rio de Janeiro, noutra embarcação, costeando o litoral brasileiro, vieram até a cidade de Desterro onde, acolhidos na Hospedaria dos Imigrantes, legalizaram seus documentos.

Santa Catarina também tinha a sua hospedaria

de imigrantes. Estava localizada em Saco do Padre Inácio, depois Saco da Lama, onde hoje, pelo lado continental, se tem acesso às pontes que dão para a ilha. Aquela edificação comporta, agora, o portal de informações turísticas da ilha de Santa Catarina.



Hospedaria dos imigrantes transformada em Portal de Turismo da ilha de Santa Catarina.

Tal hospedaria era ponto obrigatório de passagem de todos os estrangeiros que demandavam ao nosso Estado, eis que, ali, desembarçavam compromissos alfandegários e regularizam seus documentos habilitando-se ao título de imigrante.

No ancoradouro que dava frente para a hospedaria embarcaram para o porto de Imbituba. Dessa cidade, num dos comboios da Estrada de Ferro Dona Theresa Christina, viajaram

para Pedras Grandes, interior do município de Tubarão. Nessa estação desembarcaram horas depois.

Dali, recebidos e orientados pela empresa colonizadora, empreenderam viagem a Cresciuma, via Rancho dos Bugres, Urussanga e Cocal.

Estabeleceram-se na localidade de Primeira Linha, “lá fora, muito distante do centro do povoado de Cresciuma”.



# Um Novo Projeto de Vida

*“E con la industria dei nostri italiani,  
abbiam formato paesi e città”.*  
Folclore italiano



Vamos imaginar.

Uma família: o casal e mais seis filhos, o mais velho com nove anos e o mais novo neném de colo, deixa o seu habitat, o seu país, a sua cidade, a sua comunidade, a sua língua, os seus costumes e parte para uma aventura que até poderá dar certo.

*I adizzo?* E agora?

Boa pergunta!

Ali estavam Giovanni e Barbara, com seus filhos, para darem início ao seu projeto de vida em terras brasileiras.

Giuseppe Lucio, o filho mais velho, com nove anos de idade. Carlo Pietro, o segundo, com sete. Maria Lucia com cinco. Lucia com três e Luigi com dois anos. Consta que Anna, embarcada neném de colo, adoecera e perdera a vida a bordo do navio que os trazia para o Brasil tendo sido “sepultada” nas águas do oceano Atlântico.

A exemplo de, praticamente, todos os imigrantes colonizadores de Cresciuma, eles também não eram letrados nem ricos. Então, ao responder à pergunta *i adesso?* Giovanni e Barbara responderam: e agora é mãos à obra!

Uma pequena casa os aguardava e ali fixaram residência.

Instrumentos agrícolas foram adquiridos no armazém dos Rovaris e o trabalho foi esquematizado.

Lado a lado Giovanni e Barbara passaram às tarefas de derrubada de parte da mata e à conseqüente preparação do terreno para o primeiro plantio.

Beppe Lucio, o filho primogênito, ajudava ali e nas tarefas domésticas, especialmente aquelas que envolviam os animais domésticos como a vaca - que lhes dava o leite diário, as galinhas -

No outro lado do oceano um outro oceano, tão bravio e gigantesco como o é o Atlântico: o das incertezas. *cossa saràlo ‘sta Merica?* Como será essa América?

E vieram. E chegaram. E, ao chegar, se perguntaram:

que os alimentavam com ovos, os bois - que punxavam as toras derrubadas no mato, os porcos - que seriam abatidos para fornecer-lhes carne e embutidos, e os cavalos - indispensáveis para o ir-e-vir dali a qualquer lugar. Nesses serviços era coadjuvado pelos demais irmãos

Tementes a Deus - como ocorria com todos os italianos de então - Barbara e Giovanni dedicavam o final da tarde, diariamente, à reza do terço e à invocação a *la Madonna* (Nossa Senhora) educando seus filhos sob os preceitos da santa madre igreja Católica, Apostólica, Romana. Em todas as casas era comum a reza de orações sabidas por todos os italianos. Por exemplo:

*Nel nome del Padre e del Figlio e dello Spirito Santo. Amem* (Sinal da Cruz)

*Angelo di Dio - (Anjo da Guarda) Angelo di Dio, che sei il mio custode, illumina, custodisci, reggi e governa me, che ti fui affidato dalla pietà celeste. Amen*

*PADRE NOSTRO - (Pai Nosso) Padre nostro, che sei nei cieli, sia santificato il tuo nome, venga il tuo regno, sia fatta la tua volontà, come in cielo così in terra. Dacci oggi il nostro pane quotidiano, e rimetti a noi i nostri debiti come noi li rimettiamo ai nostri debitori, e non ci indurre in tentazione, ma liberaci dal male. Amen.*

*AVE, O MARIA - (Ave Maria) - Ave, o Maria, piena di grazia, il Signore è con te. Tu sei benedetta fra le donne e benedetto è il frutto del tuo seno, Gesù. Santa Maria, madre di Dio, prega per noi peccatori, adesso e nell’ora della nostra morte. Amen.*

*GLORIA - (Glória) Gloria al Padre e al Figlio e allo Spirito Santo. Come era nel principio e ora e sempre nei secoli dei secoli. Amen.*

*SALVE, REGINA - (Salve Rainha) - Salve, Regina, madre di misericordia, vita, dolcezza e speranza nostra, salve. A te ricorriamo, esuli figli di Eva; a te sospiriamo, gementi e piangenti in questa valle di lacrime. Orsù dunque, avvocata nostra, rivolgi a noi gli occhi tuoi misericordiosi. E mostraci, dopo questo esilio, Gesù, il frutto benedetto del tuo seno. O clemente, o pia, o dolce Vergine Maria.*

*ANIMA CHRISTI - (Alma de Cristo) - Anima Christi, sanctifica me. Corpus Christi, salva me. Sanguis Christi, inebria me. Aqua láteris Christi, lava me. Pássio Christi, confórta me. O boné Iesu, exáudi me. Intra tua vulnera abscónde me. Ne permíttas me separári a te. Ab hoste maligno defende me. In hora mortis meae voca me. Et iube me veníre ad te, ut cum Sanctis tuis laudem te in sæcula sæculórum. Amen.*

Bárbara se responsabilizou, também, pelo ensinamento do catecismo indispensável ao *ofício della prima comunione* (ato de primeira comunhão) de seus filhos.

Missa, somente em *la doménica* (no domingo) na *chiesa* (igreja) de Cresciuma, alcançada a pé ou sobre o lombo de cavalos.

E escola?

Pois é: havia, no centro da comunidade de Cresciuma, uma escola para meninos.

Nela foram matriculados os rapazes da família de Giovanni, cada um ao seu tempo.

O objetivo era a alfabetização na língua portuguesa. Em casa falavam apenas no dialeto trazido da Itália. A nova educação era indispensável. Rudimentar, com certeza, mas com as dificuldades vencidas pela obstinação da mãe e do pai que exigiam o melhor para seus filhos.

Aos domingos - naquela época não havia os prolongados finais de semana - crianças, jovens e adultos - participavam de corridas de cavalo, festas e atividades religiosas. Jovens e adultos se divertiam com baralho, jogo da mora, bocha e domingueiras que faziam o elenco de lazer dessa família como, de resto, de todos os que habitavam o núcleo da colônia São José de Cresciuma.

Assim cresceram - e se tornaram cidadãos honrados - os filhos de Giovanni e Barbara.

E escola para as filhas?

- As meninas eram educadas para as tarefas domésticas como cuidar da casa, lavar roupa, cuidar da cozinha e da comida e se preparar para a maternidade. Escola, só para meninos!





# E Giuseppe Encontrou Tereza

*“O futuro pertence àqueles que acreditam  
na beleza de seus sonhos.”*  
Eleanor Roosevelt





Não se contavam muitas pessoas residindo em território cresciunense.

Grande parte da população era a constituída pelos próprios emigrantes. Havia, sim, algumas pessoas de outras nacionalidades como os alemães e os poloneses e, evidentemente, os brasileiros natos. Mas no Santo Antonio, no Sangão, em Nova Veneza, em São Bento Alto e São Bento Baixo, nas Linhas coloniais, era tudo descendente de italianos.

As dificuldades de comunicação impostas pela língua fizeram com que os valorosos imigrantes se fechassem entre si mantendo, entre as famílias originárias da Itália, toda espécie de relacionamento.

Embora não tivesse sido determinado, pre-emptoriamente, convencionaram entre eles que 'italiano casa com italiana', 'italiana casa com italiano' ou com descendente de italianos, e ponto.

Isso limitava, para os jovens candidatos ao casamento, uma possibilidade maior na busca da companhia matrimonial.

Os flertes e os primeiros contatos resultavam da presença de moças e rapazes nas confraternizações de então, especialmente nas missas, festas e domingueiras, estas constituídas de bailes feitos aos domingos à tarde, em locais diversos, abrilhantados por gaiteiros.

Foi num desses encontros que o Giuseppe Lúcio encontrou a Tereza. Ele Giassi. Ela Stucchi. Os olhos dele encontraram os delas e todos os olhos brilharam. Um friozinho tomou o coração dela e o dele.

O segundo pré-requisito estava contemplado: ambos eram italianos.

Depois de namorarem relativamente bastante,

e de noivarem - como determinavam os costumes - José Lúcio e Tereza juraram amor eterno na capela de São João - Primeira Linha -, numa segunda-feira, (Segunda-feira? Sim, por que não?) 4 de junho de 1900.

Mas é, no mínimo, intrigante. Dia 4 de junho, no calendário das comemorações da santa mãe, é dia de santa Clotilde, viúva de Clóvis, rei dos francos. Ninguém sabe disso. Nem mesmo os noivos sabiam. Se fosse uma santa mais 'famosa' aquele dia poderia ter sido, até, um feriado, condição ideal para um casamento. Mas, que nada!



**CATEDRAL SÃO JOSÉ**  
Diocese de Criciúma  
Rua Santo Antônio, 22 - Cx. P. 103 - Centro  
Criciúma-SC CEP: 88801-440  
Fone (48) 3433-1079  
E-Mail: catedralsaojose@terra.com.br

## ***Certidão de Matrimônio***

*Data da celebração: segunda-feira, 4 de junho de 1900*

*Local: CAPELLA SÃO JOÃO*

*Depois de efetuado os proclamas e demais formalidades prescritas, não aparecendo impedimento algum,*

*na presença da test. qualificada PE.LODOVICO COCCOLO*

*e das testemunhas: ANGELO GUIDI*

*e ANGELO ANGELONE*

*receberam-se em Matrimônio: JOSEPHI GIASSI*

*e TERESA STUCCHI*

*Ele, com 19 anos de idade;*

*Filho de FALECIDO JOÃO E BARBARA MOLESI*

*Nascido em ITALIA*

*Batizado em*

*e residente em*

*Ela, com 20 anos de idade;*

*Filha de MADDALENA GHIDOTTI E (PAI ILEGÍVEL)*

*Nascida em ITALIA*

*Batizada em*

*e residente em*

*Livro: 1*


*Folha: 4*

*Número: 22*

*Observação: Conforme o Registro de Batismo do dia 01 de agosto de 1881, da Paróquia São Carlos Borromeo - Pognano - Bergamo - Itália o nome de Batismo é Giuseppe Lucio Giassi.*

*Para constar mandei lavrar esta certidão que assino.*

*Criciúma, 27 de janeiro de 2009*

  
*Dinage Marchioro Teixeira*  
*Secretária*

O nome de José foi grafado de diversas formas: Giuseppe, Juseppe, Josephi. Em casa era o Beppi. E pronto!

Casaram numa segunda-feira. Fazer o quê?

Celebrante: padre Lodovico Coccolo.

Testemunhas: Angelo Guidi e Angelo Angeloni.  
Ele com 19 anos e ela com 20.

Como ocorria com todas as festas que reunissem os italianos esse casamento teria o almoço encerrado com muito vinho e muita música destacando-se as vozes dos Dalmolin, dos Cichella, dos Zanolli, dos Biff, dos Darolt e dos Mazzuchello.

Obedientes aos costumes de então os recém-casados foram residir na casa dos pais do noivo.

Competia à noiva o enxoval que, constituído de utensílios domésticos, roupas de cama e mesa, era conhecido como o “dote”. Se, desse dote, fizesse parte uma máquina de costura a noiva era considerada uma nubente muito rica.

Não conseguimos apurar se tal equipamento foi adicionado ao dote de Tereza.

Nos primeiros tempos residiam e eram proprietários de terras na Primeira Linha, proximidades da atual capela católica dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Depois, foram para nova propriedade em terras adquiridas na Quarta Linha.

É preciso que se diga que o núcleo da Quarta Linha, o “centro”, era localizado no território em que, hoje, a empresa BPM (HG) mantém suas unidades fabris. Ali, além de um armazém, havia uma igrejinha, uma pequena escola e um cemitério, tudo administrado por alemães. Chamavam: *a escola dos alemães, a igreja dos alemães, o cemitério dos alemães*. Somente a partir dos anos 1950 é que o centro desse importante bairro foi deslocado para a sede atual. Paulatinamente, a escola, a igreja e o cemitério foram sendo abandonados e, por fim, demolidos. Todavia, mais tarde, ali foram construídas

uma nova capela e uma nova escola, ambas sobre terras de propriedade de José Giassi, avô de Zefiro, e que se mantém em francas atividades.

José Lúcio teve como atividade principal, no seu dia-a-dia, a profissão de agricultor. Lavrador ou colono, era assim rotulado. Tereza, como ocorria com todas as mulheres casadas, dona de casa.

Desse matrimônio nasceria uma considerável



prole que muito contribuiu para o progresso de toda a região:

João, (1901) casado com Mística Lodetti. Filhos: Ermínia, Mário, Sezira, José, Alida, Antonio, Angelina, Otávio e Mística. Em segundas núpcias com Rosa Rosso. Filhos: Maria, Libera, Alerino, Alida, Dionizio e Dino.

Angelo, (1903) casado com Fortunata Lucia

Rosso. Filhos: Alzira, Alírio, Enerino, Zefiro, Adelina, Higino, Maria e Ana.

Santina, (1904) casada com Luiz Bardini. Filhos: Mário, José, Marcolina, Porfírio, Maria e Tereza.

Maria, (1905) casada com Luiz Benfato. Filhos: Anorino, Dorvina, Valdemniro, Elmira, Elédia, Anélia.

César, (1906) que não se casou. Não teve descendência.

Carmelina, (1907) casada com Felipe Serafim da Silva. Filhos: Domingos, Natal, Divino, Walmor, Maria, Santina, José, Doroti, Santino e Vandir.

Marcos, (1908) casado com Irene Salvador. Filhos: Marcolina, Diniz, Protásio, Protásia, Hilário, Terezinha, Honório, Dionísio e Maria.

Líbera, (1912) casada com Adolfo Colle. Não teve descendência.

Assunta, (1913) casada com João Niero. Não teve descendência.

Dozolina, casada com Antonio Rosso. Filhos: Adarino, Delfino, Agenor e Ângelo – gêmeos, Nilza, Adenir, Alvai, Anice, Adair e Alcides.

Elias, (1918) casado com Clara Helena Rosso. Filhos: Hélia, Elza, Hélia Marcolina, Helena, Hélio, Eliza, Maria Elida e Maria Elite.

Claudina, (1921) casada com João José de Freitas. Filha: Marlene.

Doze, uma dúzia de filhos. Quase um por ano como, aliás, era a ‘cultura’ dos imigrantes: famílias constituídas por muitos filhos.

Cada um deles com sua história.  
Cada um com suas conquistas.  
Cada um com seus sucessos.



Cada um merecendo uma publicação reveladora de suas virtudes.

De todos esses casais chefes de famílias temos apenas um representante vivo (2010): a Senhora Clara Helena Rosso Giassi, viúva de Elias, conhecida pelo apelido de Clarinda.

Com seus lúcidos 92 anos de idade ainda acorda cedo, alimenta galinhas, perus e pavões, dá comida para passarinhos, cuida de um canteiro da

horta, varre a casa, faz o café, faz a sua comida diária de cada refeição e um bolo para satisfazer ao seu filho Hélio que a visita todos os dias.

Dona Clarinda falou dos primeiros tempos, das dificuldades, dos sacrifícios, dos costumes. Afirmou que todos os Giassi, no primeiro momento, fixaram residência na Primeira Linha São João. Somente mais tarde Giovanni trocou as propriedades dessa para a Quarta Linha. Os Giassi, todos, viviam da agricultura: princi-



palmente arroz, milho e feijão. Uma parte dos grãos colhidos era reservada ao consumo da família. O restante era vendido para terceiros e, com o produto da venda, comprava-se mais terras - afirmou.

Dona Clara se recorda bem da infância dos filhos dos cunhados Ângelo e Lucia. Faziam economia em tudo. *Inclusive*, conta, o Alírio (filho mais velho) uma vez foi para a escola com as calças presas por “cinto” feito de embira. O

*nonno*, vendo aquilo, perguntou se ele não se envergonhava. E ele respondeu: não nonno, não compro cinto porque temos que pagar as terras que o pai comprou.

Quando Zefiro passava em frente à sua casa, a cavalo, para ir para Forquilha, onde estudava, sempre a cumprimentava pedindo-lhe a bênção. Parece que to vendo ainda aquele menino em cima do cavalo, ali na frente - e apontou o dedo para a estrada em frente à sua casa.



Giuseppe e Tereza, com seus descendentes, nas comemorações de suas Bodas de Ouro, Quarta Linha, 1950.



Clarinda Rosso Giassi, a última do tronco de Beppi e Tereza Giassi. Sobre a chapa do fogão o bolo que faz todos os dias para o filho Hélio.



O Município de Criciúma batizou uma unidade escolar com nome de José Giassi, benfeitor da comunidade de Quarta Linha.





# Angelo e Fortunata

E desse matrimônio nasceu aquele que se tornaria o personagem deste livro.





José Giassi faleceu aos 83 anos de idade, a 20 de setembro de 1964 e o sepultamento se deu no cemitério de Morro Albino, uma das comunidades referência da imigração italiana de Santa Catarina.

Vamos nos centrar num dos troncos descendentes de Giuseppe Lucio e Tereza Stucchi. Falemos de Angelo Giassi e Fortunata Lúcia Rosso Giassi. Ou melhor, vamos fixar nossa fala num dos filhos desse ilustre e saudoso casal: falemos de Zefiro.



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**ESTADO DE SANTA CATARINA**  
**MUNICÍPIO E COMARCA DE CRICIÚMA**  
**OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS**  
Marcus Vinícius Almada Fernandes – Oficial Titular  
Luís Roberto Fernandes-Substituto Legal / Sarita Ortolan-Escrevente Substituta

### CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, sob nº: **8953**, folha nº: **157** livro nº: **C-17** de Registro de Óbitos, encontra-se o assento de: ---

--- **JOSÉ GIASSI** ---

do sexo masculino, Viúvo, inativo, natural de da Itália-, residente e domiciliado na Criciúma,SC-. Com 83 Anos de idade. ---

Filho de: **João Giassi** natural de: da Italia e de: **Barbara Giassi** natural de: da Italia. ---  
Falecido no(a) em domicílio, Criciúma,SC em 20 de Setembro de 1964, as 17:00 horas. ---

Declarante: Henrique Lodetti, ---

exibiu atestado de óbito firmado pelo médico: **Dr. José Rogério Peressoni Castro**, ---

Causa Morte: **Côr Pulmonar Crônica**, ---

O Sepultamento: **Cemitério do Morro Albino**, ---

O Assento foi feito no dia: **23/09/1964**, ---

Observação: **O falecido não deixou bens a inventariar, e era viúvo de TEREZA STUCHI.**

O referido é verdade e dou fé:

Criciúma, 21 de janeiro de 2009

**CLENIR MANENTE TYBINKOVSKI**  
Escrevente

Clenir Manente Tybinkovski  
Escrevente



Impresso por: CLENIR

|                             |     |       |
|-----------------------------|-----|-------|
| Certidão sem averbação..... | R\$ | 12,30 |
| Selo.....                   | R\$ | 1,00  |
| Total.....                  | R\$ | 13,30 |

Rua Vitério Serafim, 120, Edifício Matiola-Térreo, Centro – Criciúma / SC  
CEP: 88.801-012 – Fone/Fax: 48-3437.4212 – CNPJ: 83.852.954/0001-50  
rccri@terra.com.br

Angelo nasceu dia 30 de março de 1903, mas só foi registrado no dia 26 de dezembro de 1909. Parece anormal, mas registrar filho tempos depois de nascido ocorria com freqüência àquela época. Todavia, convenhamos: seis anos depois, já era demais.

Vivia com seus pais na localidade de Sangão.

Fortunata, filha de Carlos e Paulina Rosso, morava na localidade de Morro Albino. Depois de quatro anos de namoro e noivado Angelo e Fortunata contraíram núpcias no dia 10 de setem-

bro de 1927, um sábado. Foram residir na casa dos sogros, dela.

Em 1928 nasceria Alzira e, a partir de então, deixaram a casa dos pais - com quem residiam - *indo morar na Quarta Linha, num rancho coberto de palha, perto da casa do irmão João com quem construiu um estaleiro para serrar toras de madeira abatida no mato da redondeza e até ali puxadas por uma junta de bois.*

Desse matrimônio nasceriam - além de Alzira: Alirio (já falecido), Enerino, Zefiro, Adelina,

Higino, Maria (já falecida) e Ana (adotiva). Esta é a prole de Ângelo e Fortunata Lucia: quatro filhas e quatro filhos. Equilíbrio perfeito.

Aqui, também, há exemplos de vida que merecem compêndios que os eternizem.

Aqui, também, há histórias fantásticas que podem ilustrar qualquer biblioteca.

Aqui, também, há uma coleção de honrados nomes que ajudam na construção do progresso de nossa região.



Zefiro, Enerino, Alirio, Alzira, Adelina - Higino, Angelo, Lucia, Ana e, entre o casal, Maria.



# Humildes, mas Determinados

*“No’ abbiám trovato nè  
paglia e nè fieno”.*  
Folclore Italiano



Em pouco tempo construíram a sua casa, a casa de Angelo e Lúcia Giassi.

Perguntei sobre a casa, sobre detalhes dessa casa. Zefiro respondeu, mais ou menos, assim:

- *Uma casa simples, de colônia, como o eram todas as casas da Quarta Linha - e de outras Linhas, também. Um cercado, um potreiro, a casa com a cozinha separada, uma pequena despensa, um poço para água, o paiol e, acoplado a este, a estrebaria, o galinheiro e o chiqueiro.*

- *Era comum - e com Seu Ângelo e Dona Lúcia não seria diferente - construir a cozinha separada da casa. Além de um belo fogão a lenha havia, sobre uma das janelas, uma prateleira na qual eram colocados os queijos para serem curtidos. Esses queijos eram feitos ali em casa, mesmo: com o leite ordenhado das vacas de sua propriedade. Com a aragem natural proporcionada pela janela, o processo de endurecimento do queijo seria mais rápido e sadio e, logo, logo, estaria sobre a mesa para o consumo doméstico.*

- *Sobre o fogão corria uma vara de coivara na qual eram penduradas as pernas de salame e o toucinho - para secarem mais rapidamente. Esses salames resultavam da carneação de suínos criados na sua propriedade. Volta e meia um porco era sacrificado. Nesse dia todos os filhos eram chamados a trabalhar em alguma tarefa inerente ao carneio. Tudo terminava quando o torresmo era apurado e o tacho com banha começasse a repousar. Uma canseira danada! Nossa roupa e a própria casa ficavam com aquele cheiro forte de banha, sei lá, por vários dias.*

- *A mesa para as refeições era grande: para doze pessoas. Uma bela gaveta central e um banco a cada lado. O pai sentava na ponta, numa cadeira de palha. Uma toalha, com marcas de respingos da refeição anterior - ou das anteriores - vestia sempre aquele mesão.*

- *A louça era lavada numa bacia colocada sobre uma base de madeira construída junto*

*a uma janela da cozinha, na parte externa, e, depois de enxugada, guardada num “armário guarda-comida”.*

- *A água era buscada, em baldes, no poço que servia à família.*

- *Na despensa os gêneros alimentícios do dia a dia: uma lata de banha, toucinho, pães caseiros (não havia outros), “chimias”, manteiga, as farinhas de trigo, milho e mandioca, o sal, algumas frutas, alguma sobra de comida (era difícil sobrar), aipim, batata doce, etc...*

- *Na parede principal da sala de visitas da casa um quadro com as figuras dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria que, também, se fazia presente na cabeceira da cama dos pais. Os retratos do nonno e da nonna também eram pendurados na sala. Nas cabeceiras dos demais quartos havia, sempre, um quadro com figura religiosa ou crucifixo.*

- *O paiol era o compartimento do “guarda lá, vai”, quer dizer: tudo o que não servisse era jogado ali. Mas nele eram armazenadas as espigas de milho devidamente selecionadas: as que seriam debulhadas para serem levadas à atafona, as que seriam dadas para as galinhas e aquelas que serviriam de comida para os porcos.*

- *Sempre que os animais precisassem de um cuidado “médico” o tratamento era feito à base de alho, in natura, armazenado em boas quantidades nesse paiol.*

O casal e os filhos trabalhavam na roça. Agricultura era a principal atividade com o plantio de milho - para consumo da família - e feijão, que vendiam a terceiros. Criavam suínos que eram comercializados vivos ou abatidos. Galinhas: os ovos eram levados à praça e as aves eram levadas à panela, nos domingos, para o consumo doméstico. Angelo faleceu dia 28 de agosto de 1981, aos 78 anos de idade, em Içara, em cujo cemitério repousam seus restos mortais.

Feitos estes registros preliminares, adentremos na História daquele que, em quaisquer listas de chamadas, é um dos últimos, se não o último, a ser chamado: Zéfiro (que o computador, teimosamente, grava Zéfiro).



Itapira batizou essa obra de arte com o nome de Angelo, agradecia pelos seus serviços que prestou a comunidade.



# X Gênesis

“Cada bebê é um milagre único e impossível de repetir”





SÃO PEDRO: 29 DE JUNHO. ANO DA GRAÇA DE 1933.

180º dia do ano no calendário gregoriano. Faltavam 185 para acabar o ano. Quinta-feira. Signo zodiacal: Câncer.

Papa da igreja Católica Apostólica Romana: Pio XI - nascido Ambrogio Damiano Achille Ratti (Desio, província de Milão, 31 de maio de 1857).

Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil (era assim denominada a nossa República): Getúlio Dornelles Vargas.

Governador do Estado: Aristiliano Ramos (interventor federal).

Prefeito municipal de Crescuma: Cincinato Naspolini.

- A inflação acumulada de 1932 foi de 0,4% (a de 1933 seria de -9% = deflação).

Santos do dia – além de São Pedro e São Paulo, apóstolos, Agripina, Edeltrudes e José Cafasso. Olha só, nascer num dia em que os santos são Edeltrudes e Cafasso só pode resultar em fenómeno!

Músicas que faziam sucesso (dentre outras):  
Pra Você Gostar de Mim (Tahi) - Carmen Miranda.

Na Pavuna - Almirante & O Bando de Tangarás  
Dor de Recordar - Francisco Alves  
Linda Cabocla - Augusto Calheiros  
Adios Muchachos - Carlos Gardel  
Alô Alô - Carmen Miranda & Mário Reis  
Linda Morena - Mário Reis & Lamartine Babo  
O Orvalho Vem Caindo - Almirante

Dia do Atleta Olímpico - Criado pelo COI - Comitê Olímpico Internacional;

Dia Nacional do Desporto - Criado pela Lei Pelé (art. 86);

Dia do Lavrador; Dia do Migrante;

Dia dos Pais (Polônia, Nicarágua e Uganda);

Dia da telefonista;

Dia do Pescador.

Nesse mesmo dia:

- nascia, em Porto Alegre, Gil de Roca Sales, nome artístico de Alfredo Pozoco, maestro, arranjador e compositor brasileiro de canto coral;

- o italiano Primo Carnera (Montanha Errante) se tornava campeão mundial de boxe ao vencer, em Nova Iorque, por nocaute, Jack Sharkey, em seis rounds;

- num jogo amistoso o C. R. Flamengo bateu o Santos(SP) por 2 x 1, no Rio de Janeiro;

- pelas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1934 - em Kaunas, capital da Lituânia - Lituânia 0 x Suécia 2;

- foi editado o Decreto nº 22.872, que criou o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, considerado “a primeira instituição brasileira de aposentadoria”;

- faleceu Gunnar Vingren, um missionário evangelista pentecostal que atuou no início do Século XX na Amazônia e Nordeste brasileiro. De seu trabalho surgiu a Assembléia de Deus no Brasil;

- o jornal A República, editado em Florianópolis, sob a direção de Nereu Ramos, publicava o resultado das eleições daquele ano; o partido mais votado em Crescuma fora o Liberal: 154 votos;

- o jornal O Estado, sob a direção de Altino Flores, publicava a temperatura na cidade de Montevidéu, do dia anterior: 6°C negativos;

- em Tubarão foi confirmado um surto de tifo;

- o jornal A Notícia, de Joinville, publicava duas importantes tabelas: a do câmbio (28-6) e a dos preços por atacado:

|                  |                          |
|------------------|--------------------------|
| Lybra = 57\$000; | Açúcar - 60kg = 68\$000; |
| Marco = 4\$75;   | Arroz - 60kg = 33\$000;  |
| Lira = 905;      | Feijão - 60kg = 25\$000; |
| Dólar = 13\$300. | Banha - caixa = 9\$000.  |

- Aparado pelas nonnas Tereza e Paulina e pela “velhinha” Dona Fortunata - todas parteiras práticas - nascia, no lar de Angelo e Lucia Giassi, seu quarto filho: Zefiro.

Zefiro: (s.m.) vento que sopra do ocidente (Dicionário Houaiss da língua portuguesa).

Zefiro (s.m) vento suave e fresco; aragem; vento do ocidente (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – Francisco da Silveira Bueno).

Zeffir, Zefiro: s.m. brisa, viração (Dizionario Portuguese-Italiano-Portuguese - Carlo Parlagreco).

Zephyrus: i.m. Verg. O vento Zefiro, Oés-sudoeste (Dicionário Latino-Português - José Crerella Júnior e Geraldo de Ulhôa Cintra).

Na mitologia grega Zefiro (em grego Ζέφυρος Zephyros) é o vento do Oeste. É filho de Eos (a aurora) e Astreu. Foi casado com Íris e vivia numa caverna da Trácia. Os seus irmãos são Bóreas, Nótus e Eurus, todos Titãs. (Wikipédia).

E a Primeira Linha São João não seria mais a mesma! Nem as outras Linhas.

E Cresciuma não seria mais a mesma!

E a Região não seria mais a mesma!

Uma curiosidade: Zefiro só foi registrado no dia seguinte, 30 de junho. Sabem por que?

- Porque o padre Pedro Baldoncini, vigário de então, jamais iria permitir que um menino nascido dia 29 de junho não fosse batizado com o nome de Pedro, ou Paulo, ou José Cafasso, os santos do dia. (Esse último nome aí seria um castigo, ou não?).

Ocorre que um tio de Seu Angelo se chamava Pedro e, para evitar duplicidade de nome, e explicações ao padre, resolveu registrar o menino como se tivesse nascido dia 30 e com o nome previamente escolhido - Zelfiro.

Reparem só: o nome escolhido era Zelfiro, (com

esse éle aí no meio) mas o Senhor Leone Benedetto, titular do cartório do registro civil, escreveu Zefiro, pois foi assim que ele ouviu. E estamos explicados.



N. 18

Pag. 66

## NASCIMENTO N.3.252

Certifico que a fls. 94r do livro n. 22 de registro de nascimento foi regis. horas o assento de Zefiro nascido aos 30 de Junho de 1933, às 14 horas, em domicilio paterno do sexo masculino, de côr. branca filho legítimo de Angelo Giassi, Fortunato Lucia Rosso, sendo avós paternos Jose Giassi e Teresa Stucki e maternos Carlos Rosso e Benhina Ochinel

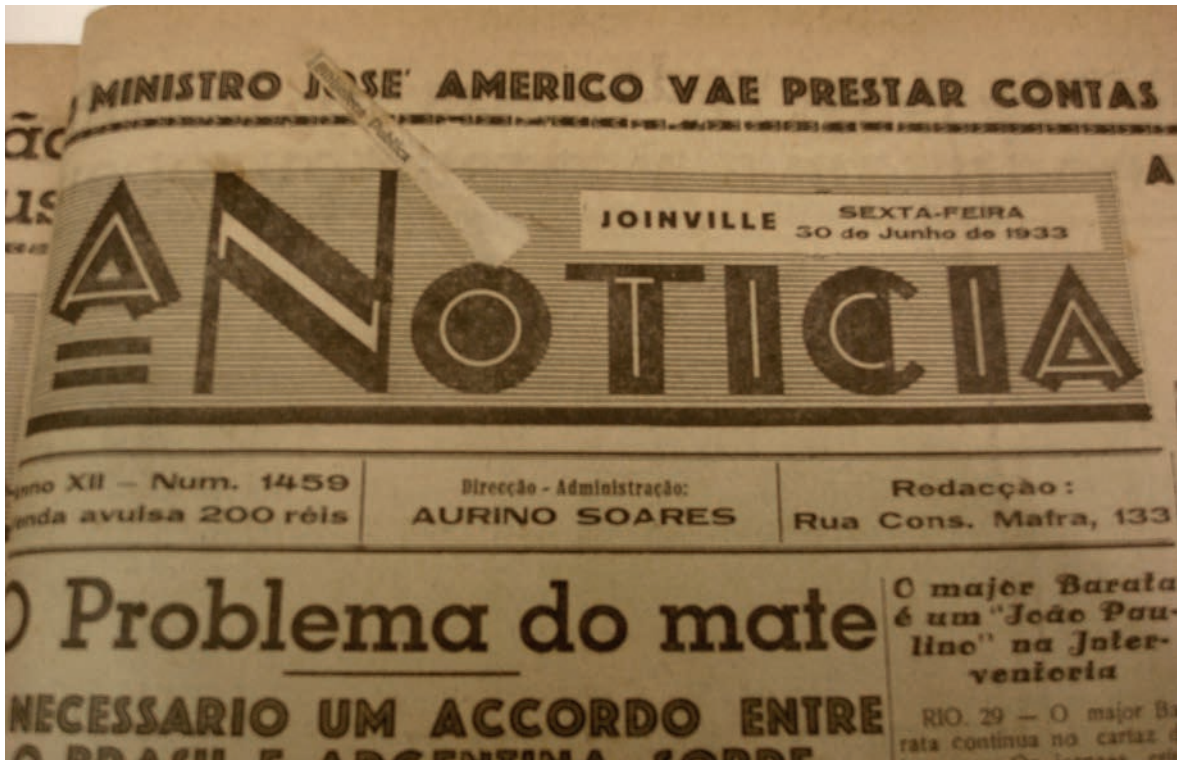
Foi declarante Angelo Giassi e serviram de testemunhas Hercilio Amador e Primo Lima

Observações Foi registrado em virtude do Dec. 18.524 de 24 de Dezembro de 1928

O referido é verdade e dou fé

Criciúma, 6 de Junho de 1939



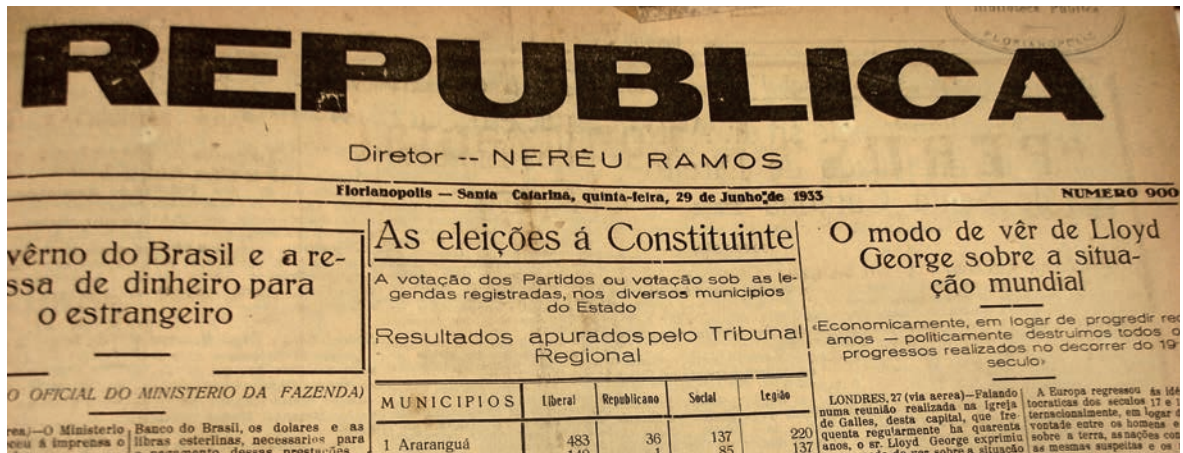


Fac-símile da capa do Jornal A Notícia, de Joinville, de 30 de junho de 1933. Acervo da biblioteca pública de Santa Catarina - Florianópolis.



Fac-símile de página interna do Jornal A República, de Florianópolis, de 29 de junho de 1933, com a programação cinematográfica da capital. Acervo da biblioteca pública de Santa Catarina - Florianópolis.





Fac-símile de página interna do Jornal A República, de Florianópolis, de 29 de junho de 1933, apontando o resultado das eleições à Constituinte. Acervo da biblioteca pública de Santa Catarina - Florianópolis.



Fac-símile de página interna do Jornal A República, de Florianópolis, de 29 de junho de 1933, com a propaganda de uma determinada gasolina. Acervo da biblioteca pública de Santa Catarina - Florianópolis.

CARLOS Hoepcke S.  
Filiais em: Blumenau - Joinville

# Acabam de ser lan- çados os novos modelos de rádio General Electric para 1933

Estão sendo lançados em todo o país com grande sucesso os novos modelos de rádio que a General Electric oferece para 1933. Marca bastante reputada pelos modelos apresentados, em anos anteriores a General Electric está destinada a uma grande vitória comercial com os modelos atuais, que representam os últimos aperfeiçoamentos no ramo.

Como se sabe, a poderosa organização ante-americana que tanto se tem distinguido nas indústrias de eletricidade e de rádio, graças às suas 30 fábricas espalhadas pela América do Norte e aos seus 12 laboratórios de experiência, é considerada mundialmente como verdadeiro «leader» na indústria de rádio.

A grande Companhia, que dispõe de tres estações potentíssimas de irradiação, apresenta agora no Brasil os novos tipos que já alcançaram nos Estados Unidos um êxito invulgar como aparelhos receptores de primeiro plano. São nove os tipos apresentados, desde pequenos aparelhos portáteis aos mais luxuosos e de mais alto preço. Distinguem-se todos eles pela sua excelente sonoridade, pela rigorosa selectividade e pelo seu poderoso alcance.

Corsini & Irmão

Fac-símile de página interna do Jornal A República, de Florianópolis, de 29 de junho de 1933, com a propaganda de lançamento de rádio receptor. Acervo da biblioteca pública de Santa Catarina - Florianópolis.





Zilli e Dagostin

*“O verdadeiro amor nunca se desgasta.  
Quanto mais se dá mais se tem.”*  
Antoine de Saint-Exupéry





## ZILLI.

### *Cossa saràlo 'sta Merica?*

Luiggi Zilli e Catarina Scotta, residiam, com a família, em Ponte Nell'Alpi (Belluno). Um de seus filhos, Antonio, nascido a 10 de outubro de 1864, casou com Maria Madalena Bortoluzzi, dia 2 de março de 1892. Ela era filha de Celeste Bortoluzzi e Giovanna Pierobon, de Longarone. A notícia de que na *Merica* seria mais fácil enriquecer fez com que Antonio e Maria Madalena também emigrassem para o Brasil.

Embarcaram, no porto de Genova, e navegaram até a ilha das Flores, no Rio de Janeiro. O vapor que trasladou o Atlântico com todos a bordo

foi o Sao Martinho. (Informações prestadas por Lizi Beneton Zilli).

Dali até a atual Florianópolis e, desta, para Imbituba. Num trem da Theresa Christina fariam a viagem até Pedras Grandes - então território do município de Tubarão - e, dali, até Cresciuma em carroças e no lombo de cavalos. Esta já era uma vila em expansão com alguns serviços básicos instalados e alguns caminhos abertos, facilitando o ir-e-vir das pessoas.

Foram morar, também, na Primeira Linha.

Agricultores, como todos os demais emigrantes, não foi difícil dar início a um novo planejamento em suas vidas.



Em pé da esquerda para a direita: Fernando, João, Celeste, Alexandre, Angélica e Anunciata  
Sentados da esquerda para a direita: Luiz, Antonio Zilli(pai), Maria Madalena Bortolluzi(mãe), Celestina e Augusta.  
(Foto: acervo do arquivo público de Içara.)

## DAGOSTIN.

Paulo Dagostin e Maria Possamai Dagostin, também italianos, geraram, dentre outros filhos, Líbera que, assim quis o destino, viria a se casar com João. João Zilli.

Dessa união nasceriam: um natimorto – o mais velho -, Ana Maria, Antonio Neto e Zeferino, o Zefo. Ao contrário da maioria das famílias de então, italianas ou não, sempre numerosas, a prole de João e Maria ficou desse tamanho aí: três filhos.

Ana Maria nasceu dia 15 de março de 1936. Domingo. Dia de São Clemente Maria Hofbauer. Nesse dia o Brasil (que vivia sob a Ditadura de Vargas) retornaria às lides democráticas com eleições gerais em todo o território nacional, inclusive com o voto estendido às mulheres - até então excluídas do processo eleitoral.

A cunhada, Vitória Dal Toé Zilli, e a comadre, Ana Dal Toé Zilli, na condição de parteiras, foram chamadas à casa de Dona Líbera: seu segundo filho estava dando sinais de que iria nascer.

E nasceu! Uma menina!

Nasceu Ana Maria! Sadia, robusta.

Apresentada à mãe esta a ela se referia assim: *Dio mio, que bella pupeta!* (Meu Deus, que bela criança!)

Dona Líbera, quando do nascimento do primogênito, natimorto, fizera uma promessa a Santa Ana: se, na próxima gravidez viesse uma menina sadia, teria o nome da santa: Ana.

E, então, assim determinou: *Ana vai ser o nome da pupa.*

Ocorre que Seu João, quando foi registrar a garota, achando que não deveria ser apenas Ana, lascou o Maria, por sua conta.

*Ana Maria: Ana, mãe de Maria que é a mãe de Jesus!* Como falou nosso bispo diocesano, Dom Jacinto, em recente reunião social, *um nome para não deixar qualquer dúvidas quanto à religiosidade dos pais.*

*Pupa!* Era assim que os pais a ela se dirigiam. Depois os vizinhos, os parentes, os amiguinhos. Ninguém a conhecia por Ana Maria: apenas Pupa. E este passou a ser, de fato, o nome dela: Pupa.

Ainda pequena Ana Maria foi residir, com toda a família, na rua João Pessoa, na cidade de Criciúma. - *Perto do Café Borges*, afirma.

- *Meu pai e o tio Fernando edificavam casas para locação e precisavam de areia para construir fogões a lenha, nessas residências. Possuíam uma barreira, ali no Morro do Bai-nha. No dia 17 de dezembro de 1941 eles estavam extraindo o mineral quando uma barreira caiu sobre os dois e os matou. Perdi meu pai com cinco anos de idade.*

*No ano seguinte morreria o nonno, o pai dos falecidos.*

Teria sido o baque pelo acidente fatal que o viti-mara? Não faltou quem afirmasse isso.

Sua mãe, Dona Líbera, faleceria também naquele ano.

Em outras palavras, no espaço de doze meses, Ana Maria perdeu seu pai, sua mãe, um tio - padrinho - e um avô.

Mortos pai e mãe ela foi residir com a avó materna, nonna Maria Possamai, na localidade de Linha Três Ribeirões - hoje Jardim Maristela, Próspera, Criciúma.

Não é difícil imaginar as privações da pequena Pupa que, aos cinco anos de idade, colecionara todos esses sofrimentos e foi levada a morar com a avó. O apego aos pais - especialmente à mãe, a liberdade, os sonhos de vida de uma menina de convivência normal com sua família, faleceram juntos.

Agora, ali, na casa da avó, competiam-lhe as tarefas de ordem doméstica - cozinha, lavação, limpeza - estudar, além da roça.

Quando sobrava um tempinho brincava de boneca, de casinha, com as priminhas. Uma particularidade: *a gente ganhava uma única boneca por ano. Quem trazia era o Menino Jesus, na noite de Natal.*

Foi para a escola onde foi alfabetizada. Escola de Linha Três Ribeirões. As letras lhe



foram ensinadas pelas professoras Ana Demboski, Francisca Demboski e Zoê Costa.

Na classe sentavam-se com ela a *Nair*, a *Silvana*, a *Rute*, *Valquiria*, *Neuzi Borges*, *Edulce Borges*, o *Joãozinho*, o *Joaci*, a *Terezinha*, a *Cecília*, a *Ana*, ...

Aos doze anos completaria o curso primário, com louvor.

A catequista Elisa lhe preparou para a primeira eucaristia. Tais ensinamentos foram buscados na igreja Nossa Senhora da Salete, na Próspera. A primeira comunhão lhe foi ministrada, quando completou nove anos, na igreja matriz São José, pelo padre Pedro Baldoncini.

*- Tia Lidia foi minha madrinha de crisma. Dom Joaquim Domingues de Oliveira foi o ministrante, na matriz São José.*

Seus tios jogavam futebol, no campo do Sete de Setembro, ali de Três Ribeirões. Este fato fez com que Pupa tomasse gosto por esse esporte e, quando a disputa futebolística ocorria ali no campo do seu bairro, era uma das primeiras a comparecer para a torcida.



# XIII

## Soror Ana Maria?

*“Deus permite provações na nossa vida, para nos testar, e - lá de cima  
fica torcendo para nós continuarmos firmes com Ele”.*  
Connie



Muito religiosa, manifestou o desejo de ingressar na vida dos claustros: quiz ser uma freira da irmandade das Carmelitas, em São Paulo. Soror Ana Maria, olha só que belo nome! Soror Ana Maria!

Sua avó, no entanto, pôs-se contra essa vocação determinando que ela deveria arrumar um namorado e casar. Tinha medo de perde-la para sempre, se fosse para um convento.

Para a Pupa, todavia, casamento estava fora de seus planos: queria, mesmo, o hábito do convento das Carmelitas e entregar-se, inteiramente, às orações e a reflexão.

Queria, mas não foi!

E a Pupa cresceu. A adolescência chegou. E a avó cobrava a necessidade de um namorado. Precisava da Pupa, casada, perto dela. Até que...

Para aquela festa de São João, lá na Primeira Linha, onde nascera, onde tinha seus parentes - o tio Alexandre, por exemplo - a Pupa se arrumou e foi. Ela já sabia que morava um Giassi por ali que, quem sabe, poderia ser o seu namorado. As amigas falavam nisso.

Esse Giassi era o capelão da capela de São Rafael, Terceira Linha, cujo coral fora convidado a cantar a missa da festa de São João. Nesta condição ele podia acompanhar os cantores e subir ao mezzanino (coro) onde se reuniam os coralistas. E foi. Juntou-se à turma e subiu ao coro.

Pupa resolveu ir cantar, também.

Aproveitou o momento em que o padre celebrante, Boleslau Smielewski, ficara de costas para o público e subiu a escada, às pressas, cuidando para não fazer barulho. Quem não fosse cantor estava proibido de ir ali pra cima. Subiu aqueles degraus todos e deu de cara com Zefiro: olho no olho.

Enrubesceu. Desceu às pressas, o coração a mil.

Recompôs-se.

Via o padre mas sem concentração ao ofício religioso.

Repetia as ladainhas e outras orações, mas sem pensar no que dizia. Seu corpo estava ali, na nave principal daquela igreja, amigos e conhecidos ao redor, o padre celebrante ali na frente. Mas a cabeça da Pupa, esta, com absoluta certeza, subiu ao mezzanino, ao coro, e não retornou mais.

*Lá no finalzinho da festa, quando algumas pessoas já retornavam para suas casas, ele veio até mim e me pediu em namoro.*

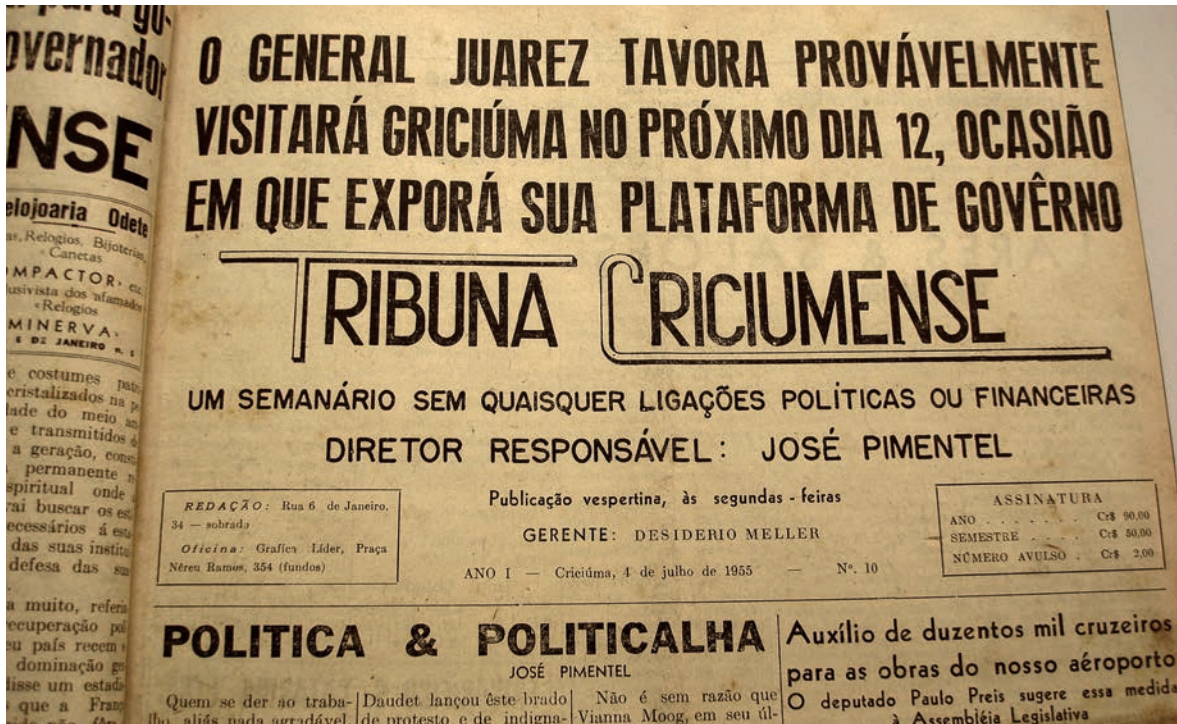
**“Fica-se enamorado quando se dá conta de que a outra pessoa é única.”** Jorge Luis

Perguntada sobre qual a resposta que Zefiro recebeu, Pupa tamborilou os dedos na mesa, deu uma limpadinha nas lentes dos óculos, e falou:

*- Fiquei curiosa com aquelas emoções diferentes. Ele veio, pediu-me em namoro e eu... respondi Sim, mais por vontade da nonna do que, propriamente, por mim.*

Com muito respeito e fidelidade, de parte a parte, o namoro durou, daquele dia - 24 de junho - até 9 de julho de 1955: um ano e um mês de namoro e noivado.

Nessa época nosso único hebdomadário, Tribuna Criciumense, fundado em maio p. passado, circulava às segundas-feiras. A que circulou naquela semana estampava, na sua capa, a visita que o candidato da UDN à presidência de República faria a Criciuma e, nas notas sociais, assentava o casamento dos jovens Nelson Alexandrino (futuro prefeito municipal de Criciúma - 1970 a 1973) e Diana de Liz Gaidzinski, a filha mais nova de Júlio Gaidzinski.



Fac-símile da página de rosto do jornal Tribuna Criciúmensense que circulou na semana do casamento. Acervo do arquivo público de Criciúma.

A que circulou na semana seguinte (dia 11) falava do abandono a que estava condenada a Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina.





Alheios a tudo isso, Zefiro e Ana Maria só tinham pensamento para o casamento. O padre Raymundo Ghizoni, coadjutor da paróquia São José, foi o celebrante do seu enlace matrimonial. *Fomos morar na Quarta Linha na casa dos pais de Zefiro que já era professor, falou. Mas em menos de um mês já estávamos morando no Morro Bonito.*

Onde? Perguntei-lhe. Em que casa foram morar?

- *Na varanda da escola onde dava aula. Era uma varanda fechada constituída de um quarto e uma cozinha. Só. Não tinha mata-junta entre as táboas. Os mosquitos nem precisavam ser convidados, entravam em bandos. E sem energia elétrica.*

O irmão de Zefiro, Higino, residia também com eles, por causa da escola.

E os filhos foram trazidos à luz: ali nasceriam a Rosália, o Osni e a Maristela sendo que, na gravidês desta, os vizinhos do casal se cotizaram e construíram mais um puxadinho, naquela varanda, destinado ao quarto do casal. - *Só cabia a cama e um pequeno guarda-roupa. Aí o outro quarto era para eles todos. Ficou bem melhor.*

- *O Zefiro era muito respeitado no Morro Bonito: era um bom professor.*

Na escola, além das carteiras escolares – bancos geminados para dois alunos, com um tinteiro no meio – havia três cadeiras de palha. Essas eram levadas para a varanda sempre que alguma visita aparecesse. Se viessem mais do que três pessoas, sentavam-se no chão mesmo.

Era comum a visita entre os vizinhos. E, quando Ana Maria e Zefiro recebiam tais visitas, *estas sempre se apresentavam com alguma coisa para nós: um litro de leite, um pé de alface, meia dúzia de ovos, um balainho de aipim ou de batata, ...*

Mariléia e Rogério, que completariam a prole, nasceram na maternidade do hospital São José. Só quando a família já estava constituída – após o nascimento do segundo filho - é que foram residir na casa deles, uma construção levantada sobre um terreno que Zefiro havia adquirido com os vencimentos do exercício do cargo de professor municipal e com algumas economias dela - que costurava para fora - ali mesmo, em Morro Bonito. *Ainda assim a casa foi financiada junto ao Sr. Serafim, que subempreitou com uma madeireira,* afirma Dona Ana.



A turminha do Zefiro e da Ana Maria: Rosália, Osni, Maristela e, sentada, Mariléia. Rogério ainda era projeto.



Zefiro e Ana Maria com seus filhos na casa construída por eles e que era conhecida como “bangalô”. No destaque a casa reformada, residência da família de Hildo Dal Pont. (Foto: Rodrigo Medeiros)

Ana Maria também lecionava. A qualquer impedimento do titular, seu marido, ela assumia a turma e dava conta do recado. Deu tantas aulas quanto ele, haja vista que, desde o momento em que Zefiro enveredou por se estabelecer, comercialmente, a escola ficou por conta dela. Lembra, ainda agora, de algumas pessoas que foram seus alunos como a Luiza Cardoso e a Otilia Cechinel - com as quais conversa de vez em quando - e dos filhos do “João Barranco”. Gostava muito de lecionar português e matemática, duas matérias que teriam sido seu forte ao tempo de aluna.

Como será visto, Zefiro foi cuidar da firma, dos negócios, da loja que acabara de instalar, na praça central de Içara. Coube a Ana: a família, a casa, o quintal.

Ana Maria se constituiu no esteio angular da família: educava os filhos na condição de mãe e pai, ao mesmo tempo. Ministrava doutrina preparando-os para a primeira eucaristia. Apli-

cava medicamentos como se enfermeira fosse. Levava-os ao médico. Cuidava dos afazeres escolares. Costurava e remendava as roupas. Cuidava da horta, dos animais domésticos, do jardim, das flores.

Ah, dos jardins e das flores. Então, foi assim: manteve a unidade familiar como se fosse uma religião. Cuidava da casa e da escola. E encontrava tempo, também, para o jardim e para as flores.

*- Mas não posso esquecer de Dona Santa e do Toni Fabris, nossos vizinhos. Eles e as filhas Amábile e Anair ajudaram muito lá em casa, ajudaram a criar nossos filhos.*

Quando se casaram Zefiro já estava na política.

*- Sempre gostou de política. Gostava de discutir política. Inclusive quando fomos morar naquele puxadinho da escola encontrei a cerca de sarrafos, em volta da escola, coberta de propa-*



*ganda do Addo Faraco (candidato a prefeito). Coisa dele: era apaixonado pelo Addo e a turma dele. Nossa, fiquei triste com aquilo e disse que na escola não era lugar para propaganda política. No dia seguinte as propagandas foram todas arrancadas de lá. Foi ele que arrancou.*

Sempre recebeu - e recebe - os políticos que procuravam e procuram o marido em sua casa. Mas, realmente, não suporta política partidária. - *Graças a Deus o Zefiro também está longe disso tudo, agora. Não temos mais compromissos partidários, escolhemos e votamos nas pessoas dignas.*

E a igreja?

- *Estive sempre muito próxima da igreja e das atividades religiosas. Participei e continuo participando de várias pastorais. Fui catequista e legionária. Durante 17 anos fui coordenadora do curso de preparação para o batismo. Hoje sou ministra da eucaristia, por convite e designação do saudoso padre Bernardo Junkes. Não abandonei as atividades da igreja, mas não me dedico mais como antes.*

A residência de Zefiro e Ana está plantada no centro da cidade de Içara. O transeunte, se não



Dona Ana Maria Giassi colhe orquídeas, do seu jardim residencial, para os altares sacros. (Foto: Rodrigo Medeiros)

souber que ali, naquele terreno, há uma casa de moradia, passa direto. O jardim é uma selva. De árvores, palmeiras, arbustos e flores. Marcadamente, de flores, de orquídias.

Por que razão?

*- Porque sempre gostei de flores e as plantei para ornamentar igrejas, especialmente a ma-*

*triz de São Donato, o padroeiro de Içara. A comissão das festas sempre me deu esta atribuição. Possuo flores para cada estação de modos que, durante o ano inteiro, posso colorir nossa igreja com as flores do meu sítio.*

Não satisfeita com a vegetação que emoldura sua casa Dona Ana passou a cuidar de um sítio, ao lado do centro administrativo das empresas



Giassi, no qual possui uma infinidade de plantas ornamentais, arbustos e flores.

*- É daqui e do meu sítio, no Morro Bonito, que eu enfeito as igrejas. Olhe quantas roseiras e olho de boneca!*

(Olho de boneca é uma das variedades das orquídeas brasileiras ali cultivadas em abundância.)



(Foto: Rodrigo Medeiros)

E fomos conhecer o sítio do Morro Bonito.

- *Este aqui eu comprei com as minhas economias* falou, enquanto já cumprimentava os empregados que cuidavam de canteiros e de folhagens. *E olhem ali, aquelas palmeiras eu as trouxe de Jerusalém.* E mostrava um coquetel de palmeiras (*Trachycarpus fortunei*) e tantas

outras margeando o caminho interno do sítio: trouxe as sementes de Jerusalém, as plantou em viveiro e transplantou para aquele sítio, que é só dela. São palmeiras enormes, o tronco parece estar envolto em estopa, podem chegar a 40m de altura.



Um coquetel de palmeiras (*Trachycarpus fortunei*) cujas sementes foram trazidas da Terra Santa: Jerusalem.  
(Fotos: Rodrigo Medeiros)





Faz parte da agenda diária: uma visita aos seus sítios e conversa com as flores. (Foto: Rodrigo Medeiros)

Vimos algumas plantas medicinais. Perguntada a razão de tantas, Dona Ana falou: *Trabalho muito com plantas medicinais, desde o cultivo até o remédio fisioterápico, pois pelo testemunho de tantas curas através de remédios preparados com plantas conclui-se que estas são a “Farmácia de Deus”.*

E a família, Dona Ana?

*- A família sempre em primeiro lugar! É o maior e mais sublime presente que Deus me deu. Pois não é o Homem imagem e semelhança de Deus? Quem Ele destinou para viver junto a mim? Meu esposo e meus filhos Rosália, Osni, Maristela, Mariléia e Rogério. E os netos e bisnetos, então! Minhas noras e meus genros: aqui não há intrigas, somente compreensão e amor.*

Perguntei-lhe acerca dos netos.

*- Ah, meu Deus, benditos os netos que vinham, entravam nesta imensa casa e deixavam tudo de perna pro ar. Chegavam em turmas: cinco,*

*seis, com amiguinhos, com cachorros, iam na cozinha se alimentavam, faziam doces. Pediam para dormir aqui: ah, vó, me deixa dormir aqui hoje! Que saudades, meu Deus! Hoje estão todos crescidos, com outros valores, já não me visitam com tanta frequência. Mas me fazem muita falta.*

E as viagens Dona Ana?

*- Olha, se for para visitar santuários católicos estou disposta.*

Dona Ana fala das tantas viagens feitas ao exterior e registra, com certo grau de emoção, as cinco vezes que esteve - com Zefiro - em Jerusalém.

*- Visitar cidades, conhecer países, é bom, mas são todas iguais, com problemas iguais. Na limpeza e na sujeira. Agora, Jerusalém é diferente. Aqueles caminhos por onde andou Jesus Cristo transmitem muita energia. Tu sabes que até os sapatos que a gente calça, se não estiverem bem*



Os nonnos Zefiro e Ana Maria com os netos do clã Giassi.



Ana Maria Giassi com colegas de excursão em frente à Torre Eiffel, em Paris.





*ajustados aos pés, deixam a gente descalça? É muita energia. Passei uma noite inteirinha no santuário do Santo Sepulcro. Que energia, meu Deus!*

*No Jardim das Oliveiras fizemos um retiro em vinte pessoas. Eu era a cozinheira do grupo, com uma condição: falei pro padre Afonso, de Curitiba: só aceito ficar na cozinha se não perder nenhuma visita a qualquer lugar santo. Fui atendida.*

Padre Afonso é um sacerdote brasileiro, de Curitiba, que acompanha peregrinações à Terra Santa e, lá, prega durante o retiro espiritual. Zefiro e Ana Maria tiveram a oportunidade de participar de um deles.

*O Monte Calvário me traz muitas recordações. Ali é um lugar sagrado, um lugar especial para meditação.*

Em Nazaré, da Galiléia, o casal Giassi teve a oportunidade de visitar a Fonte de Maria. Dali Ana Maria trouxe uma garrafinha de água colhida na pequena fonte.

*- Faz trinta anos que estivemos ali e ainda tenho comigo aquela garrafinha com água, e uma pétala de rosa no seu interior, tudo em perfeita ordem.*



Dos jardins do santuário do Santo Sepulcro trouxe a semente de uma minúscula flor que, plantada, germinou e floresce: no interior a formatação de uma cruz.



Ana Maria e Zefiro Giassi, tendo ao centro o padre Ignácio, de nacionalidade japonesa, no jardim de Maria, em Nazaré.

- Não tem aquele primeiro milagre de Jesus? Pois então, de Canaã nós trouxemos uma garrafinha de vinho que, também, mantenho intacta no cantinho das minhas devoções.

- Bom, Dona Ana, a senhora e seu marido já foram cinco vezes para o Oriente Médio visitar o

Mar Morto, a Samaria, o lago de Genezaré, o rio Jordão, Cafarnaum, Belém, Jerusalém, Nazaré, Jordânia, etc... Há disposição para uma sexta viagem até esses lugares santos?

- Sendo pra visitar santuários, estou disposta!





Acidente Cega Zefiro

*“O que não provoca minha morte faz  
com que eu fique mais forte”.*  
Friedrich Nietzsche



1936, junho, dia 29. Dia de São Pedro, diz a igreja. Feriado. Festas.

Não há como apagar essa data do subconsciente de Zefiro.

Contava três anos de idade, imagina só: criança de primeiríssima infância. Vivera os três anos como qualquer outra criança: ao nascer foi enfaixado - corpo inteiro, dos pés ao pescoço - até que os restos do cordão umbilical caíssem, sujou paninhos (não havia fraldas), chupou bico e tomou mamadeira – numa garrafinha de refrigerante com chupeta na ponta -, fez cocô amarelo, chorou com dor de barriga, comeu mingau, bebeu todo tipo de chá, fez careta, fez só-só, gatinho, deu os primeiros passos, caiu, se levantou, feriu os pés, o nariz foi remelento, o cabelo carapinhado, falou *mamma* numa primeira vez, falou *papá* numa primeira vez.

Enfim, o pequeno Zefiro foi uma criança igualzinha a qualquer outra.

Naquele São Pedro os pais foram à missa. Zefiro, agora com três aninhos completados exatamente nesse dia, acompanhado do primo José João Giassi e de outras crianças, foi ao quintal apanhar cana. Cana de açúcar.

Quem não chupava cana, na zona rural?

José João levou consigo uma faca com a qual a cana seria descascada. E, na condição de mais velho que todos, a tarefa de descascar a cana lhe competia.

Uma a uma as canas eram descascadas, gomo por gomo, e distribuídas aos seus “donos”.

O primo, com o corpo abaixado, terminava de descascar a cana de outro amiguinho e, ao levantar-se, deu com a ponta da faca no rosto de Zefiro que, com o impacto, jogou o corpo para trás. Mas a faca atingira seu olho esquerdo.

*Dio, Madonna! Ma che affari!* (Deus, Nossa

Senhora! Que serviço!)

Sangue! Pânico! Desespero!

Gritando de dor e tentando aparar o sangue que lhe ia cobrindo o rosto, Zefiro foi levado para a casa.

Não havia ninguém por ali e, sem saber o que deveriam fazer, ele, José João e os outros amiguinhos aguardaram a chegada da mãe, e do pai.

A irmã mais velha, Alzira, foi a primeira a retornar. Tentou, de todas as maneiras, acalmar o irmão que - dá para se imaginar - estava desesperado com aquela situação.

Os pais só retornaram quando a noite já se fazia presente. A mãe primeiro, depois o pai. A mãe, preocupada, fizera apenas uma limpeza em volta do olho e sobre ele fez um curativo, desses curativos caseiros.

Desconhecendo a gravidade do ferimento, aguardaram o dia seguinte para levar o garoto ao médico. Certamente - imaginaram - o ferimento não teria sido de grande gravidade.

No dia seguinte, dia do seu terceiro aniversário, no lombo de um cavalo, dividindo a sela com seu pai, Zefiro era levado ao hospital São José que acabara de ser transferido das margens da ferrovia Theresa Christina para o local onde se encontra nos dias atuais.

O cavalo trotava sob o comando de Seu Ângelo e, com as sacudidas resultantes do trote, a membrana do olho de Zefiro, ferida, rompeu e vazou.

No hospital São José, o recém-formado e recém-chegado José Tarquino Balsini, clínico geral e seu diretor, atenderia aquele paciente e diagnosticaria: o menino perdeu completamente a visão e deve ficar três dias em repouso absoluto. O menino foi levado, então, à casa do tio, Henrique Lodetti, onde foi “guardado” num quarto completamente escuro.

Imaginemos o pânico que se apossou de Dona Lucia e de Seu Ângelo: o filhote, aos três anos de idade, ficara cego. Do olho esquerdo.

Um turbilhão de imaginações passou-lhes pela mente. Nenhuma fora maior do que antever a provável dificuldade que ele teria, condenado a viver toda a sua vida com apenas um olho.

*Mas Deus vai nos ajudar. E o Anjo da Guarda vai cuidar do nosso filhinho!* garantiu Dona Lúcia, sempre temente a Deus a Quem, agora, redobrava as costumeiras orações.

Levado de volta para a residência dos pais Zefiro não saia mais de casa.

Com o passar do tempo o olho machucado foi perdendo tamanho, foi diminuindo, mas - de repente - voltava a crescer e isso preocupava muito Seu Ângelo e Dona Lucia.

*Uma cirurgia futura seria inevitável* - diziam as pessoas mais próximas da família.

Essa tragédia seria a prova da teoria da compensação, segundo a qual, para tudo que era dado, outra coisa se perdia, e vice-versa, de maneira imediata e visível?

O tempo responderia.

**“A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a mais cega de todas”.**

Pe. Antonio Vieira

Esse fato tão grave marcaria profundamente a vida de Zefiro.

No primeiro momento, a angústia de não enxergar, a dificuldade de discernir as imagens colhidas por um olho apenas, a certeza da discriminação, as incertezas do amanhã.

As dificuldades para participar de brincadeiras...

Normalmente, voltando-se àquele tempo, os filhos de qualquer família de origem italiana permaneciam na roça, diariamente, desde o amanhecer até o por do sol. Desde tenra idade.

Apesar de ter perdido a visão de um olho Zefiro não contava com qualquer privilégio: roça e serviços domésticos lhe eram distribuídos como aos demais irmãos.

Logo, logo, veio o quarto aniversário, o quinto, o sexto...

Comemoração? Nenhuma: os italianos de então não se importavam com data de aniversário. Não raras vezes, passava - simplesmente - despercebida. Nem pai, nem mãe, nem irmãos, nem o próprio aniversariante lembrava a passagem da efeméride.

E veio a adolescência.

E o que fazia Zefiro Giassi na condição de adolescente?

Com o quê se divertia?



# XIV

Lazer

*“Existem brinquedos  
para todas as idades”.*  
Ditado francês





Antes da adolescência houve a pré-adolescência. Nesta Zefiro pescou muito e caçou bastante.

Nos córregos que cortavam toda a região, passava parte do domingo pescando e, nas coivaras, caçava passarinhos: com bodoque (que ele mesmo fazia) e com a funda, esta indispensável ao pescoço de qualquer garoto da época.

Nas elevações dos poteiros e nas colinas, com os seus colegas, brincou muito de carretilha: se não houvesse aquela construída com roldanas a gente deslizava sobre as talas de coqueiros.

*Chutei muita laranja. E muita bexiga de porco. Era assim que a gurizada do meu tempo jogava futebol.*

Bom, fica meio difícil entender uma laranja servindo de bola... Fosse uma cidra, ainda, tudo bem: com aquela casca grossa suportaria os chutes durante certo tempo, com certeza. Mas, laranja?

*- Nossos brinquedos eram “fabricados” em casa mesmo. Cabos de vassoura, carretéis de linha, pedaços de tábua, folhas de coqueiros eram transformados em alguma coisa para brincar. Um canivete e uma faca eram os instrumentos da fabricação.*

Era comum os colonos engordar porcos em chiqueiros para, em determinadas ocasiões, serem abatidos. Muitos, para o uso doméstico. Muitos, para o comércio. Todos, para a subsistência.

A bexiga de cada suíno era disputada pela rapaziada que a punham a secar e, depois, enchiam de ar (com os pulmões, sim), amarravam e vedavam aquela que servira de entrada/saída da urina e pronto: bola quase perfeita. O dono da bexiga escolhia os jogadores, e o campo era sempre o poteiro de seus pais.

E nos pés? Que tipo de calçado?

*- Os sapatos, lá em casa, passavam no mínimo*

*por três: primeiro o Alírio, depois o Enerino e, somente depois, por mim. Eu até pensava que meus pés fossem tortos, mas quando examinei com mais cuidado, constatei que o torto era o sapado que já chegava pra mim com tal defeito.*

*- Sapatos, só para andar allá messa (só para ir à missa).*

*- Íamos descalços até perto da igreja e ali sim calçávamos nossos sapatos.*

*- Meus primeiros sapatos, só meus, me foram dados por minha mãe quando completei 14 anos de idade. Uma festa!*

Como os sapatos passavam de irmão para irmão competia, àquele que tivesse o pé menor do que o calçado, preencher espaços com pano na frente e papel no calcanhar.

A fraternidade sempre foi um ponto alto na família de Angelo Giassi. A educação imposta pelos pais fazia dos filhos verdadeiros irmãos em todos os sentidos.

Crianças, se expressavam apenas em italiano. Mais o dialeto vêneto do que o bergamasco (da região de onde veio a família Giassi), por influência das amigadas colecionadas naquela Linha onde morava. Mas aos sete anos, garante Zefiro, já sabia se comunicar - ainda que rudemente - em português.



# Zefiro Professor

*“Um homem torna-se tudo ou nada,  
conforme os ensinamentos que recebeu”.*  
Clemente XIV, papa.



**“A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever”.**

Paulo Freire

Dona Dimas Lemos, hoje moradora de São Miguel do Iguacu, no Paraná, para onde transferira residência ao se casar, marcaria a vida de Zefiro.

Na Quarta Linha (HG), a 5 km da Ponta do Mato, havia uma pequena escola. Era a escola dos alemães. Dona Dimas era a professora.

Zefiro que, a exemplo de seus irmãos, já falava praticamente tudo em português (imagina só!) ali foi matriculado.

Ao término do terceiro ano primário (ensino fundamental) seu Ângelo foi a Forquilha e, de lá, trouxe a seguinte proposta: Zefiro seria matriculado no colégio das Irmãs (colégio Dom Daniel Hostin), pernolitando na casa dos padres e, ali, responsabilizando-se pela alimentação dos animais e direção da charrete dos sacerdotes. Faria, em tais condições, a quarta série do ensino fundamental sendo que, Curso Normal Regional seria feito no grupo escolar professor Lapagesse, centro da cidade de Criciúma.

Evidentemente Zefiro gostou da proposta, aceitou e, montado a cavalo, conduzido por seu pai, foi estudar em Forquilha.

Objetivo: ser professor!

O colégio era o mais respeitado educandário de toda a região. Ali estudavam apenas os filhos de famílias abastadas de Criciúma, de Nova Veneza, de Araranguá e de Forquilha, evidentemente. Nesse educandário havia apenas internato.

E Zefiro, um *coloninho* da Ponta do Mato, de família humilde, cego de um olho, estava dentre aqueles privilegiados educandos.

Giassi fazia ali as aulas de cultura geral e a ali-

Com Alírio, Olívio e Getúlio Dalmolin, vizinhos de sua casa, fazia o trajeto diário em uma hora e meia, ou três horas ida e volta. Uma ou duas batatas assadas se constituíam no seu lanche diário.

O curso primário estaria garantido; todavia, cego de uma vista, teria imensas dificuldades para o trabalho.

Competiu aos seus pais a revelação da sua vocação: resolveram que Zefiro seria professor e não agricultor. Nem perguntaram pra ele, mas auto-determinaram que iria ensinar outras pessoas no sagrado exercício do magistério.

mentação - como se fosse interno - mas residia com os padres da paróquia Sagrado Coração de Jesus.

Irmã Maria Norberta Ogniewski - quem não conheceu irmã Norberta? - sábia e severa, mantinha a disciplina indistintamente. Presença constante em salas de aula. Sentava-se à mesa, às refeições, com os alunos. Todos iguais, sem qualquer distinção. Que o confirme o conselheiro do Tribunal de Contas de Santa Catarina, Clóvis Balsini - filho do médico José T. Balsini - que, contemporâneo, reivindicava tratamento especial em função de sua condição sócio-econômica.

Irmã Norberta complementava a educação curricular com a educação de urbanidade ensinando à gurizada os preceitos de convivência em sociedade e os princípios de respeito ao próximo. Não permitia que, às refeições, fosse deixado um grão de arroz, sequer, no prato.

Restos de comida no lixo? Nem pensar.

Numa determinada refeição irmã Norberta anunciou: *hoje é carne de muçum*.

O muçum (*Synbranchus marmoratus*) é um peixe teleósteo sinbranquiforme, da família dos sinbranquídeos, encontrado em rios, lagos e açudes da América do Sul. A espécie de peixe é desprovida de escamas, nadadeiras pares e bexiga natatória. Sua pele, por sua vez, é amarelada nos adultos, segrega grande quantidade de muco. Em períodos de seca, vive durante meses enterrado em túneis, possuindo ainda a capacidade de sofrer reversão sexual. (Wikipédia)

*Madonna Mia*, (Minha nossa Senhora) balbuciou Zefiro: *hoje não almoço!* E recusou o quinhão que lhe coube: *eu é que não vou comer muçum, de jeito nenhum!* Irmã Norberta foi ter com ele, falou sobre o teleósteo que, garantiu ela, é primo dos peixes. E arrematou: *você tem que comer.*

Quando Irmã Roberta falava assim, não havia argumento que a demovesse. Resignado, resolveu comer.

Zefiro espetou uma migalha, com o garfo, e a levou à boca para provar. O medo dissipou-se, não era nada daquilo que sempre imaginara do pobre muçum, relativamente ao sabor de sua carne. Mais uma garfada. Uma terceira. Agora um naco já era mastigado e Zefiro pediu mais uma porção. Aproveitara o sabor do muçum. Irmã Norberta negou-lhe. De castigo!

E este foi mais um magno aprendizado de Zefiro para toda a sua vida.

## SINOS, CHARRETE, PARAMENTOS & LITURGIA.

Zefiro, aquele menino interiorano da Ponta do Mato, aprendia e armazenava esses conhecimentos e procedimentos e os transmitia em casa, nos tempos de férias. E mais: os guardaria para a execução do seu grande projeto de vida: nada de desperdício, nada de tratamento privilegiado em decorrência de situação sócio-econômica. Em qualquer situação: respeito ao próximo.

A execução dos deveres impostos pelos professores, para a aula do dia seguinte, era sagrada. Não haveria, jamais, desculpa para o não cumprimento.

Lá na casa dos padres, Zefiro se obrigara em badalar dos sinos chamando os fiéis para os ofícios religiosos, em arrumar os paramentos e utensílios utilizados em tais ofícios e o plantio de cana de açúcar – para tratar do cavalo - no quintal da casa. Levantava por volta de seis horas da manhã para poder cuidar desses afazeres e se preparar para a escola.

Além disso, lhe competiam as rédeas que guiavam os cavalos que puxavam a charrete dos padres nas visitas às capelas do interior.

Depois de passado um ano e cursada a quarta série foi para Criciúma para estudar o admissão ao Curso Normal Regional.

Contava 14 anos de idade.

**“Educar é de certo modo transformar um animal humano em cidadão”.**

Ferreira Goulart

Era 1948.

O Brasil acabara de sair da II Guerra Mundial. A Ditadura de Vargas sucumbira. Vivíamos um Estado democrático. O gal. Eurico Gaspar Dutra era o nosso presidente e o vice-presidente era o catarinense Nereu Ramos. Aderbal Ramos da Silva, nosso governador. Addo Caldas Faraco, um fluminense de Petrópolis que gerenciava os Correios e Telégrafos da cidade, era o nosso prefeito municipal.

Com 14 anos de idade Zefiro foi matriculado no preparatório ao Curso Normal Regional, que funcionava no mais antigo educandário de Criciúma: grupo escolar Professor Lapagesse.

Aprovado para ser admitido, fez a matrícula: o ano letivo começaria em janeiro do ano seguinte: 1949.



- Vou ser professor!

Não foi fácil. Um olho, apenas. Residia lá na Ponta do Mato. Um coloninho que se vestia como coloninho, andava como coloninho, calçava como coloninho, falava como coloninho...

O Lapagesse era o mais sofisticado estabelecimento escolar de Criciúma. A burguesia urbana estudava ali.

No início ia para a escola a cavalo: da Primeira Linha até a olaria do Uggioni, (bairro Comerciário). Ali o cavalo era desencilhado e solto e voltaria a receber os arreios para o retorno de Zefiro, quando terminadas as aulas.

contrava o inspetor escolar Nicolau Destri Napoleão. As explicações foram dadas, Zefiro perdoado e o Sylvio nunca mais dele se aproximou com tais objetivos.

**“Sou sério, mas não sou anjo!”** Mário Covas

Mais tarde Sylvio e Zefiro tornaram-se grandes amigos e jamais se tocou neste assunto.

Cabo João, assim chamado o militar que se responsabilizava pela segurança da cidade. Era respeitado e temido por todos. Fez história no cenário policial da região. Um de seus filhos era Sylvio.

## E DEU-LHE UM MURRO.

Embora o termo ainda não se aplicasse tínhamos, ali, com certeza, a materialização do *bullying* que, nos dias atuais, afugenta alunos de escolas.

Havia alunos que mexiam com Zefiro especialmente por seu sotaque italiano – revelador de que habitava a colônia.

Mas Zefiro não se incomodou com isso.

Havia, no entanto, um aluno, de série inferior, de nome Sylvio Bittencourt que, se arvorando de “filho do cabo João”, mexia com Zefiro a cada recreio, por causa da sua maneira singular de ser. Não raras vezes enchia uma seringa (daquelas utilizadas para lavagem de ouvido) de água e a esvaziava no rosto do nosso personagem. Até que, num determinado dia, já de saco cheio, Zefiro aplicou-lhe um soco na cabeça derrubando-o.

Alvorço. Confusão. Torcida para os dois lados. Turma do “deixa disso” em ação.

Foi chamado à direção da escola, onde se en-

## A TURMA DO NORMAL REGIONAL.

Lembra-se, bem, de Angelino Peruchi, Diamor Meller, Dionísio Silvestre e Astor dos Santos que, dentre tantos, foram seus colegas de turma. De todos foi amigo. De todos nutre recordações indeléveis. Foi uma das mais promissoras frações de sua vida.

Nos assentamentos havidos no arquivo do colégio Professor Lapagesse buscamos as informações precisas dessa importante fase da vida de nosso biografado. É de se registrar que a secretaria do Lapagesse mantém, desde a fundação, com muito denodo e responsabilidade, toda a documentação escolar e curricular dos que ali estudaram. E mais, a diretora Regina Luciano e a Secretária Aparecida Bristot Loli se esmeram em ajudar ao pesquisador.

Eram 12 rapazes e 23 garotas, relacionados no diário de classe, separadamente: primeiro os alunos, depois as alunas. Puro machismo. Pode?

E aqui está a turma que iniciou o Curso Normal Regional, no Lapagesse, com Zefiro Giassi:

I - alunos:

Angelino Peruchi, Arnaldo Doneda, Arilton da Silva, Astor dos Santos, Diamor Meller, Dionísio Silvestre, Dorly Napolini, Francisco Faraco, Leonardo A. Cardoso, Manoel dos Santos, Neri Peruchi e Zefiro Giassi (não falei que, com Z, seria chamado em último lugar?);

II – alunas:

Ada Zilah da Rosa, Alice Gava, Augusta Milanez, Catarina Rocha, Conceição da Silva, Calixta Correa, Elisa C. Colle, Enir Mezzari, Ivany Búrigo, Jéssie Brágia, Luiza Bittencourt, Marly Heinzen, Marly Luz, Maria Angela dos Santos, Mística Giassi, Olga Zilli, Pedrinha Roussenq, Santana Macuco, Semíramis Macuco, Seve- rina Savi, Shirley Borba, Terezinha Goulart e Zelézia Inácio.

O aproveitamento escolar era medido por sabinas e provas às quais eram atribuídas notas de zero a 100. Ao final de cada ano era apurada a média geral que aprovaria e classificaria todos os matriculados. Uns aprovados diretamente. Outros submetidos a exames de segunda chamada em uma ou mais matérias. Uns terceiros reprovados.

No dia 15 de dezembro o ano letivo seria fechado atribuindo a Zefiro média final 71, 4º lugar. O 1º lugar ficaria com Angelino Peruchi, com média 85.

Sua melhor média, naquele ano, foi 93, em Geografia e, a menor, 60 em Desenho/Caligrafia e Canto Orfeônico.

- Desenho e Caligrafia, Seu Zefiro? Canto Orfeônico?

Em 1950, matriculado no 2º ano, Zefiro encontraria sua turma desfalcada: dos 12 alunos, apenas seis retornaram. Não voltaram: Arnaldo Doneda, Arilton da Silva, Dorly Napolini, Francisco Faraco, Leonardo A. Cardoso e Neri Peruchi. Mas foram admitidos Hamilton Feldmann e Hélio Souza.

E as alunas: Ada Zilah da Rosa, Catarina Rocha, Elisa C. Colle, Enir Mezzari, Ivany Búrigo, Olga Zilli, Pedrinha Roussenq, Semíramis Macuco e Santana Macuco também não retornaram. Mas a turma recebera Ortenila Piovesan e Terezinha Napoleão.

O encerramento do ano apontou a aprovação de Zefiro com média de notas 83 perdendo o 1º lugar, por um ponto - 84 - , para Angelino Peruchi.

Seu melhor desempenho foi em Ciências: nota 95. Desenho/Caligrafia marcariam a menor nota: 75.

- Sabia desenhar, perfeitamente, a vida que queria viver, futuramente. Mas o desenho do currículo escolar era, realmente, sofrível.

No dia 15 de dezembro desse ano a banca examinadora, constituída pelos professores Nicolau Destri Napoleão, Maria de Lourdes Hülse Lodetti, Maria Couto Raimundo, Zulcema Povoas Carneiro, Carlota de Aquino Nicoletti e Zilda Shmitz Kauling concedia-lhe aprovação habilitando-o à matrícula à terceira série.

Em 1951 a turma do Normal Regional baixou para sete rapazes e 21 garotas. Zefiro seria aprovado com média final 82 e, novamente, a um ponto - 83 - de Angelino Peruchi, 1º lugar.

O aluno Zefiro recebeu nota 95 em História, Ciências e Trabalhos Manuais.

Desenho/Caligrafia, a menor: 60. Desenhava e caligrafava mal... se bem que, com nota final 60, não era assim *tãããã* mal.

A habilitação à matrícula à quarta série foi conferida pela banca examinadora constituída pelos professores: Gerda Becke Machado, Zilda Shmitz Kauling, Maria José Nunes Pires Castelan, Célia Rovere, Célia Roussenq e Maria de Lourdes Carneiro.

- E que banca!





1952: conclusão do curso.

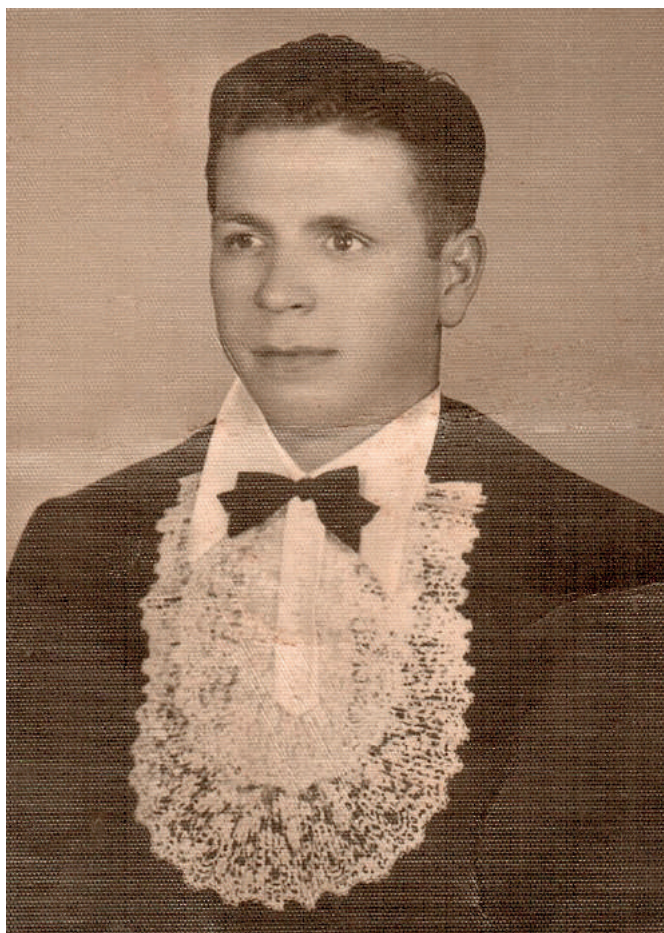
Dos doze alunos de 1949 chegaram ao podium: Angelino Peruchi, Astor dos Santos, Diamor Meller, Hamilton Feldmann (que ingressou no 2º ano), Manoel dos Santos e Zefiro Giassi.

Das alunas - 23 - estas receberam o certificado: Alice Gava, Augusta Milanez, Calixta Correa, Cláudia A. Zaccaron (que ingressou no 4º ano), Dileta Peruchi (que ingressou no 3º ano), Elza Sampaio dos Reis (que ingressou no 4º ano), Hilda Flor (que ingressou no 2º ano), Jéssica Bráglia, Mafalda Minatto, Maria Angela dos Santos, Maria Francisca de Lucca (que ingressou no 4º ano), Maria Martinello (que ingressou

no 3º ano), Maria Rovaris (que ingressou no 4º ano), Marly Luz, Mística Giassi, Severina Savi, Shirley Borba, Tereza Martinello (que ingressou no 3º ano), Terezinha Goulart e Zelézia Inácio. A aprovação final, com a outorga do título de professor, foi conferida pela banca examinadora constituída pelos professores: Maria José Nunes Pires Castelan, Maria de Lourdes Carneiro, Neusa Nunes Vieira e Zilda Shmitz Kauling que, a exemplo das bancas dos anos anteriores, são considerados, hoje, ícones da história do magistério de Criciúma.

Pronto: Zefiro é professor! Ufa!

**Finis coronat opus!** (o fim coroa a obra)



RESULTADO DAS PROVAS E EXAMES DA IV SÉRIE,

| N. de Ordem | Nome dos alunos        | 1.º GRUPO       |        |       |          |            |            |       |        |       |          |   |       |       |        |       |   |            |       |       |        |                           |          |            |       |       |        |       |          |
|-------------|------------------------|-----------------|--------|-------|----------|------------|------------|-------|--------|-------|----------|---|-------|-------|--------|-------|---|------------|-------|-------|--------|---------------------------|----------|------------|-------|-------|--------|-------|----------|
|             |                        | PROVAS ESCRITAS |        |       |          |            |            |       |        |       |          |   |       |       |        |       |   |            |       |       |        |                           |          |            |       |       |        |       |          |
|             |                        | Português       |        |       |          |            | Matemática |       |        |       |          | Geografia (1.º e 2.º)<br>História (3.º e 4.º) |       |       |        |       | Ciências (1.º e 2.º)<br>Anatomia e<br>Fisiologia<br>Higiene (4.º) |            |       |       |        | Psicologia e<br>Pedagogia |          |            |       |       |        |       |          |
|             |                        | Aulas           | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais | Média      | Aulas | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais                                    | Média | Aulas | Faltas | Junho | Novembro  | E. Mensais | Média | Aulas | Faltas | Junho                     | Novembro | E. Mensais | Média | Aulas | Faltas | Junho | Novembro |
| 1           | Angelina Peruchi       | 97              | 2      | 50    | 75       | 63         | 97         | 1     | 100    | 78    | 97       | 2   | 100   | 78    | 100    | 100   | 97  | 1          | 100   | 100   | 97     | 2                         | 95       | 95         | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 2           | Astor dos Santos       | 99              | -      | 35    | 65       | 50         | 98         | -     | 60     | 95    | 68       | 99  | -     | 10    | 68     | 98    | -   | 90         | 90    | 99    | -      | 40                        | 65       | 65         | 65    | 65    | 65     | 65    |          |
| 3           | Diamor Meller          | 97              | 2      | 50    | 65       | 61         | 97         | 1     | 80     | 95    | 88       | 97  | 2     | 95    | 85     | 86    | 97  | 1          | 80    | 85    | 84     | 97                        | 2        | 95         | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 4           | Hamilton Feldmann      | 96              | 3      | 55    | 55       | 60         | 96         | 2     | 70     | 80    | 75       | 96  | 3     | 75    | 75     | 76    | 96  | 2          | 90    | 90    | 97     | 96                        | 3        | 45         | 70    | 70    | 70     | 70    |          |
| 5           | Manuel dos Santos      | 98              | 1      | 40    | 75       | 65         | 96         | 2     | 100    | 95    | 83       | 98  | 1     | 100   | 95     | 93    | 96  | 2          | 90    | 95    | 90     | 98                        | 1        | 90         | 90    | 90    | 90     | 90    |          |
| 6           | Zefiro Giassi          | 89              | 10     | 55    | 65       | 61         | 92         | 6     | 80     | 85    | 85       | 89  | 10    | 75    | 90     | 88    | 92  | 6          | 75    | 95    | 88     | 89                        | 10       | 95         | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 7           | Pedro dos Santos       | 72              | 5      | 55    | 50       | 55         | 69         | 7     | 20     | 65    | 57       | 72  | 4     | 55    | 85     | 71    | 67  | 5          | 85    | 85    | 90     | 72                        | 4        | 35         | 65    | 65    | 65     | 65    |          |
| 1           | Alice Gava             | 99              | -      | 40    | 75       | 63         | 98         | -     | 70     | 95    | 86       | 99  | -     | 100   | 90     | 86    | 98  | -          | 80    | 95    | 90     | 99                        | -        | 75         | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 2           | Augusta Milanes        | 93              | 6      | 75    | 55       | 66         | 98         | -     | 60     | 90    | 71       | 96  | 3     | 75    | 85     | 83    | 98  | -          | 90    | 90    | 96     | 3                         | 85       | 85         | 85    | 85    | 85     | 85    |          |
| 3           | Calixta T. Corrêa      | 96              | 3      | 60    | 75       | 73         | 98         | -     | 100    | 95    | 76       | 98  | 1     | 90    | 95     | 91    | 98  | -          | 95    | 95    | 96     | 98                        | 1        | 100        | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 4           | Cláudia G. Laccaron    | 98              | 1      | 65    | 65       | 61         | 98         | -     | 100    | 100   | 75       | 98  | 1     | 90    | 90     | 73    | 98  | -          | 100   | 95    | 98     | 98                        | 1        | 100        | 90    | 90    | 90     | 90    |          |
| 5           | Dileta Peruchi         | 94              | 5      | 40    | 60       | 53         | 96         | 2     | 60     | 85    | 76       | 94  | 5     | 65    | 75     | 73    | 96  | 2          | 70    | 85    | 82     | 94                        | 5        | 75         | 80    | 80    | 80     | 80    |          |
| 6           | Elza Sampaio dos Reis  | 98              | 1      | 50    | 75       | 66         | 98         | -     | 60     | 95    | 81       | 98  | 1     | 100   | 90     | 77    | 98  | -          | 100   | 100   | 100    | 98                        | 1        | 90         | 90    | 90    | 90     | 90    |          |
| 7           | Hilda Flor             | 95              | 4      | 35    | 75       | 61         | 95         | 3     | 60     | 85    | 73       | 95  | 4     | 75    | 85     | 78    | 95  | 3          | 70    | 90    | 86     | 95                        | 4        | 85         | 90    | 90    | 90     | 90    |          |
| 8           | Jessie Braglia         | 97              | 2      | 80    | 80       | 80         | 96         | 2     | 50     | 90    | 71       | 97  | 2     | 90    | 90     | 91    | 98  | -          | 80    | 100   | 11     | 97                        | 2        | 100        | 90    | 90    | 90     | 90    |          |
| 9           | Marjuda Minatto        | 97              | 2      | 35    | 70       | 61         | 96         | 2     | 50     | 90    | 66       | 97  | 2     | 75    | 80     | 86    | 96  | 2          | 70    | 90    | 83     | 97                        | 2        | 90         | 90    | 90    | 90     | 90    |          |
| 10          | M.ª Angela dos Santos  | 95              | 4      | 35    | 75       | 55         | 95         | 3     | 90     | 95    | 78       | 95  | 4     | 90    | 80     | 85    | 95  | 3          | 90    | 90    | 90     | 99                        | -        | 95         | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 11          | M.ª Francisco de Lucca | 71              | 1      | 55    | 55       | 50         | 62         | 12    | 20     | 70    | 55       | 71  | 1     | 80    | 85     | 86    | 62  | 42         | 65    | 85    | 80     | 99                        | -        | 65         | 65    | 65    | 65     | 65    |          |
| 12          | M.ª Martinello         | 93              | 6      | 30    | 55       | 45         | 98         | -     | 50     | 90    | 71       | 93  | 6     | 40    | 75     | 66    | 98  | -          | 60    | 85    | 71     | 97                        | -        | 55         | 80    | 80    | 80     | 80    |          |
| 13          | M.ª Tovar              | 99              | -      | 70    | 65       | 66         | 97         | 1     | 50     | 90    | 66       | 99  | -     | 85    | 90     | 86    | 97  | 1          | 70    | 90    | 85     | 93                        | 6        | 95         | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 14          | Marly Luz              | 99              | -      | 65    | 70       | 67         | 94         | 4     | 50     | 90    | 75       | 99  | -     | 90    | 90     | 90    | 94  | 4          | 90    | 100   | 75     | 95                        | 4        | 100        | 95    | 95    | 95     | 95    |          |
| 15          | M.ª ...                | 92              | 2      | 25    | 50       | 41         | 92         | -     | 100    | 90    | 80       | 92  | -     | 50    | 70     | 60    | 92  | -          | 70    | 90    | 80     | 92                        | -        | 55         | 80    | 80    | 80     | 80    |          |



REALIZADAS DURANTE O ANO LETIVO DE 1943

I. O. E.-

| 2.º GRUPO                     |        |       |          |            |                 |       |        |       |          |   |       |       |        |       |                      |            |       |                   |        | Média Geral de Promoção | Observações |           |       |       |        |       |          |           |       |    |          |
|-------------------------------|--------|-------|----------|------------|-----------------|-------|--------|-------|----------|---|-------|-------|--------|-------|----------------------|------------|-------|-------------------|--------|-------------------------|-------------|-----------|-------|-------|--------|-------|----------|-----------|-------|----|----------|
| PROVAS ORAIS OU PRÁTICO ORAIS |        |       |          |            |                 |       |        |       |          | Trabalhos Manuais e Economia Doméstica (1º) |       |       |        |       | Desenho e Caligrafia |            |       | Educação Física   |        |                         |             |           |       |       |        |       |          |           |       |    |          |
| Didática e Prática do ensino  |        |       |          |            | Canto Orfeônico |       |        |       |          | Ativ. Econ. da Região (2º e 3º)             |       |       |        |       |                      |            |       | Recreação e Jogos |        |                         |             |           |       |       |        |       |          |           |       |    |          |
| Aulas                         | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais | Média           | Aulas | Faltas | Junho | Dezembro | E. Mensais                                  | Média | Aulas | Faltas | Junho | Dezembro             | E. Mensais | Média | Aulas             | Faltas | Junho                   | Dezembro    | E. Mensal | Média | Aulas | Faltas | Junho | Dezembro | E. Mensal | Média |    |          |
| 91                            | 2      | 95    | 100      | 95         | 95              | 31    | 1      | 70    | 95       | 95  | 86    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 60          | 75        | 78    | 80    | 2      | 3     | 100      | 80        | 75    | 88 | Aprovado |
| 98                            | 1      | 70    | 100      | 66         | 75              | 31    | 1      | 70    | 95       | 95  | 85    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 30          | 75        | 58    | 102   | 3      | 85    | 70       | 65        | 68    | 66 | "        |
| 97                            | 2      | 85    | 50       | 66         | 66              | 31    | 1      | 60    | 85       | 85  | 73    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 30          | 75        | 51    | 102   | 3      | 90    | 70       | 50        | 76    | 72 | "        |
| 96                            | 3      | 55    | 50       | 60         | 55              | 29    | 3      | 80    | 85       | 85  | 85    |       |        |       |                      |            |       |                   | 28     | 2                       | 40          | 70        | 56    | 102   | 3      | 100   | 70       | 60        | 71    | 69 | "        |
| 96                            | 3      | 100   | 100      | 71         | 95              | 31    | 1      | 95    | 95       | 95  | 93    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 30          | 80        | 60    | 102   | 3      | 100   | 65       | 75        | 71    | 84 | "        |
| 92                            | 7      | 90    | 50       | 83         | 73              | 29    | 3      | 90    | 95       | 95  | 71    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 60          | 75        | 66    | 102   | 3      | 90    | 69       | 75        | 81    | 77 | "        |
| 69                            | 5      | 55    | 80       | 83         | 70              | 20    | 2      | 95    | 80       | 80  | 88    |       |        |       |                      |            |       |                   | 20     | 2                       | 30          | 70        | 57    | 98    | 2      | 85    | 70       | 70        | 85    | 77 | "        |
| 98                            | -      | 100   | 95       | 96         | 95              | 32    | -      | 70    | 90       | 90  | 83    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 60          | 90        | 73    | 103   | 1      | 100   | 70       | 100       | 75    | 85 | Aprovada |
| 98                            | -      | 95    | 85       | 83         | 85              | 32    | -      | 70    | 95       | 95  | 80    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 70          | 95        | 88    | 101   | 2      | 95    | 70       | 95        | 73    | 82 | "        |
| 98                            | -      | 100   | 90       | 113        | 95              | 32    | -      | 85    | 95       | 95  | 70    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 50          | 75        | 64    | 101   | 2      | 100   | 70       | 95        | 76    | 87 | "        |
| 98                            | -      | 100   | 90       | 73         | 90              | 32    | -      | 70    | 100      | 100   | 75    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 90          | 95        | 91    | 108   | -      | 100   | 100      | 100       | 100   | 70 | "        |
| 96                            | 2      | 75    | 80       | 73         | 76              | 32    | -      | 60    | 90       | 90  | 76    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 75          | 85        | 73    | 101   | 2      | 85    | 75       | 85        | 73    | 76 | "        |
| 98                            | -      | 95    | 100      | 73         | 91              | 32    | -      | 90    | 100      | 100   | 91    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 90          | 100       | 96    | 101   | 2      | 100   | 100      | 100       | 100   | 90 | "        |
| 95                            | 3      | 95    | 85       | 71         | 85              | 32    | -      | 80    | 95       | 95  | 70    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 30          | 95        | 70    | 103   | -      | 70    | 80       | 85        | 79    | "  |          |
| 96                            | 2      | 100   | 90       | 73         | 95              | 31    | 1      | 90    | 95       | 95  | 91    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 30          | 90        | 97    | 101   | 2      | 100   | 100      | 100       | 95    | "  |          |
| 96                            | 2      | 95    | 70       | 85         | 78              | 31    | 1      | 70    | 95       | 95  | 78    |       |        |       |                      |            |       |                   | 29     | 1                       | 65          | 90        | 78    | 101   | 2      | 100   | 75       | 85        | 75    | 78 | "        |
| 95                            | 3      | 80    | 90       | 81         | 85              | 32    | -      | 80    | 95       | 95  | 88    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 50          | 95        | 88    | 102   | 2      | 70    | 75       | 75        | 73    | 75 | "        |
| 62                            | 12     | 65    | 75       | 70         | 75              | 18    | 4      | 70    | 85       | 85  | 68    |       |        |       |                      |            |       |                   | 20     | 2                       | 75          | 75        | 68    | 108   | -      | 100   | 100      | 100       | 75    | "  |          |
| 98                            | -      | 50    | 70       | 63         | 68              | 32    | -      | 50    | 90       | 90  | 68    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 30          | 85        | 68    | 100   | 3      | 30    | 90       | 76        | 76    | "  |          |
| 97                            | 1      | 95    | 90       | 91         | 95              | 32    | -      | 80    | 95       | 95  | 70    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 100         | 100       | 77    | 101   | 2      | 100   | 75       | 90        | 76    | 85 | "        |
| 94                            | 4      | 100   | 80       | 85         | 95              | 29    | 3      | 95    | 95       | 95  | 88    |       |        |       |                      |            |       |                   | 30     | -                       | 100         | 85        | 88    | 101   | 2      | 70    | 70       | 95        | 77    | 87 | "        |

RESULTADO DAS PROVAS E EXAMES DA IV SÉRIE,

| N. de Ordem | Nome dos alunos   | 1º. GRUPO       |        |       |          |                  |            |        |       |          |                  |  |        |       |          |                  |   |        |       |          |                  |                        |        |       |          |                  |
|-------------|-------------------|-----------------|--------|-------|----------|------------------|------------|--------|-------|----------|------------------|--|--------|-------|----------|------------------|---|--------|-------|----------|------------------|------------------------|--------|-------|----------|------------------|
|             |                   | PROVAS ESCRITAS |        |       |          |                  |            |        |       |          |                  |  |        |       |          |                  |   |        |       |          |                  |                        |        |       |          |                  |
|             |                   | Português       |        |       |          |                  | Matemática |        |       |          |                  | Geografia (1º e 2º) e História (3º e 4º) |        |       |          |                  | Ciências (1º e 2º) Anatomia e Fisiologia Higiene (4º) |        |       |          |                  | Psicologia e Pedagogia |        |       |          |                  |
|             |                   | Aulas           | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais Média | Aulas      | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais Média | Aulas                                    | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais Média | Aulas   | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais Média | Aulas                  | Faltas | Junho | Novembro | E. Mensais Média |
| 15          | Mística Giassi    | 96              | 3      | 35    | 50       | 46               | 18         | -      | 100   | 90       | 88               | 96                                       | 3      | 50    | 70       | 65               | 98  | -      | 65    | 90       | 87               | 96                     | 3      | 55    |          |                  |
| 16          | Severina Sari     | 75              | 4      | 50    | 75       | 63               | 95         | 3      | 100   | 90       | 75               | 95                                       | 4      | 55    | 65       | 70               | 95  | 3      | 80    | 70       | 88               | 95                     | 4      | 70    |          |                  |
| 17          | Shirley Borba     | 93              | 6      | 85    | 80       | 80               | 92         | 6      | 60    | 90       | 75               | 93                                       | 6      | 100   | 75       | 86               | 92  | 6      | 35    | 95       | 91               | 93                     | 6      | 95    |          |                  |
| 18          | Tereza Martinello | 77              | 2      | 55    | 55       | 53               | 97         | 1      | 80    | 90       | 78               | 97                                       | 2      | 60    | 70       | 68               | 97  | 1      | 75    | 95       | 87               | 94                     | 2      | 95    |          |                  |
| 19          | Terezinha Goulart | 99              | -      | 75    | 75       | 76               | 96         | 2      | 90    | 85       | 88               | 99                                       | -      | 90    | 85       | 91               | 96  | 2      | 85    | 95       | 93               | 99                     | -      | 95    |          |                  |
| 20          | Eclésia Inácio    | 95              | 4      | 60    | 60       | 91               | 7          | 60     | 90    | 95       | 81               | 94                                       | 5      | 60    | 75       | 71               | 91  | 7      | 80    | 90       | 85               | 94                     | 5      | 65    |          |                  |

A banca examinadora declara que procedeu a série conforme resultado expresso no quadro acima e que compareceram 27 alunos, sendo 7 meninos e 20 meninas, o que dá o total de 100% sobre a matrícula.

As alunas Maria Martinello (Português) e Maria Criciúma da Silva (Matemática) e Maria da Silva (Ciências) e Maria da Silva (História) e Maria da Silva (Geografia) e Maria da Silva (Anatomia e Fisiologia) e Maria da Silva (Higiene) e Maria da Silva (Psicologia e Pedagogia).



REALIZADAS DURANTE O ANO LETIVO DE 1952

I. O. E.

|                              |       | 2.º GRUPO                     |       |          |            |       |   |        |       |          |            |                      |       |        |       |          | Média Geral de Promoção           | Observações |       |        |       |          |           |       |    |
|------------------------------|-------|-------------------------------|-------|----------|------------|-------|---|--------|-------|----------|------------|----------------------|-------|--------|-------|----------|-----------------------------------|-------------|-------|--------|-------|----------|-----------|-------|----|
|                              |       | PROVAS ORAIS OU PRÁTICO ORAIS |       |          |            |       |   |        |       |          |            |                      |       |        |       |          |                                   |             |       |        |       |          |           |       |    |
| Didática e Prática do ensino |       | Canto Orfeônico               |       |          |            |       | Trabalhos Manuais e Economia Doméstica (1º) Ativ. Econ. da Região (2º e 3º) |        |       |          |            | Desenho e Caligrafia |       |        |       |          | Educação Física Recreação e Jogos |             |       |        |       |          |           |       |    |
| E. Mensais                   | Aulas | Faltas                        | Junho | Novembro | E. Mensais | Média | Aulas   | Faltas | Junho | Dezembro | E. Mensais | Média                | Aulas | Faltas | Junho | Dezembro | E. Mensal                         | Média       | Aulas | Faltas | Junho | Dezembro | E. Mensal | Média |    |
|                              |       |                               |       |          |            |       |   |        |       |          |            |                      |       |        |       |          |                                   |             |       |        |       |          |           |       | 85 |
| 90                           | 95    | 3                             | 95    | 80       | 11         | 31    | 1   | 90     | 95    | 83       |            |                      | 30    | -      | 65    | 95       | 77                                | 100         | 3     | 100    | 90    | 76       | 82        | "     |    |
| 80                           | 92    | 6                             | 100   | 85       | 90         | 31    | 1   | 100    | 95    | 96       |            |                      | 30    | -      | 40    | 95       | 81                                | 100         | 2     | 100    | 95    | 71       | 85        | "     |    |
| 70                           | 97    | 1                             | 90    | 80       | 15         | 32    | -   | 50     | 90    | 85       |            |                      | 30    | -      | 40    | 85       | 68                                | 100         | 3     | 90     | 85    | 75       | 80        | "     |    |
| 95                           | 96    | 2                             | 100   | 100      | 86         | 32    | -   | 90     | 95    | 93       |            |                      | 30    | -      | 80    | 90       | 83                                | 100         | 2     | 95     | 100   | 85       | 80        | "     |    |
| 81                           | 91    | 7                             | 90    | 85       | 100        | 73    | 30  | 2      | 90    | 90       | 91         |                      |       | 28     | 2     | 50       | 75                                | 65          | 100   | 3      | 100   | 90       | 86        | 82    | "  |

Exames regulamentares nos alunos atualmente matriculados e  
 criou, criteriosamente as instruções do Departamento de Educação  
 meninas, cujo resultado foi o seguinte: aprovados 7 meninos e 2  
 da classe.

Giassi (Português) fará exame de 2ª época  
 15 de dezembro de 1952.

Luís Pires Bastelan - Resp. pelo Exp.

des. Coarctado  
 Vilino  
 Loureiro

## ENTREGADOR DE LEITE.

Para facilitar sua frequência à escola, veio residir na cidade.

Lembre-mos de que o trajeto da Segunda Linha ao centro da cidade era feito, todo ele, a cavalo ou a pé. Na Segunda Linha residia sua irmã e, não raras vezes, Zefiro parava ali para fazer-lhe companhia.

Então, morou, um ano, na casa de Domingos Bristot. Para compensar a pensão cuidava dos animais domésticos e do quintal.

Noutro ano, na casa de Prendo Laurindo, ali onde temos - agora - a escola Joaquim Ramos, bairro Michel. Da mesma forma Zefiro se ocupava das lides com as vacas, cortava bananeiras colhendo seus respectivos cachos e, diariamente, transportava - às costas, no peito e nas mãos - 20 litros do leite ali produzido, para o café São Paulo, na praça Nereu Ramos.

Essa faina seria repetida, em ano subsequente, na propriedade de Quintino Cechinel que residia em área desapropriada para a construção do aeroporto municipal Leoberto Leal (hoje parque Centenário).

Foi um período duro, mas passados quatro anos recebeu o título e o diploma de Regionalista com o qual se habilitou ao magistério do ensino primário.

Sua formatura se deu em 1952 quando contava 19 anos de idade.



# XVVI Instrumento Musical? O Sino!

*“O meu coração é como um sino que  
repercuta as badaladas da vida.”*  
Rui Emmanuel Pais





Ao anoitecer - e antes da reza do terço - o pessoal de cada residência, lá no interior, punha-se na varanda e cantava músicas do folclore italiano não raras vezes entremeadas por canções brasileiras.

As casas distanciavam-se, umas das outras, em média, 800 metros.

Ainda assim era comum o pessoal de uma casa cantar uma estrofe de uma música qualquer e aquele da próxima residência cantar a segunda e, assim, sucessivamente. Em meio a tantas canções não há como esquecer de “La Colombina.”

Embora não tivesse as melhores notas em canto orfeônico, durante o curso, no Lapagesse, Zefiro tomava parte desses ‘corais’ assim como lhe era sempre atribuída a tarefa da cobrança de cota daqueles que participavam de domingueira ou de dança que se fazia, aleatoriamente, nas casas da Primeira Linha.

Cota: era designado o rateio das despesas com

os tocadores, isto é, o cachê dos gaiteiros. Era assim: quanto custa o gaiteiro? Somos em quantos? Dividia-se o custo pelo número de rapazes e o quociente era o valor da cota. *Vero?*

As domingueiras ocorriam em clubes ou nas casas de salas maiores. As dos clubes, sempre ao som de gaitas.

Mas nas casas dos colonos dançava-se, também, ao som de um violão (de propriedade do irmão mais velho, Alírio) e de um cavaquinho (de propriedade do segundo irmão, Enerino).

Zefiro nunca se dispôs a estudar qualquer instrumento musical. O único ao qual sempre se deu bem foi à sua garganta: sempre gostou de cantar, embora nada afinado. Ah, e ao sino: sabia - como poucos - puxar a corda para ouvir o sino badalar anunciando as celebrações ou, isso era cotidiano, às 6h e às 18h: hora da ave-Maria.

#### LA COLOMBINA

*La colombina la ga le ale  
La colombina la ga le ale  
E con le ale la tòca el cielo*

*La tòca el cielo la toca in tera  
La tòca el cielo la toca in tera  
A la primavera la vol cielo*

*La vol sposare alegremente  
La vol sposare alegremente  
Per stare da rente la note e al dì*

*La vol sposare de vero cuore  
La vol sposare de vero cuore  
Se la mi more mi piangerò.*

#### LA COLOMBINA (TRADUÇÃO)

*A pombinha tem asas  
E com as asas toca o céu  
Toca o céu toca terra*

*Toca o céu toca terra  
Toca o céu toca terra  
Na primavera voa ao céu*

*Quer casar alegremente  
Quer casar alegremente  
Para estar na frente da noite e do dia*

*Quer casar verdade de coração  
Quer casar verdade de coração  
Se ela morrer eu chorarei.*

*(Tradução: Itamar Benedet)*



# XVII Família Religiosa

*“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração,  
de toda a tua alma e de toda a tua força”.*  
Dt 6:5



Como já vimos neste compêndio a religião sempre foi muito forte junto aos *oriundi* (imigrantes italianos). A reza do terço, desde o tempo da nonna Thereza, era atividade diária obrigatória na casa dos Giassi. Aliás, não raras vezes havia a reza de dois terços a cada dia: um, quando iam para a roça. O outro, antes de irem dormir.

Lá no Morro Albino, duas horas de carro de bois, Seu Ângelo Giassi possuía uma roça só para o plantio de cana e trigo; mas a roça principal estava na localidade onde residia: Ponta do Mato.

A família era acordada por volta das quatro horas e, enquanto a mãe se ocupava em fazer o café e as refeições do dia, todos iam recitando jaculatórias, pai-nosso, ave-maria e outras orações.

As refeições de que se fala eram três: a das 8h, a das 12h e a da noite que, respectivamente, eram chamadas de almoço, jantar e ceia.

Que fique registrado: a polenta e a “minestra” - típicas comidas dos nossos italianos colonizadores - eram sagradas, não podiam faltar ao meio-dia e à noite, respectivamente.

A mãe as preparava com esmero e as acondicionava em cestos que eles levavam, no carro de bois, para a frente do serviço, lá na roça. Esse carro de bois era daqueles que ‘cantavam’, isto é, o rodado, sob o peso do produto carregado, rangia um assovio que era ouvido a centenas de metros. Havia, inclusive, identificação desse ranger de rodados: de longe já se sabia: - *lá vem o carro do fulano de tal*.

Seu Angelo, seu pai, era muito temente a Deus e fervoroso cristão. Ao final da reza do terço sempre pedia mais um pai-nosso dedicado a São José invocado para que obtivessem uma morte tranqüila, uma boa e santa morte, falava.

E sabem o que aconteceu?

Seu Angelo gostava muito de jogar baralho - Três Sete - com seus amigos.

E, naquele dia, sentado à mesa, distribuiu as cartas aos demais jogadores e, ao final, deixou a cabeça cair.

Um desses colapsos das artérias coronárias, tão repentino quanto fulminante, não deu chances para Seu Angelo sequer pedir socorro. Morrera. Morrera jogando baralho. Jogando baralho com seus amigos.

Aqui, com certeza, podemos afirmar que sua morte foi tranqüila, boa e santa (se é que morte pode ser boa).

*Miracolo de San José, vero?* (Milagre de São José, certo?)

Por falar em morte, regressemos no tempo relativamente ao assunto. As pessoas doentes faleciam em casa. Raramente eram internadas em hospital, até porque não havia - ainda - casas de saúde.

O velório também era feito na casa do falecido em cujo paiol era confeccionado o respectivo caixão. Tábuas ali armazenadas serviam para esse mister. Na sala de visitas eram dispostas duas cadeiras na cabeceira e duas nos pés e, sobre elas, colocado o caixão. De cada lado um castiçal com velas que ficavam acesas durante todo o velório.

Era muito comum, ainda, fotografar o defunto na urna mortuária, em casa ou na igreja. O defunto era trasladado de sua casa até a igreja, onde seu corpo era encomendado, e - dali - até o cemitério, a pé. Homens se revezavam nas alças do caixão desde a saída da respectiva casa até a chegada ao cemitério. Se o féretro passasse pelo centro da cidade, ou de um povoado, as casas - inclusive as comerciais - tinham suas portas cerradas numa demonstração de pesar pelo falecimento.

Os sinos da capela, na qual o corpo seria encomendado, anunciavam, pelo número e tipo de badaladas e/ou pelo som, a idade e o sexo do falecido.

Missa de corpo presente, só com autorização episcopal: portanto, não havia. Nem missa de sétimo ou trigésimo dia. Isso tudo se constituiu inovações da liturgia católica da segunda metade do Século XX.



# XVIII Primeiro Emprego

*“A preguiça caminha tão devagar, que a pobreza  
não tem dificuldade em alcançá-la”.*  
Confúcio





Ainda por causa da sua deficiência física, Zefiro era o encarregado da comercialização de alguns produtos caseiros.

Enchia as bolsas da bruaca, encilhava o cavalo e lá ia ele, à cidade, vender ovos e queijo. Os ovos, embalados devidamente com palha de milho e os queijos envoltos em toalhas. Dez dúzias de ovos, cada vez, eram levadas à cidade. Vendia tudo.

O produto de tais vendas era destinado à família. Ocorre que, por sua conta, Zefiro fazia uns vidrinhos com molho de pimenta que ele cultivava no quintal. Esse tempero era disputado

pelo pessoal da praça. O dinheiro proveniente dessa operação era somente seu.

Consta, ainda, que Zefiro era o comprador de pequenos objetos; por exemplo: corda de violão. A rapaziada fazia a encomenda, ele as comprava do Fefê Damiani, na Casa Ouro - que lhe vendia por preço de atacado - e Zefiro as entregava a preço de varejo embolsando o lucro.

Já era visível o tino do empreendedor. Capital + trabalho = riqueza, diria seu amigo Jarvis Gaidzinski, de saudosa memória. Aliás, Zefiro chegou a afirmar que – para não se fazer nada é preciso muito esforço.

Nessa época - final dos anos 1940 e início da década de 1950 - o município substituiria o nome do topônimo Cresciúma passando a grafar Criciúma, como nos dias atuais.

Içara, com todo o seu território, fazia parte do município cricumense do qual eram emanadas as leis a serem cumpridas por seus habitantes.

Alzira, sua irmã, lecionava na escola isolada municipal de Morro Bonito. Morro Bonito é uma extensão da Segunda Linha e do Morro Estevão que, segundo a escritora Elza de Mello Fernandes, teve como primeiros moradores as famílias de Júlio Dalmolin, Pedro Biff e Luiz Da-Rolt, todas italianas e agricultoras.

Zefiro, ainda estudante do Normal Regional, a substituía, a cada impedimento, o que lhe deu um aprendizado tal que, quando Alzira deixou a classe porque casara, e fora removida para outra unidade escolar, o prefeito Paulo Preis não teve dúvidas: nomeou Zefiro para aquela vaga.

Era 1951.

Zefiro, agora com 18 anos de idade, prestes a concluir seu curso de professor já fazia parte do quadro do magistério público com todos os direitos e deveres dos servidores municipais.

Amava a função de professor, de educador, de instrutor. Queria ajudar as crianças a se desenvolverem intelectualmente.

Estava presente o ensinamento que o grande piloto Ayrton Senna, alguns anos depois, transmitiria ao mundo: “Se a gente quiser modificar alguma coisa, é pelas crianças que devemos começar”.

Na página seguinte o fac-símile do ato de nomeação de Zefiro Giassi: seu primeiro emprego.

Decreto de 20 de março de 1952.

O Prefeito Municipal de Criciúma,

Resolve:

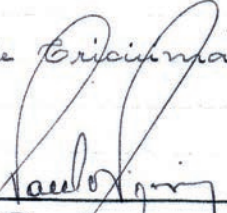
Nomear

De acordo com o artº 14, item IV, da Lei nº 48, de 12 de setembro de 1950.

Zefiro Giassi, para exercer o cargo de Professor - Padrão 9, do Quadro Único do Município, da escola mista de Novo Bonito, distrito de Criciúma.

Publique-se

Prefeitura Municipal de Criciúma, 20 de março de 1952.

  
\_\_\_\_\_  
Prefeito Municipal



O professor Zefiro Giassi com uma de suas turmas de alunos.





# Primeiro Negócio

Marca: Prosdócimo.



Na mesma ocasião faria o seu primeiro grande negócio da vida: compraria um veículo para se locomover da escola ao centro da cidade, ida e volta, e à casa paterna.

E que veículo!

Germano Kürten, um comerciante de Tubarão, abria, na rua conselheiro João Zanette, na cidade de Criciúma, uma filial da sua empresa comercial. Vendia, dentre outros produtos, bicicletas.

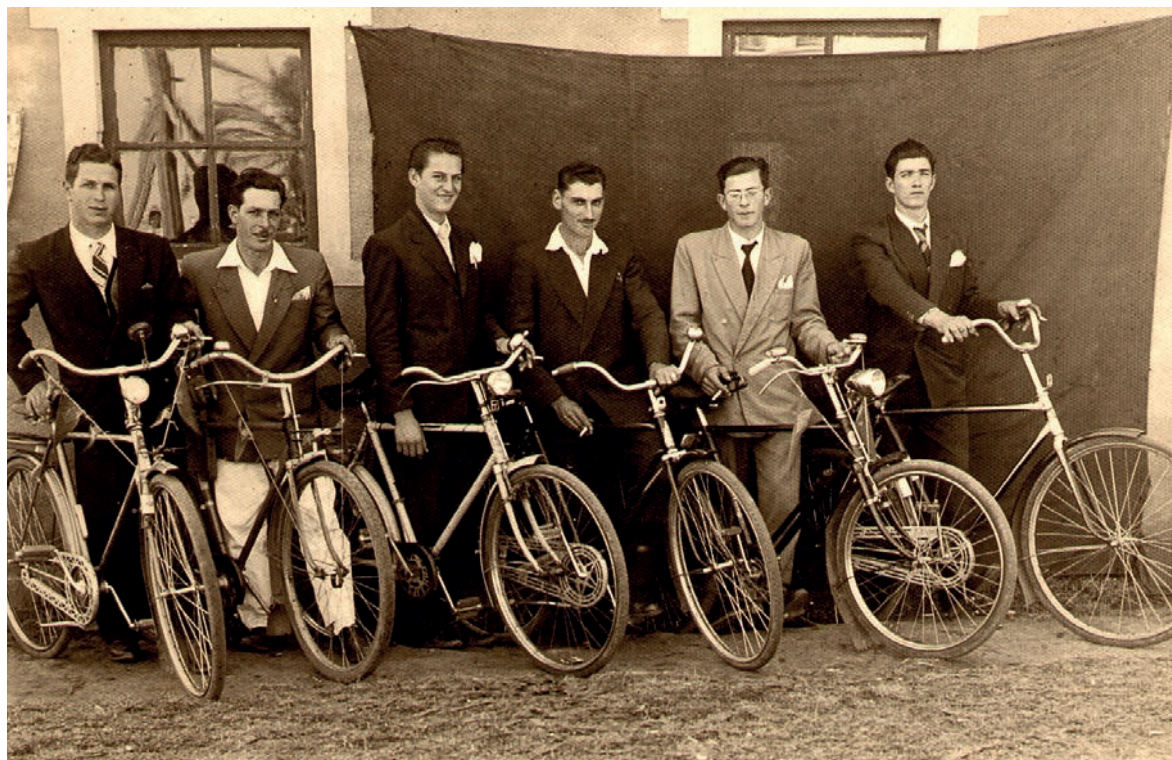
Zefiro foi ali, conversou, negociou e já saiu pedalando.

Esse fato foi tão importante na vida de Zefiro que a data ficou indelevelmente registrada: 15 de abril de 1951.

Como sua formatura se daria, ainda, em dezembro do ano seguinte a bicicleta seria de extrema utilidade.

E mais: ser dono de uma bicicleta dava muito status ao proprietário.

*- Agora aquele garoto lá da colônia, Primeira Linha, andava embarcado, pedalando uma bela bicicleta. Novinha em folha. (risos)*



Zefiro Giassi, à esquerda, seguido de Alirio Giassi, Hereditário Topanotti, Pedro Niero, Ângelo Cichella e José Patrício.



1952 - Zefiro e amigos na praça da capela de 3ª Linha.





# E Morou num Puxadinho

*“O tempo rende muito quando  
é bem aproveitado”.*  
Johann Goethe





Para conciliar o calendário-dia aos seus múltiplos afazeres, Zefiro passou a residir, durante a semana, na própria escola da qual era titular. Havia um “puxadinho” constituído de um quarto e uma área de serviço. A escola era composta por uma sala de 60 m<sup>2</sup> e o puxadinho 20 m<sup>2</sup>. Não havia mata-juntas - proporcionando, aos mosquitos, a irritante invasão domiciliar.

Ele não teve dúvidas: transformou o espaço do puxadinho na sua casa sendo que, ali mesmo, ele cozinhava, fazia as suas refeições e dormia. “*Só não lavava roupa*” completa.



57 alunos da escola isolada de Morro Bonito, sob a responsabilidade do professor Zefiro Giassi. Aos fundos, à direita nota-se o “puxadinho” no qual residia.

O tempo era rigorosamente cronometrado.

*- Ir para o Lapagesse, estudar, e retornar à escola para lecionar, pelos caminhos de então, era muito difícil. Não podia perder tempo.*

Não raras vezes, ao retornar do Lapagesse para sua casa, pedalando seu veículo, Zefiro fazia companhia à carroça do pão, da padaria Brasil. Postava-se ao lado, segurava a parte inferior da carroçaria com a mão direita, a esquerda no guidon da bicicleta, e o cavalo puxava carroça, carroceiro, e o ciclista.

O pão, à época, era vendido praticamente em domicílio. Numa carroça-baú era acondicionado em caixas e transportado, a cavalo. Nas casas e armazéns já se sabia dia e horário que o padeiro chegaria.

Nessas vezes em que Zefiro acompanhava o padeiro este lhe oferecia um pão que, sem constrangimento, Giassi aceitava e comia.

*- Fazia bem, diz ele.*



O pão era vendido assim: numa carrocinha tipo “baú”, puxada por um cavalo, e que rodava por todos os bairros do município. Aos pés do cocheiro o balaio com o qual chegava aos bares, armazéns e residências.

Com a bicicleta passou a atender, também, aos pais de alunos, especialmente estes que, não podendo ir à praça, pediam-lhe que adquirisse pequenos produtos que lhes faltavam em casa. Aqui, novamente, Zefiro praticou a compra e venda com valores agregados: adquiria por preço de atacado e entregava a preço de varejo. Negociar é um verbo que sabia conjugar desde cedo. Comprovadamente!



# XXI

## Namoro

*“O amor é a mais sagrada emoção humana.  
O amor é Deus dentro de nós”.*  
Anônimo



Vimos, n'algum lugar deste livro, que os descendentes de italianos haviam estabelecido que um dos requisitos para o casamento é que ele, o enlace matrimonial, se desse em famílias da mesma procedência: italiano casa com italiana, certo?

Naquele 24 de junho, de 1954, ocorreu a festa de São João, na Primeira Linha São João. Festa na Primeira Linha chamava gente de todos os lados: era sempre uma festa muito concorrida.

As moças vestiam vestidos novos e os rapazes caprichavam no terno. Elas com sapatos de salto e eles com sapatos extremamente bem engraxados.

Elas, exibindo brincos, pulseiras e batom aos lábios. Eles, com pente, caneta e lenço no bolso superior do paletó e cabelos 'lambidos' com Glostora.

Nesse dia era preciso se mostrar.

Zefiro foi à festa, claro. Nem poderia ser diferente: era dali residente sua irmã Alzira, casada com o Sinésio Zilli. Conhecia todo mundo. Ou quase todo mundo.

Foi à festa até com intenção de arrumar uma namorada. Pretendia formar a sua família e estava presente, no seu consciente, aquele provérbio que diz: Cem homens podem formar um acampamento, mas é preciso uma mulher para se fazer um lar. E ele já se considerava pronto para constituir o seu lar.

Seus irmãos e o Angelo Cechella, seu amigo inseparável, fizeram-lhe companhia.

Até então seus colóquios amorosos não passavam de uma conversa e de um carreto, isto é, de acompanhar a garota até perto de sua casa (dela). Isso mesmo: até perto da casa dela. Entrar ou frequentar a casa da garota significava namoro firme e, praticamente, compromisso de casamento. Isso ainda não havia ocorrido.

Zefiro procurava uma namorada de verdade. Queria se apaixonar por uma garota e, evidentemente, com ela se casar.

Nunca foi partícipe de festas suspeitas e nunca frequentou lugares mal recomendados pelos bons costumes. Diga-se, de passagem, que este fora um compromisso que assumira com sua mãe em troca da permissão para que estudasse. Compromisso que jamais desonrou.

Lá da Linha Três Ribeirões (hoje Jardim Maristela) veio uma garota que, à primeira vista, chamou-lhe a atenção. Embora não a conhecesse - mas tinha conhecimento de sua família - nunca reparara nos seus atributos, nos seus predicados.

Era a beleza física, era o modo de caminhar, eram seus gestos, era sua roupa. Tudo nela se mostrou encantador, diferente, elegante, culto. Era a Pupa – todos a chamavam assim - uma moça muito prendada.

*- Ela é prima do Sinésio, eu conhecia toda a família, mas nunca conversara com ela.*



# XXII

## Ana Maria

*“Uma mulher bonita não é aquela de quem se elogiam as pernas ou os braços, mas aquela cuja inteira aparência é de tal beleza que não deixa possibilidades para admirar as partes isoladas”.*  
Sêneca







Ana Maria. Ana Maria Zilli.  
Zilli: italiano.  
Giassi: italiano.

- Bah, combinação perfeita! Vai depender somente dela.

Zefiro, embora não tivesse voz para canto, fazia parte do coral da Terceira Linha, na condição de capelão daquela capela. E esse coral é que cantaria os hinos religiosos da missa festiva. Os coralistas subiram ao mezzanino da capela: lá era o lugar do coro.

Pois não é que a Pupa também subiu?

- Subiu, deu uma olhada rápida para todos, assim, por cima, mas particularmente para mim. O rosto dela ficou vermelho e ela desceu. Ela estava com a Placidina que já era namorada do meu amigo Angelo. Acho que isso facilitou as coisas... Naquele dia eu a vi de maneira diferente.

- É o amoor! Cantariam Zezé di Camargo & Luciano.

Mas o namoro só foi oficializado no dia 7 de agosto durante a festa de São Donato, na Içara.

Conhecê-la, tê-la por namorada e o período de noivado durariam um ano e quinze dias. Era amor mesmo!

No dia 9 de julho de 1955, na igreja matriz São José de Criciúma, por volta das 11h00, Zefiro – aos 22 anos de idade - jurava amor eterno a Ana Maria que, da mesma forma, respondeu: *Sim, até que a morte nos separe.*

**“...e unir-se-ão à sua mulher e serão, os dois, uma só carne”. Gn2:24b**

O ritual de casamento, consistiu em:

1 - o noivo, com seus familiares, dirigiu-se à casa da noiva, para buscá-la. Como a cerimônia seria de manhã, o café matinal foi bebido na casa dela: bolos, pães, biscoitos, sanduíches, bolinhos...

2 - da casa da noiva os noivos, juntos, dirigiram-se à igreja e, ali, deu-se o casamento.

Zefiro, com seus familiares, foram à casa de Ana Maria, numa camionete modelo A, carroçaria de madeira, fechada. Seu pai não os acompanhou porque estava hospitalizado, fazia dois dias.

Bebido o café da manhã o táxi do Senhor Serafim - Ponto nº 1, praça Nereu Ramos, alugado por CR\$ 500,00 - levaria os nubentes até a igreja e, dali, até a casa do noivo onde ocorreria o almoço do casamento.

Era um sábado, frio, o dia amanhecera com os campos branquinhos de geada. O sol apareceu, mas, nem bem meio-dia e já se escondeu, deixando o dia muito sombrio, úmido e frio.

Não havia convidados: apenas os familiares de uma e de outra famílias.

Terminada a cerimônia assinaram o livro do registro de casamentos, da igreja, e se dirigiram ao Faustino Zappelini que tinha o estúdio fotográfico ao lado da igreja. Ali eternizariam aquele grande momento de suas vidas com fotografias inerentes ao acontecimento. Ou melhor, fotografia, no singular, haja vista que o costume de então era apenas uma foto, a tradicional. Só.

Ato contínuo foram até o cartório do Senhor Leone Benedet onde aconteceu o casamento civil.

Para as duas cerimônias serviram de testemunhas os senhores Alirio Giassi e Adelina Giassi, irmãos do noivo, e Celeste Zilli e Amabile B. Zilli, tios da noiva.

Depois ocorreram as bodas.

As famílias brindaram a felicidade dos jovens nubentes, na casa de Seu Ângelo, com um lauto almoço: macarronada, galinha (só havia galinha caipira), muita salada e pão.

Vinho de procedência colonial - cerveja e gasosa “Silva”, do Sangão - regaram o ágape.

Zefiro recorda que receberam muito poucos presentes até porque não era costume presentear em casamento.

*Mas recordo de um par de xícaras e uma tigela. Foram ótimos presentes.*

Perguntei quantos quadros de santos haviam recebido, para pendurar na sala, como era o costume da época. Para minha surpresa a resposta foi *nenhum*.

Finalizadas as cerimônias (igreja, cartório, fotografia) os recém casados foram visitar Seu Angelo, no hospital São José. Ali, a agora senhora Ana Maria, apresentou-se ao sogro e pai pedindo-lhe a bênção. *Isso deixou meu pai muito comovido diz Zefiro.*

(Era costume, nas famílias de descendentes de italianos, a nora chamar os sogros de pai e mãe. Isso ocorreria, também, com a Senhora Ana Maria).



A. F. J.

Formulário N.º ..... Registro Civil

Casamento N.º 3699

CERTIFICO que, à fls. 283 do livro n.º 29 de, Registro de Casamentos, foi feito hoje o assento do matrimônio de

Felício Jiansi  
Ana Maria Zilli

contrado perante o Juiz de Paz, Sr. Albino Francisco  
Abacachino

e as testemunhas Celeste Zilli, Amabile B. Zilli  
Albino Jiansi e Ardelina Jiansi

ELE, nascido em nost. Estado  
aos 30 dias do mês de junho de 1933, profissão  
professor, domiciliado em 2ª Linha São João  
e residente em \_\_\_\_\_

filho de Angelo Jiansi  
nascido em nl. Estado  
e residente em nl. distrito  
e de D. Lucia Janso  
nascida em nl. Estado  
e residente em 4ª L. São João

ELA, nascida em nost. Estado  
aos 15 dias do mês de março de 1936, profissão  
costur, domiciliada em nl. distrito  
e residente em \_\_\_\_\_

filha de João Zilli  
nascido em nl. Estado  
e residente em Halvies  
e de D. Liberia da Costa  
nascida em nl. Estado  
e residente em Paul

a qual passa a assinar-se: Ana Maria Zilli Jiansi

Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 180  
ns. 7 do IV do Código Civil.  
Casaram-se pelo regime da comunhão de bens.  
Observações: \_\_\_\_\_

Fac-símile da certidão do registro do casamento. Acervo do arquivo público de Criciúma.



Tombo Quase Fatal - para Osni -

XXIII

*“Deus escreve certo  
por linhas tortas”.*  
Adagio popular



Os vencimentos relativos ao exercício do magistério já eram parcos. Casado, com muitos projetos povoando sua cabeça, Zefiro resolveu buscar uma nova alternativa profissional, algum trabalho que lhe permitisse, pelo menos, poupar alguns trocados.

Soube que, na Cia. Souza Cruz, sediada na cidade de Tubarão, havia uma vaga para um funcionário burocrata.

A Souza Cruz era uma multinacional inglesa que, na “Cidade Azul”, recebia todo o produto da cultura de tabaco havida em toda a região. Trabalhar na Souza Cruz, além de uma boa compensação financeira, atribuía status a tais servidores.

Articulou com a mulher, Ana Maria, e marcaram a viagem. De trem.

O trem da Theresa Christina se constituía no

principal meio de transporte entre as duas comunidades. Na ocasião a ferrovia unia a cidade de Araranguá a Imbituba. Dois “trens do horário” eram destinados, especialmente, ao transporte de passageiros. Dezenas de comunidades, no trajeto, tinham suas pequenas estações de embarque/desembarque e, para essas, o trem era, mesmo, o único meio de transporte.

Não havia necessidade de ser adquirido o bilhete de passagem com antecedência: quem não o possuísse faria o pagamento durante a viagem.

Chegado o dia Zefiro examinou os pneus da bicicleta e, constatando que estava tudo em perfeita ordem, chamou Ana Maria que, grávida do filho Osni, merecia atenção e cuidado especiais. Pronto! Na garupa da bicicleta do seu marido Ana Maria iria até a estação e ali, depois de estacionado o bicicle, embarcariam para Tubarão.

Ocorre que houve um pequeno atraso e, quando



O trem de passageiros era puxado por locomotiva tipo “maria fumaça”. (Foto: acervo de Jerri Joaquim)

chegaram à estação para o embarque, o trem já estava partindo.

Com a pressa apropriada para ocasiões assemelhadas Zefiro pedalava com toda a pressa do mundo. Pediu a Ana Maria que descesse da garupa e se apressasse. Ela desceu, perdeu o equilíbrio e foi ao chão, numa estrada coberta por pirita de carvão.

A tragédia desenhada - a perda do filho em gestação - só não se consumou “porque Deus não permitiu”.

Zefiro, Ana Maria, o futuro neném Osni, e a bicicleta foram salvos. Por um triz, certamente. Mas salvos.

Caso não tivesse ocorrido o acidente a história de Zefiro Giassi poderia ser outra.

Vejam: teria chegado à Souza Cruz, se submetido a entrevista de admissão, certamente contratado e, hoje estaria, morando no bairro Aeroporto, em Tubarão, na condição de aposentado daquela empresa, esperando o tempo passar.

Aqui se aplica o ditado sempre muito atual: *“Deus escreve certo por linhas tortas!”*

Ah, se não fosse essa bicicleta!

Seria por isso que ela complementa a decoração do escritório do presidente da empresa Giassi & Cia. Ltda.?



Antiga estação ferroviária de Içara. (Foto: acervo de Jerri Joaquim)





# Matrícula de Todos os Lados

*“Para educação não há  
distância geográfica.”*  
Anônimo



Nove anos. Este foi o tamanho do período de vida que Zefiro Giassi atuou no magistério, em sala de aula, alfabetizando crianças de Criciúma e Içara.

A unidade escolar, como já vimos, estava localizada em Morro Bonito, mas a ela acorriam alunos de todas as comunidades periféricas: o professor era bom!

Aliás, em nome da capacidade do professor a matrícula subiu tanto que o curso teve de ser desdobrado em Morro Bonito I e Morro Bonito II.

No primeiro Zefiro era o titular. No segundo o titular era sua mulher, também professora.

Não raras vezes ela o substituíria nos seus eventuais impedimentos.

Ah, e acrescente-se que Zefiro e Ana Maria preparavam, também, seus alunos para o admissão ao curso Normal Regional.

Nessa época Ana Maria receberia o certificado do curso de Corte e Costura promovido pelo Sesi, em Criciúma.





Mais uma turma de alunos do professor Zefiro Giassi na escola de Morro Bonito. À direita a professora Alzira, sua irmã.

Nessa escola, no espaço físico desse educandário (dois pequenos quartos e uma sala/cozinha) o casal Zefiro - Ana Maria residiu durante os primeiros anos de sua vida matrimonial. Ali nasceram seus filhos: Rosália e Osni.

Com economias buscadas nas poucas costuras que Ana Maria fazia “para fora”, e muito sacrifício, Zefiro e Ana Maria, depois de três anos de casados, construíram sua casa.

*- Foi paga em diversas prestações e se transformou numa residência digna à família que quisemos construir. Era 1959.*

*Era de madeira, mas com diversos cômodos e uma ampla área. Por causa do seu estilo arquitetônico passaram a chamar a nossa casa de bangalô. Era um luxo! Nelas nasceriam nossos filhos: Maristela e Mariléia.*

*Rogério nasceria na casa que construímos em Içara.*

Enquanto residia no puxadinho da escola, morando no bangalô e, mesmo agora, Zefiro e Ana Maria contaram e contam, sempre, com a amizade sincera de algumas famílias às quais rendem suas homenagens e gratidão sempre que a ocasião lhes permite: Vitório e Marina Cechinell, José e Ema Biff, Porfírio e Catarina Borges, Verino e Dozolina Cichella, Antonio e Santa Fabris, Silvéio e Angelica Biff, Natal e Dozolina Mazuchello, Angelo e Marta Dalmolin, Olivo e Maria Giassi, Oscar e Maria Lima, Luiz e Maria Darolt, Daniel e Nina Mazuchello, Zeverino e Henriqueta Dalmolin, José e Luiza Moneretto, Benevenuto e Maria Dalmolin, Mário e Joana Cechella, Otávio e Marcolina Biff e a noninha Augusta Dalmolin.





# Sonhos Materializados

*“Estava escrito: a veia do  
empreendedor aflorou”*





1959. Final de ano.

Zefiro resolveu executar o seu sonho: partir para um negócio próprio, mais rentável do que ser professor. Foi à prefeitura municipal de Criciú-

ma, falou com Hercílio Amante - o secretário do prefeito - expôs seus planos e concluiu por requerer uma licença de dois anos para tratamento de assuntos particulares, sem vencimentos. A licença lhe foi concedida.

Decreto de 3 de março de 1960

O Prefeito Municipal de Urucuiúma,

Resolve:

Conceder licença

De acordo com o artº 139, Item VI, combinado com o artº 161, da Lei nº 48, de 12 de setembro de 1950.

A Zefiro Giassi, ocupante do cargo de Professor - Párcão D, do Quadro Único do Município, da escola mista de Marco Bonito I, Distrito de Içara, de dois (2) anos, para tratar de seus interesses particulares, a contar desta data.

Publique-se.

Prefeitura Municipal de Urucuiúma, 3 de março de 1960.

Adão Caldas Faria  
Prefeito Municipal

Publicado, nesta diretoria, em 3 de março de 1960.

Hercílio Cechella  
Diretor de Exp. e Doc. Div.

No início de 1960 era instalada, numa sala de 4m x 9m, numa das esquinas da praça da Matriz - praça São Donato - (hoje uma sorveteria) na cidade de Içara, a Casa Maristela.

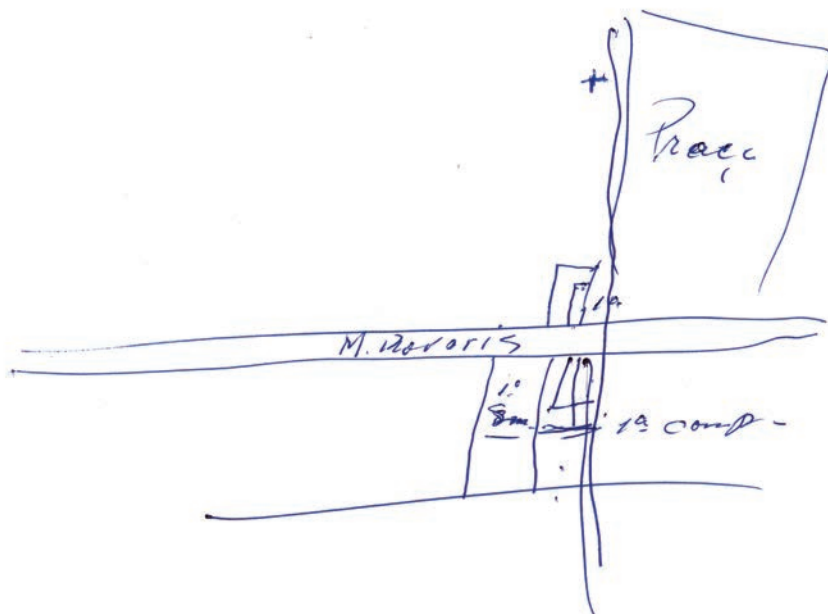
Sócio: Benevenuto Fiorindo Dal Molin, um amigo seu.

Um ano depois chamaria para a sociedade, também, Hercílio Cechella.

Ramo de negócio: comércio de tecidos e de ferragem de um modo geral.







O desenho é de Zefiro. Seria a planta de localização da primeira loja. A professora tinha razão: Zefiro não é muito chegado a desenhos.

E o capital?

Benevenuto acabara de vender um terreno de sua propriedade e dispunha, naquele momento, em espécie, a quantia de CR\$ 175.000,00 (cento setenta e cinco mil cruzeiros). Seria esta a sua parte na formação do capital. Zefiro, por sua vez, precisava de igual importância para completar o capital inicial da empresa. Não tinha dinheiro. Nenhum dinheiro. Os vencimentos pelo exercício do cargo do magistério não lhe permitiram qualquer poupança. E agora? A idéia de formar uma firma, fora dele...

E agora?

Sobrou para o Seu Angelo.

Pedalando sua bicicleta foi visitar o pai. Depois dos cumprimentos formais pediu uma conversa reservada com o progenitor, na sala. E ali, depois de contar toda a história, fez o pedido:

- *Pai preciso que o senhor me empreste dinheiro. Preciso de CR\$ 175.000,00.*

- *O pai me passou uma esfrega (um pito, chamou-lhe à atenção) lembrando que preferia verme lecionando, com a garantia do emprego, do que me aventurando em abrir um comércio.*

- *Tá cheio de comerciante falido, devendo pra todo mundo, lembrou.*

Mas acabou emprestando a quantia que tinha “em baixo do colchão”: CR\$ 110.000,00.

Numa velocidade incrível a adrenalina subiu à cabeça de Zefiro que, inclusive, ficou preocupado com sua saúde, tamanha fora a sua felicidade e a preocupação em fazer com que o negócio viesse a dar certo.

- *E tem mais uma coisa - disse-lhe o pai - se os negócios forem bem, me devolve com juros. Mas não me peça mais porque não vou emprestar mais e nem vou avalizar nada. Não adianta trazer ninguém aqui para eu avalizar (empréstimo) porque não avalizo.*

O capital precisava ser integralizado.

*O tio João Niero me emprestou quarenta mil e a viúva Augusta Mazzuchello os 25 mil restantes.*

Acreditaram no professor. Depositaram fé na sua capacidade empreendedora e na capacidade de transformar em riqueza, o dinheiro que lhe prestavam.

Bom, o pai, relutando, acabou aprovando a sua idéia: caso contrário não lhe teria emprestado aquele dinheiro. Agora precisava falar da sua decisão para o padre e pedir a sua bênção, como não?

O padre era o vigário da paróquia São Donato: Bernardo Junkes, mais de dois metros de altura e de puro respeito. Precisava da bênção do “Bernardão”. E foi lá. O padre precisava saber que, a partir de agora, Zefiro não poderia mais dar sua contribuição às visitas que o sacerdote fazia às capelas do interior, especialmente àquela de São Rafael.

*- Falei tudo pra ele. Ele me olhou muito sério, bem nos olhos, e lascou: “Que pena! Até hoje, um bom cristão! A partir de hoje, talvez um grande ladrão!”*

Zefiro raciocinou: *bom, o pai diz que serei um falido; o padre diz que serei desonesto... Isto é que é incentivo! Mas vou mostrar que não é nada disso...*

E arrematou: *Tenho sempre presentes as sentenças do pai e do padre. Muito cuidado para não dar o passo maior do que as pernas e nada de negócios escusos, desonestos.*

E o contrato social?

Aqui, temos mais um exemplo singular de correção, de caráter: o contrato foi registrado como firma individual apenas no seu nome: Zefiro Giassi. Benevenuto Fiorindo Dalmolin, com igualdade financeira no capital, preferiu não ter seu nome no registro da firma. Tornar-se-ia sócio de fato, mas não de direito.

*- Nossos negócios eram feitos e acreditados pelo fio do bigode, afirma Zefiro.*



Padre Bernardo Junkes (Foto: acervo do arquivo público de Içara)



27.000

DECLARAÇÃO PARA REGISTRO DE FIRMA INDIVIDUAL

Zefiro Giassi, casado, brasileiro, residente e domiciliado nesta Vila de Içara, Município de Criciúma, Estado de Santa Catarina, em cumprimento do artigo 11 do Decreto-Lei n. 916 de 24 de Outubro de 1890 e para gozar as regalias concedidas pelo Código Comercial do Estado; declara;

FIRMA OU RAZÃO SOCIAL: Zefiro Giassi

CAPITAL: Cr\$35.000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros)

RAMO DE NEGOCIO: Fazendas e Ferragens

DOMICILIO DO ESTABELECIMENTO: Nesta Sede

FILIAIS: Não tem filiais

USO DA FIRMA: O Declarante abaixo assinado.

Içara, 25



60



No edifício de dois pavimentos, aos fundos, o início das atividades comerciais de Zefiro Giassi. A foto retrata uma manifestação popular religiosa na praça da matriz de Içara.

Do Senhor João Balestro, estabelecido em Criúma com a “Casa da Criança”, Zefiro compraria todo o estoque de tal estabelecimento. Não era bom comprador. Pelo menos de tecidos e roupas feitas. Negócio mal feito. O aborrecimento foi tanto que resolveu, já nos primeiros meses de atividades da firma, deixar essa parte de tecidos fora dos seus negócios.

Ampliou para querosene, sal, fumo de corda, guloseimas, material de construção, arame de cerca, etc... Aqui se deu bem: não era um grande comerciante do gênero, mas se constituiu no maior comerciante do ramo no município de Içara. E passou a vender, também, na condição de atacadista, para pequenos comerciantes estabelecidos no interior.

O querosene - trazido de Porto Alegre - era altamente consumido eis que se transformara no combustível para as lamparinas caseiras: lembremo-nos de que não havia energia elétrica a não ser no centro urbano das cidades e as lamparinas eram o meio que proporcionava iluminação doméstica nas residências suburbanas e rurais. Daí o alto consumo.

O arame de cerca - marca Motto - era importado da Bélgica. Somente anos mais tarde passou a ser fabricado em Minas Gerais pela siderúrgica Belgo-Mineira.

Dalmolin foi trabalhar na firma.

Acreditava no negócio, mas não com a obstinação de Zefiro que se mostrava cheio de gás e a recíproca não era verdadeira. No primeiro trimestre de 1961 veio para a sociedade o Hercílio Cechella, outro grande amigo.

Também o Hercílio veio trabalhar na firma.

Ainda no primeiro semestre de 1961 Zefiro foi ter com eles e, depois de um longo papo, propôs: *deixem-me tocar o negócio sozinho, com minhas loucuras... Vocês ficam com a parte de alimentos e bazar, com o carro e com o prédio. Eu fico com o restante.* O carro era um veículo da sociedade e o prédio era o local aonde o negócio fora estabelecido. Assim foi feito. O segmento tecidos foi abandonado, não dera certo. O restante, principalmente querosene, ferragem, prego, dobradiças, material elétrico,



aramé para cerca, material de construção vendia muito. Querosene era vendido, também, em garrafas que o próprio freguês trazia de casa.

O sistema de venda a prazo era operado diariamente: *a gente conhecia praticamente todo mundo. O freguês vinha ao balcão, fazia o pedido, era atendido e a compra anotada num caderno. Nenhum outro registro. Nenhuma assinatura. Nada de comprovante ou segunda-via. No fim do mês o freguês vinha e pagava.*

- E nunca houve discussão à conta do valor? Nem calote?

- *Discussão, nunca. Calote, muito poucas vezes.*

Aí ocorreu um novo episódio que facilitou a constituição da firma individual, de fato e de direito.

- *Os negócios para o Benevenuto e o Cechella não foram muito bem e eles resolveram desfazer a sua sociedade. Entregaram seu estoque. Fizemos um acerto financeiro e o ativo/passivo deles passou a ser de minha responsabilidade.*

Nesse ano foi adquirido o terreno lindeiro utilizado, especialmente, como depósito de sal e querosene. A metade desse lote foi transferida aos sócios primitivos no momento em que deixaram a sociedade.

*No ano seguinte adquiri o terreno ao lado, e ali seria construído o nosso primeiro estabelecimento pegue-pague, o primeiro de Içara. Um dos primeiros do Sul de Santa Catarina.*

E os empréstimos? Quando foram liquidados? Nessa época ainda era comum um agricultor procurar, na cidade, um empresário bem sucedido e entregar-lhe o dinheiro apurado na roça. Uma pequena taxa de juros e pronto! Às vezes, nem isso. Tal procedimento, realmente, era comum. E ocorreu com relação ao Zefiro. Seu pai foi o primeiro a lhe procurar depositando, às suas mãos, a sobra do dinheiro que amealhava

com suas economias. Os outros ex-credores, igualmente, também lhe trouxeram mais. Outros tantos colonos, da mesma forma, procuravam Zefiro, naquele e nos anos seguintes, dando-lhe preferência a depositar em estabelecimento bancário.

1964. A firma individual desaparece e dá lugar a Giassi & Cia. Agora, oficialmente, além de Zefiro Giassi, com 80% do capital, a empresa passa a contar, com a participação de Artêmio Serafim, casado com sua irmã Adelina.

- E como foi o despertar para o sistema pegue-pague?

- *Olha, supermercado existe desde 1948, nos Estados Unidos. No Brasil entrou em 1952/53. O nosso foi o segundo, na região, em 1970.*

A SAMRIG (Sociedade Anônima Moinhos Rio-Grandenses), depois Moinhos Santista e, agora, Bung, sempre nos convidava para participar dos eventos que reuniam a classe dos supermercadistas do Brasil. Quase sempre no Rio de Janeiro. Se não pudesse estar presente Zefiro sempre mandou um representante.

O “modus operandi” de um supermercado era buscado a qualquer oportunidade e, em tais eventos, havia a generosa e gratuita troca de informações entre os empresários do ramo. Até que, chegado 1970, o negócio - para Zefiro Giassi - já ficara maduro.

- *Vou dar mais um peitão! dissera ele, consigo próprio.*

E instalou a primeira loja de auto-serviço no município de Içara. De pronto adquiriu uma padaria. Isto, uma padaria para funcionar dentro da loja, dentro do supermercado. Era um avanço extraordinário. Não se fazia isso por aí. A imagem de padaria era aquele forno enorme, de alvenaria, aquecido à lenha. Imagina só um trambolho daquele dentro de um supermercado!



Antiga loja de ferragem que ficava ao lado da primeira loja do Supermercado Giassi: Içara.



Flagrante da inauguração da primeira loja.





A primeira padaria implantada em supermercado, em Içara, em 1970. Da esquerda para a direita vemos Dirce Pavei, Ana Maria Zilli Giassi - supervisora da padaria e confeitaria - Maria - Doca - Réus, Rosália Giassi, Maria Giassi - todas da empresa Giassi e uma promotora de vendas.

A padaria dentro do supermercado deu o que falar. O responsável pela sua operação, especialmente a parte de confeitaria, foi Dona Ana Maria, a esposa de Zefiro. Ela mesma conta que *com o pequeno fogão da casa, marca Mundial, com formas de bolos e acessórios necessários como bacia, batedor de claras, colheres, rolo para esticar massa, muitas receitas colhidas em cursos de culinária, me dediquei ao máximo ao início da nossa primeira confeitaria.*

*- Quando então massas, bolos, quitutes passaram a ser apreciados e aceitos pelos fregueses.*

*Consegui a ajuda da Vanilda e da Dona Alaíde.*

*Mandei confeccionar um tacho de cobre, oval, para que eu pudesse utilizar duas bocas do fogão. Foi confeccionado por um cigano de nome Nicolau.*

*A gente fazia tortas por encomenda. Mais tarde convidei um funcionário de nome Darci e a*

*Nininha porque as encomendas foram muito grandes. Eles me ajudavam fazendo doces, salgadinhos e pratos para almoço.*

*Olha só: havia uns meninos pedintes que vinham todos os dias pedir pão. Deviam ser uns oito, ou dez. Combinei com eles propondo um teste: aquele que conseguisse escrever os números de 1 a 100 ficaria trabalhando comigo na lavação de louça, faxina e limpeza, inclusive da parte fronteira ao prédio. Aceitaram. Alguns fizeram o teste. Outros pediram na rua que alguém ajudasse, mas acabou todo mundo empregado. Um, hoje, ainda é padeiro, um bom padeiro e confeitiro: o Pedrinho, e o irmão dele cujo nome não me lembro no momento, também um grande confeteiro.*

No início as pessoas entravam na loja, meio desconfiadas. O mercado atacadista, que alimentava os supermercados, ainda não operava com produtos fracionados, isto é, vendia a granel, em sacas, enquanto o consumidor adquiria a quilo. E mais: o

freguês, agora, não ficava mais num balcão sendo atendido por um balconista: não, ele buscava um carrinho e se dirigia aos corredores apanhando, nas prateleiras, os produtos que lhe interessavam. Isso se constituiu numa verdadeira revolução consumista.

Já não se anotava mais o valor das compras no caderno de contas correntes para pagamento mensal: era no ato, com dinheiro, com cheque ou com os “vales” previamente vendidos aos consumidores.

Ao mesmo tempo o supermercado passou a operar preços melhores que aqueles oferecidos pelos armazéns.

O inusitado deu lugar ao conforto e, ainda que aos poucos, todos passaram a buscar os gêneros alimentícios e de uso doméstico no supermercado.



Início da construção do primeiro depósito da firma, em Içara.





# XXXVI

## Zefiro Religioso

*“O ensinamento é uma oração, o  
aprendizado uma bênção.”*  
Inácio Dantas



Os preceitos religiosos adquiridos de seus pais, desde o seu nascimento, acompanham Zefiro Giassi até os dias atuais.

Foi coroinha por muito tempo, desses que ajudam o padre na celebração da missa, e residiu com os padres, em Forquilha, quando estudava no Dom Daniel Hostin. Ali aprendeu muito sobre liturgia sacra, interpretação de textos bíblicos, contato com valores da Fé.

## CAPELÃO.

Guerino Padoin era o capelão da capela de São Rafael. Competia-lhe ministrar doutrina para as crianças, bater o sino antes dos ofícios religiosos e manter os utensílios da celebração litúrgica sempre em perfeita ordem e conservação. Ganhava uma certa compensação econômica para cumprir tais responsabilidades: uma medida de milho ou de feijão por família, por ano.

Mesura é uma medida utilizada na agricultura entre os descendentes de italianos: equivale a 20 litros.

Quem pagava era a própria comunidade.

Ocorre que o Senhor Guerino reclamou dessa compensação e pediu que fosse aumentada. Como não foi atendido, deixou aquelas funções.

O que fizeram os moradores?

Foram buscar Zefiro. Afinal de contas Zefiro era de um tronco familiar altamente católico, uma pessoa de muito boa formação, um professor que não deixava absolutamente nada a desejar. E Zefiro aceitou.

Agora Zefiro é o capelão.

É ele que puxa as orações do terço e de quaisquer ofícios religiosos.

É ele que ensina os mandamentos às crianças.

É ele que profere palestras de comportamento e civilidade para a garotada - e para muitos adultos que dela participavam.

Todos os domingos, doutrina para as crianças:

- *Para que vivemos na Terra?*

- *Vivemos na Terra para salvar nossas almas.*

Tudo o que se relacionasse com a capela passava pelo capelão Zefiro Giassi.

Isto permaneceu de 1953 a 1959, só deixando tais funções quando tomou o rumo dos negócios privados.

Mas a participação em atividades da igreja jamais seria interrompida. Sempre esteve presente em, pelo menos, uma das diretorias setoriais da paróquia exercendo funções especialmente nos segmentos financeiro e econômico.

O cerimonial litúrgico da igreja Católica sempre contou com sua presença: nunca recusou convite à participação.

O primeiro grupo de Cursilhos de Cristandade da Região Sul contou com a sua presença: durante três dias, em retiro espiritual, a igreja e seus ensinamentos foram tema de profunda reflexão aos partícipes de tal evento. Como resultado Zefiro passou a atuar, com mais vigor, das atividades da igreja Católica, atuação essa que se lastreia até os dias atuais.





Primeira Comunhão. Zefro foi o catequista dessa turma à frente da capela de São Rafael - Terceira Linha.





XXVII  
Zefiro Político

*“Servir a humanidade é a  
melhor obra de uma vida.”*  
Henry Giessembier





Sua vida, Zefiro a viveu em Içara, desde quando esta era distrito do Município de Criciúma. Quando Angelo Lodetti exercia o cargo de intendente distrital o território içarense foi emancipado. Isto ocorreu em 1961 sendo que, a lei de emancipação é de 20 de dezembro e a instalação se deu dia 30 de dezembro daquele ano. O prefeito interino foi Ascendino Pavei, designado pelo governador Celso Ramos.

Angelo Lodetti era do mesmo partido que o prefeito Addo Caldas Faraco, o PSD - Partido Social Democrático. Este, com o PTB, fazia a maioria na Câmara Municipal de Criciúma que contava, como representante de Içara, com o vereador Antonio Colonetti (1959/1962). Colonetti era o coletor estadual do distrito e fazia parte

da extinta UDN - União Democrática Nacional.

Foi Colonetti quem apresentou o projeto de resolução 06/1961 (era assim que se desmembrava território e se criava Município) para a independência de Içara. Mas Colonetti era da oposição.

Coube a Angelo Lodetti o convencimento à maioria da edilidade cricumense para aprovar o projeto de Colonetti lembrando-nos de que Lodetti fora vereador de 1955 a 1958 e ficara na suplência na legislatura de 1959 a 1962.

O projeto foi aprovado, Içara foi emancipada e o novo Município instalado.

## Ata de Instalação do Município de Içara.

Nos trinta dias do mês de Dezembro de mil novecentos e sessenta e um, na sede da Sociedade Recreativa Ipiranga, as dez (10) horas, reuniram-se autoridades e o povo em geral, para a instalação solene do novo Município, criado pela Lei n.º 796 (setecentos e noventa e seis) de vinte (20) de dezembro de mil novecentos e sessenta e um (1961), e publicado no Diário da Assembleia de vinte e dois (22) de dezembro do mesmo ano.

Abertos os trabalhos o Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca de Criciúma, Sr. Dr. Francisco May Filho, disse da finalidade da presente reunião, cumprido-se na oportunidade, o que determina o § 1º do artigo 14 da Lei Orgânica dos Municípios, e pelo Decreto N.º GE 26-12-61/868 que ficou a data de instalação e hora, e por Decreto de 26/12/61 publicado no Diário Oficial do mesmo dia a nomeação do Sr. Ascendino Pavei para exercer o cargo de Prefeito Provisório de Içara. Convidou o Sr. Dr. Francisco May Filho, presidente

Nesta e nas páginas seguintes fac-símile da ata da sessão solene de instalação do Município de Içara.

(Original cedido pelo arquivo público de Içara)

da mesa, para secretariar a sessão o Vereador Nelson Alexandrino. Em seguida, deixando a palavra livre, fez uso da mesma, o Sr. Ezio Lima que falou em nome da população do novo Município, que agradeceu a todos que colaboraram na emancipação do Ex-Distrito. O Sr. Ascendino Pavoni, Prefeito Provisório, usou da palavra dizendo de sua satisfação ao assumir o novo cargo, e agradecendo a sua Excia o Sr. Celso Ramos, Governador do Estado, pela indicação de seu nome. Continuando a palavra livre, fez uso da mesma o Sr. Dr. Nery Jesuino de Rosa, Prefeito Municipal de Criciúma, que dirigiu uma mensagem de confiança e de solidariedade. Em nome de sua Excia o Sr. Governador do Estado, falou o Sr. Paulo Preis, que transmitiu

a mensagem do Sr. Governador, e em seu nome como ex-prefeito do Município de Criciúma, dizendo de sua satisfação, e da sua confiança nos destinos do recém criado município, fazendo votos ao Sr. Ascendino Pavoni, que com inteligência e trabalhos proficuos, os, destinos, diga, elevando bem alto o novo município.

Representando a Assembleia Legislativa falou o Sr. Dr. Ademar Ghini. Falou em nome de Esplanada o Sr. João José de Freitas. Continuando livre a palavra falou o Sr. Adão Caldas Faraco.

Ninguém mais desejando fazer uso da palavra, o Sr. Dr. Juiz de Direito, deu por encerrados os trabalhos determinando o meu secretário que lavrasse a presente ata, e que vai por mim, Nelson Alexandrino, Vereador a Câmara Municipal de Criciúma, assinada lavrada.

Paulo Preis  
Ezio Lima  
Nery Jesuino de Rosa  
Ascendino Pavoni  
João José de Freitas  
Ademar Ghini  
Adão Caldas Faraco



Amigo Lima )  
 Volney S. Silva  
~~Amigo Lima~~  
 Valmir José Teixeira  
 David L. Borianowski  
 Silvino de Lucca  
 Lourenço Gus. L. Lima  
 João Antonio Cabelló  
~~Alcides Pereira~~  
 Sr. Carlos J. Probst  
 José Rossi  
 Rafael Dal Pont  
 Waudelino Jögel  
 Carlos Labatão R. C. J.  
 Pe. Jerônimo Cipriani R. C. J.  
 Elto Rizzo  
 Amigo Lima  
 Manoel Benvenuto Cardoso  
 Estácio J. J. J.  
 D. J. J. J.  
 João de L. J. J.  
 Nleliades B. Espindola  
 João José de Freitas  
 Antônio Bujoriano do Couto  
~~Paulo~~  
 Antônio da Silva  
 Tarquinio Martins Braga  
 Nélio J. J.  
 Mário J. J.  
 Ilce J. J.  
 Domingos João J. J.  
 Hercílio Dalino Pacheco  
 Quintino J. J.  
 Hilário Cardoso  
 Amal J. J.  
 José J. J.  
 José J. J.  
 João José Viana  
 J. J. J.

O registro da empresa se deu antes mesmo de ser efetuada a primeira compra de gêneros para revenda. Mesmo aconselhado que poderia iniciar as atividades na informalidade.

A sugestão foi rechaçada e a firma só começou a funcionar quando recebeu o número da inscrição estadual.

A liderança que exerceu sobre seus contemporâneos, relativamente aos ofícios religiosos e, muito particularmente, o prestígio adquirido junto às famílias cujos filhos foram seus alunos, empurraram Zefiro às lides políticas. Com sua obstinada vocação de ajudar ao próximo, Zefiro aceitou esse novo desafio: filiou-se ao PSD.

Nem poderia ter sido diferente: Seu Angelo, pai de Zefiro, tinha o PSD - Partido Social Democrático - como uma paixão. Seus grandes ídolos eram Joaquim Ramos (deputado federal), Jorge Elias de Lucca, Procópio Lima e Angelo Lodetti - em Içara, todos daquele partido.

A opção político-partidária do filho nada mais foi, então, do que dar prosseguimento à paixão paterna.

*- Ah, que saudades do PSD!*

Os políticos de Içara, de todas as agremiações, organizavam-se para a disputa eleitoral da primeira legislatura. O diretório municipal do PSD - Zefiro estava lá - também se reuniu. Ordem do dia: escolha dos candidatos a prefeito e vereador. O cargo de vice-prefeito ainda não existia. Na convenção foram apresentados os seguintes nomes para concorrerem ao cargo de prefeito: Angelo Lodetti, Antonio Guglielmi Sobrinho, José Antonio Dal-Toé e Zefiro Giassi.

Ferida a eleição a escolha recaiu sobre Angelo Lodetti e Antonio Guglielmi Sobrinho com empate de votos. Ganhou Lodetti por ser o mais idoso entre eles.

Nico tinha contra si o fato de residir em Cri-

ciúma (morar fora do município, à época, não se constituía impedimento legal). Nascido em Morro da Fumaça, mas tendo vivido muitos anos na localidade de Esperança, poder-se-ia afirmar que Nico era içarense.

Lodetti, por sua vez, era uma das lideranças mais expressivas do PSD local, exercia o cargo de intendente distrital, fora vereador no município-mãe: Criciúma.

E o diretório foi para a votação. Resultado: empatados, Nico e Lodetti. Angelo venceu por ser o mais idoso entre ambos. E venceria, também, as eleições tornando-se o primeiro prefeito eleito de Içara.



Zefiro Giassi e Ângelo Lodetti: dois ícones da política içarense.



Definida a candidatura a prefeito Zefiro foi escolhido um dos candidatos a vereador. Já tivera sido, na eleição anterior (1954), candidato a vereador em Criciúma.

Agora, faria uma expressiva votação e seu nome passou a ser cogitado para presidir a Câmara Municipal. Um acordo pré-estabelecido, todavia, endereçou a chefia do Legislativo para Antonio de Lima, o Padeiro, da coligação PRP-UDN.

Na Câmara de Içara, em tal legislatura, constituída por sete vereadores, as decisões - todas - foram sempre tomadas por unanimidade. Ou unanimidade a favor, ou unanimidade contra.

- Não se fazia discurso como nos dias de hoje. Chegávamos, apreciávamos os projetos que seriam votados, discutíamos entre nós mesmos e já íamos decidindo, a favor ou contra.

- Nosso mandato foi gratuito, o vereador não ganhava nada. E nós ainda escolhíamos um vereador para, na próxima reunião, trazer uma garrafa de café. Nem o café era pago pelo Município. Nada! Aliás, a tesouraria da prefeitura pagava uma pequena ajuda de custos para o vereador Hercílio Satiro Pacheco que morava na Boa Vista e se deslocava de jeep para as reuniões. Era para ajudar no combustível. Nenhum outro vereador ganhou qualquer coisa.

Vereador da primeira legislatura Zefiro foi alcançado pelo golpe militar de 1964 em pleno exercício do mandato. Logo após a tomada do poder pelos militares a Câmara de Içara "resolveu" cassar o mandato do vereador Manoel Dias.

- Mas não houve maiores desdobramentos, ficou nisso aí - argumenta.

**TÍTULO ELEITORAL**

Circunscrição: *Sta. Catarina* N.º: *00093*  
 Inscrição: *1327*

Município ou Distrito: *Criciúma* ZONA: *10ª*

Nome: *Ana Maria Zilli Giassi*

Data do Nascimento: *15.3.936* Naturalidade: *Sta. Catarina* Estado Civil: *casada*

Filiação: *João Zilli e Líbera Dagalim*

Profissão: *Professora* Residência: *Cric. São Rafael*

Vota na: *45ª* Seção: *Quadragesima quinta*

Assinatura do Eleitor: *Ana Maria Zilli Giassi*

EM: *2-9-57* Juiz Eleitoral: *Paulo Passos - Sexagésima Oitava*

T. S. E. - TÍTULO MOD. 4

Título de eleitor da senhora Ana Maria Zilli Giassi.



# XXVIII

## Zefiro Prefeito?

*“O empresário pode ser político. Mas tem de ser mais político do que empresário. Se for mais empresário do que político, desista! Perde a política e pode perder a empresa”.*  
Juscelino Kubitschek de Oliveira.





Findo o mandato de vereador Zefiro quis ser prefeito de Içara. Preparou-se para isso, embora Dona Ana, sua mulher, fosse peremptoriamente contra.

Enquanto se preparava para a disputa futura Zefiro foi refletindo sobre as possibilidades: *ganhar as eleições, eu ganho. Mas, e o meu comércio?*

E foi aí, exatamente aí, que Zefiro abandonou completamente a idéia de ser o administrador içarense. Entre a política e os negócios empresariais optou por estes. *E não me arrependo. Política com negócios empresariais não dá certo! Até Juscelino falava isso.*

A cada eleição seus correligionários, agora abraçados na ARENA, vinham à sua casa na busca de uma resposta positiva para disputar o cargo de prefeito. Tantas vezes lhe foi pedido e tantas vezes lhes foi negado. Definitivamente, Zefiro optou por deixar as lides políticas.

E aproveitou o momento em que o Brasil deixou o bipartidarismo - ARENA e MDB - para abandonar, de vez, qualquer possibilidade político-eleitoral.

Fazendo-se esquecer das atividades partidárias, Zefiro tem contribuído, com frequência, no Conselho de Desenvolvimento Econômico do Município.

*- Discutir o desenvolvimento do município é obrigação de cada cidadão, afirma.*

A cada pleito, os candidatos vêm ao seu escritório para uma visita sempre a título de *cortesia*.

Zefiro não admite que qualquer dos servidores da empresa (são quase quatro mil) faça campanha para qualquer candidato nas dependências de qualquer unidade comercial. Nem nos escritórios.

*- Que tenham suas preferências e até façam*

*campanha fora da empresa, tudo bem, mas na empresa é terminantemente proibido - complementa.*

*E mais: se a eleição for doméstica, isto é, de prefeito e vereador, pedimos que não sejam sequer colados adesivos de quaisquer candidatos nos carros dos funcionários.*

Foi-lhe pedido, finalmente, que citasse um político nacional, um estadual e um municipal que mais lhe marcaram ao longo dos tempos.

*- JK - Juscelino Kubitschek de Oliveira, o presidente; Celso Ramos, o governador e Paulo Preis, o prefeito. O Paulo só pagava os servidores municipais em reunião com a classe: dia de pagamento de operários a reunião seria com operários; dos professores, reunião com professores. Era muito disciplinador, exigente e cobrador de tarefas.*

Dá para ver: o homem realmente era do PSD!



# XXXIX

## Zefiro Tabagista

*“O cigarro disse ao fumante: hoje tu  
me acendes, amanhã eu te apago.”*



Houve uma época em que Zefiro fumava. Quem não fumava?

Qualquer cigarro.

Fumou por mais de trinta anos. Tentou parar diversas vezes e, *por diversas vezes, sentia que me enganava: queria parar, sem parar.*

- *Um dia o Antonio Fortulino, meu compadre, me pediu um cigarro. Dei-lhe a carteira inteira e disse: não fumo mais a partir de agora.*



Ficou três meses sem fumar. Mas recaiu.

Aí fumou um e disse para si próprio: *só um por semana.*

Mas fumou um segundo e prometeu: *só um por dia.*

Mas fumou mais do que um e garantiu: *só fumarei nos próximos vinte dias.*

Para encurtar a história: passou a fumar desesperadamente, um cigarro após o outro, num dia sim e noutro também.

Até que...

Um panfleto chegou às suas mãos convidando para participar de um tal Clube de Boa Temperança (?) promovido por um grupo de adventistas. Local: City Club, em Criciúma.

Foi lá. Quis ver de perto do que se tratava... saí de lá e joguei a carteira de cigarro no fogo.

*O cigarro não vai me apagar. Mas não vai, mesmo!*

E não fumou mais.

Perguntei: - *e quando o stress toma conta de si, faz o quê?*

Respondeu-me: - *stress? O que é stress?*

Quando cansado - e quem não se cansa? - Zefiro pratica exercícios físicos. Tanto faz cansaço físico quanto mental. Uma caminhada diária, exercícios na esteira e no pedal fazem parte do seu calendário diário.

Aproveita o horário das novelas - não suporta ver tais programas televisivos - para se exercitar. Instalou um aparelho de TV junto à sua academia de ginástica: enquanto provoca o suor nos instrumentos participa das missas transmitidas por dois canais e acompanha os programas noticiosos.



# Cooperativa de Eletricização

*“Não encontre um defeito,  
encontre a solução!”*  
Henry Ford





Energia elétrica é um bem de consumo sem o qual o conforto não é alcançado. Nos centros urbanos não se concebe viver uma hora, sequer, sem energia elétrica.

Mas houve um tempo que essa tal de energia elétrica se constituía em sonho para grande parte da população. Especialmente aquela residente na periferia das cidades e, de modo marcante, no interior, na zona rural.

O serviço de distribuição de energia, no município de Içara, era feito pela empresa Sociedade Força e Luz Içarense. Sem capital de giro não podia expandir a rede e, sem expansão, a arrecadação era sofrível. Deixava muito a desejar. Alguma coisa deveria ser feita, uma posição tomada, um rumo desenhado, uma diretriz projetada, um programa com projetos e metas estabelecido. O problema exigia a engenharia da busca de solução. Era imperioso que isso ocorresse.

O comércio içarense se reuniu e resolveu abra-

çar a causa. As forças vivas, os políticos, as autoridades formaram uma corrente na busca de uma alternativa salvadora. Formou-se uma comissão para, em nome daquele universo ali reunido, discutir o assunto e propor soluções. Na cabeça, Zefiro Giassi.

Ele presidiu a comissão que, depois de algumas reuniões, concluiu por propor a criação de uma cooperativa de eletrificação açambarcando a empresa Força e Luz.

Foi convocada uma grande assembléia e o clube Ipiranga ficou repleto de içarenses interessados naquele assunto. Era 4 de novembro de 1963. A proposta da comissão, explanada por Zefiro, foi aprovada por aclamação.

Nesse evento Zefiro seria eleito o primeiro presidente da Cooperativa assumindo, ali, suas novas funções.

Oswaldo Bittencourt estava presente e foi trabalhar na Cooperativa que se formava.



Convalescendo de uma cirurgia Oswaldo atendeu-me na sua casa.

*A Cooperativa foi formada em 1963 sob a presidência do Seu Zefiro que administrou até o final do ano de 1965. Os antigos sócios da empresa transferiram o capital para a nova entidade. Os principais eram o Jorge Elias de Luca, o Angelo Lodetti, o Valdemar Bittencourt e o Juca Cardoso.*

*Houve, então, uma verdadeira revolução na velha empresa. Zefiro buscou o apoio do Haroldo Pederneiras, presidente da Comissão de Energia Elétrica - CEE - do Estado, e aí se fez o primeiro planejamento de eletrificação rural de Içara.*

*A CEE vinha aqui, fazia o levantamento da rede a ser construída; depois eles telefonavam dizendo que o material estava à disposição e o Seu Zefiro ia buscar, lá em Florianópolis, com a sua camionete. Não cobrava nada.*

*Quando terminou o seu mandato, em 1966, foi eleito o Lauro Lima. Em 1969 foi o Ascendino Pavei até 1972 quando foi feita assembléia para eleição. Era costume comparecer meia dúzia de associados, mas naquele ano compareceu muita gente levada por Walmor de Luca que acabou ganhando a eleição embora não houvesse candidato opositor: Seu Zefiro não quis mais. Mas logo em seguida – dois meses depois - o INCRA, que cuidava das Cooperativas em Santa Catarina, decretou intervenção e mandou fazer nova eleição. Foi designado presidente da assembléia o economista de Criciúma João Carlos de Campos. Dois nomes disputaram: Zefiro Giassi e José Dal-Toé. Resultado: Zefiro ganhou na base de dois votos por um.*

*Aí a rede elétrica foi levada para a vila São José, para o Barracão, para a Vila Nova, pro São Rafael e assim por diante. Foi um trabalho enorme.*

*Seu Zefiro nunca foi remunerado pelo exercício da presidência. Nunca ficou com um parafuso, sequer, da Cooperativa.*

*A eletrificação chegou no interior da Içara, por causa dele.*

*Finalmente o Senhor Osvaldo Bittencourt assegurou:*

*Conheço dois homens sérios de Içara: Celso Salustiano Cabreira, já falecido, e Zefiro Giassi. Como disse um amigo meu que veio me visitar aqui em casa ‘em cem anos não nasce um novo Zefiro na Içara’.*



# XXXI Uma Casa na Floresta

*“A verdadeira felicidade está na própria casa,  
entre as alegrias da família.”*  
León Tolstoi



Casa da família Zefiro - Ana Maria Giassi.







Hoje o casal Zefiro - Ana Maria Giassi reside numa imponente casa construída no centro da cidade de Içara.

Junto à calçada - passeio público - uma alameda de palmeira imperial dá o tom do que está reservado para o jardim fronteiro à residência. Neste são vistas inúmeras orquídeas, samambaias, azaléias, manacás, quaresmeiras, jasmims, camélias, bromélias, tapete, cactos, trepadeiras, butiás, palmas de São Jorge, begônias, bougainvillea, manga, figueira, flamboyant, coqueiros, antúrios, cetim, cedro, pitanga, bambus, hibis-

co, caetés, xaxim, ameixinha amarela, jabuticaba, lichia, babaçu, palmito, araucárias além de um comedouro para pássaros e três papagaio que vive num viveiro de grande porte.

Essa quantidade enorme de plantas - uma verdadeira selva - recebe a atenção diuturna de Dona Ana Maria que recolhe folhas secas, faz a poda, planta e transplanta, rega tudo, alimenta os pássaros e se encanta com cada broto ou botão que surge em cada arbusto. O que mais chama atenção, mesmo, é a quantidade de orquídeas e sua variedade. Centenas.





## QUANTAS LINHAS!

Parece incrível, mas Zefiro Giassi tem as Linhas territoriais da velha Cresciuma umbelicalmente ligadas à sua vida. Vamos ver:

- Nasceu na Ponta do Mato, Quarta Linha.
- Foi capelão e catequista da comunidade da Terceira Linha.

- Foi professor na escola de Morro Bonito, Segunda Linha.

- Conheceu sua futura mulher - Ana Maria – na Primeira Linha São João.

- Ana Zilli morava na Linha Três Ribeirões (seria a Linha Zero?).

## PALAVRÃO?

Não fosse aquele murro desferido em Sylvio Bittencourt, ao tempo do curso Normal Regional, Zefiro jamais, em toda a sua vida, foi às “vias de fato” com qualquer pessoa. Nem na infância, nem na adolescência, nem na vida adulta.

É avesso a palavrões. Nutre verdadeira aversão para tais vocábulos. De todas as pessoas com quem conviveu colhe-

mos sempre a mesma resposta: jamais se ouviu qualquer palavrão pronunciado por ele.

Mas os filhos e demais descendentes, as pessoas que convivem mais próximas dele, e os próprios colaboradores de suas empresas afirmam: *quando Seu Zefiro está pelos cascos dá uma xingada pronunciando: caramba!*

E mais nada, absolutamente nada.

Jamais levantou a voz para qualquer subordinado.







Rogério, Maristela, Mariléia, Rosália, Ana Maria (Mãe), Zefiro (Pai), Osni.



Higino Giassi, Enerino Giassi, Zefiro Giassi, Adelina Giassi Serafim, Ana Teixeira e Maria Rosso Giassi Goulart.

## O MUNDO É O LIMITE

*Viajar: se houvesse possibilidade viajaria todos os anos. Para o território nacional e para o exterior. Gosto muito de viajar e tenho sempre a companhia da Ana, minha mulher.*

As reuniões promovidas pela entidade nacional do segmento dos supermercados sempre contaram com sua presença. *É importante participar desses eventos porque a gente sempre aprende alguma coisa a mais. Não perdemos nenhuma no Brasil e participamos de alguns congressos no exterior, também.*

Zefiro faz menção, por exemplo, a um con-

gresso realizado na cidade de Dallas, no Texas, USA. Nesse Giassi se fez acompanhar do colega empresário Paulo Althoff.

*Fizemos várias viagens à Europa e ao Oriente Médio. O turismo religioso praticado nos lugares santos sempre nos atraiu. Estivemos ali quatro vezes e, numa delas, participamos, a Ana e eu, de um retiro espiritual, de oito dias, no Horto das Oliveiras. Jerusalém é muito emblemática, não há como não se emocionar conhecendo os lugares por onde andou Jesus Cristo! Cada um daqueles lugares santos nos transporta a uma reflexão interior muito profunda, faz muito bem pra gente.*



# Zefiro: Empresário Bem Sucedido

*“Uma empresa é idealizada em sonho, torna-se real pela coragem e determinação e cresce pelo empreendedorismo.”*

Caio Gustavo





No ambiente da empresa, matriz e filiais, Zefiro Giassi promove encontros com seus colaboradores e aproveita a oportunidade para transmi-

tir-lhes o aprendizado amalhado ao longo dos anos.



Na Região sul-catarinense - e fora dela - Zefiro tem proferido palestras narrando o seu sucesso empresarial.

Organizações extra-empresa, também, têm convidado Zefiro Giassi para proferir palestras narrando o *case* do qual é protagonista: ter saído do interior de uma sala de aula para o grande sucesso empresarial que o caracteriza.

A caminhada, como já vimos, começou no ato de coragem de buscar uma nova alternativa profissional embora o exercício do magistério o fascinasse. Naquele primeiro momento, lá em 1960, certamente Zefiro não imaginou que aquela posição tomada ali viesse resultar na rede de supermercados que ostenta a logotipia de Giassi & Cia. Ltda. de hoje.

Não houve um planejamento, aliás, a palavra planejamento estava guardada em dicionários e gavetas: era muito pouco utilizada, especialmente no setor empresarial. O que contou, mesmo, foi a visão de empreendedor que o acompanha desde os bancos escolares, quando comprava cordas de violão para seus amigos de bairro, pagando preço de atacado, e as vendia praticando o preço de varejo. Cada centavo amalhado fazia parte do seu sonho de um dia

tornar-se um empresário digno de registro.

Dado o *start*, com o pedido de licença, sem remuneração, do cargo de professor e a obstinada vontade de montar o seu negócio, o avanço nunca mais descansou. Daquela primitiva “venda” de secos & molhados a marca Giassi, hoje, tem o respeito da comunidade empresarial brasileira e enche de orgulho nossa Região e nosso Estado.

Zefiro Giassi dá-se ao capricho de, pelo menos uma vez por mês, percorrer os corredores de todas as lojas de sua robusta rede. E, depois, cobra de cada gerente - ou com ele troca impressões - sobre as alterações constatadas. *Um olho só, mas sempre bem aberto e muito atento*, dizem seus funcionários.

A trajetória do sucesso empreendedor pode ser desenhada assim:

**1960:** Zefiro Giassi constitui a firma individual que toma o seu nome.





**1964:** Artemio Serafim faz parte do quadro social. (Giassi & Cia.)

**1971:** José Adelino Serafim faz parte do quadro social.

**1973:** Alenir Cabreira e Higino Ângelo Giassi fazem parte do quadro social.

**1978:** Retiram-se da sociedade os senhores Artemio Serafim, José Adelino Serafim e Higino Giassi. É admitido Osni Giassi.

**1994:** A sociedade passa a girar com nova razão social: Giassi e Cia. Ltda. e dela fazem parte os sócios: Ana Maria Zilli Giassi, Rosália Giassi Cabreira, Maristela Giassi, Mariléia Giassi Zanette e Rogério Giassi.

**1995:** Giassi Empreendimentos e Participações S. A. ingressa no quadro social.

**2005:** Alenir Cabreira e Giassi Empreendimentos e Participações S.A. retiram-se do quadro social e é incluída a empresa Giassi Administradora de Bens S.A.

O quadro social atual é formado por Giassi Administradora de Bens S.A., Zefiro Giassi, Ana Maria Zilli Giassi, Rosália Giassi Cabreira, Osni Giassi, Maristela Giassi, Mariléia Giassi Zanette e Rogério Giassi.

O Centro Administrativo entrou em operação em 1994, numa área construída de 17.000m<sup>2</sup>, atendendo, num edifício de arquitetura moderna, e dotado de todo conforto, a todos os segmentos da empresa.

A abertura de cada loja foi resultado do “olhômetro” visionário de Zefiro e seus assessoras. Cada uma delas, ao seu tempo, foi se constituindo nesse rosário de sucesso que a empresa ostenta em nosso Estado.

Por teimosa vocação de vender produtos de qualidade, Zefiro entendeu, também, de construir um frigorífico próprio para abastecer a rede. Houve um determinado tempo em que o abate era feito ali. Agora, a empresa adquire carcaças de bovinos e de suínos, em todo o território nacional, e faz os respectivos cortes - de extrema e reconhecida qualidade. A frota de caminhões refrigerados, da empresa, faz a entrega desses produtos, diuturnamente, a todas as lojas da rede. A política expansionista prevê a abertura de uma loja por ano. A cidade que receberá a próxima só terá seu nome divulgado depois de todas as análises que Zefiro e seus assessores fizerem do potencial nela implantado. Registre-se que todos os edifícios nos quais estão instaladas as lojas dos Supermercados Giassi são patrimônio da empresa: todos prédios próprios.

As reuniões se estendem durante todo o dia e nelas são passadas a limpo as anotações feitas na reunião anterior, analisados os passos executados durante o mês, e projetadas as ações para os trinta dias seguintes.

Um misto de seriedade e conforto toma conta



Bicicleta, uma Prosdócimo, 1951, troféu do sucesso.





desses executivos que não escondem sua satisfação em constatar o rejuvenescimento do presidente, sempre disposto e transmitindo novas idéias para o desenvolvimento da empresa, no seu todo. Didática para tais exposições não lhe falta, afinal de contas o seu primeiro trabalho foi o magistério.



Mensalmente, na sala de reuniões do Centro Administrativo, os gerentes de todas as lojas e os diretores reúnem-se com o presidente Zefiro Giassi.





2ª MAIOR REDE DE SUPERMERCADOS  
DE SANTA CATARINA

20ª MAIOR REDE DE SUPERMERCADOS  
DO BRASIL

Centro Administrativo. Deste edifício partem todas as diretrizes administrativas da empresa para toda a rede. Seguem-se, nas páginas seguintes, vistas das unidades de venda descentralizadas no estado de Santa Catarina. Responsabilidade dos arquitetos Décio Góes e Nelson Gaidzinski.



Supermercado Giassi - Içara.



Supermercado Giassi - Araranguá (Centro).





Supermercado Giassi - Araranguá (Cidade Alta).



Supermercado Giassi - Sombrio.



Supermercado Giassi - Criciúma - Av. Centenário.



Supermercado Giassi - Tubarão.





Supermercado Giassi - São José.



Supermercado Giassi - Joinville.



Supermercado Giassi - Blumenau.



Supermercado Giassi - Palhoça.







Anexo ao Supermercado Giassi - Criciúma - o restaurante e café colonial Ana Maria presta homenagem à mulher de Zefiro Giassi.



Supermercado Giassi - Criciúma ( Santa Bárbara) - Inaugurado em Novembro de 2010.



# Depoimentos

*“Porque um dia, nossos filhos verão aquelas fotografias e perguntarão: - Quem são essas pessoas? E responderemos: - Foram meus amigos, e foi com eles que eu vivi os melhores momentos da minha vida!”*

<http://meuorkut.tudolink.com/>



**“A amizade é uma predisposição recíproca que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro”.** Platão

Podemos afirmar, sem qualquer cautela, que, se fôssemos em busca de pessoas que quisessem falar de Zefiro e sua obra, encontraríamos uma gama tão surpreendentemente grande de homens e mulheres dispostos a esse mister que dariam, a este capítulo, o maior volume do livro. Por onde se vai, por onde se anda, por onde a conversa inclui esse empresário há, sempre, pelo menos uma pessoa revelando as qualidades de Giassi.

Resolvi, então, eleger cinco segmentos os quais, como se verá, representam o universo que teve e tem o privilégio do contato com Zefiro Giassi:

- os filhos que trabalham na empresa;
- os ex-sócios da empresa;
- seus ex-alunos (na escola isolada de Mato Alto);
- seus ex-colegas de turma no curso Normal Regional;
- as entidades públicas e privadas das quais participa ou participou o Senhor Zefiro;
- a igreja, a qual a fidelidade de Zefiro é testemunhada pela sua própria vida.



### OSNI GIASSI

Sempre comento com os amigos que tenho meu pai como exemplo de homem. Algumas pessoas se espelham nos maiores pensadores da história, nos filósofos, nos grandes líderes da humanidade. Para mim, o exemplo de homem que tenho está bem próximo. Sua postura como profissional é admirável. A dedicação e o empenho fazem dele um exemplo para todos que o rodeiam, inclusive para os colegas concorrentes que também o admiram e respeitam. Na qualidade de esposo sua fidelidade e dedicação com minha mãe são exemplares. Como pai sempre nos ensinou o caminho correto dando seu próprio exemplo. Sempre presente e com palavras sábias, nos ensinou o caminho certo a seguir. Nós filhos sempre fomos muito bem orientados por ele e por nossa mãe. Uma frase que ele diz e que sempre lembro é: “Conselhos levam, exemplos arrastam”. Pai, é uma grande responsabilidade ser seu filho, sinto um enorme orgulho de ser um dos seus! Obrigado!



### **MARILÉIA GIASSI ZANETTE**

Um mestre da vida. Um homem extremamente dedicado ao trabalho e aos relacionamentos interpessoais. Sabe conjugar com esmero trabalho e família. Buscador do conhecimento empresarial e atualização dos fatos do cotidiano. Poucos letrados conseguem como ele, habilidades comerciais com visão de empreendedorismo. Conciliador dos relacionamentos interpessoais tanto empresariais quanto familiar. Possui habilidades inatas na visão para implantação de novos empreendimentos. Consegue com muita habilidade motivar grupos seja na empresa ou fora da empresa, para que alcancem seus objetivos. Sua parte espiritual e seu positivismo diante da vida demonstram a grande força na caminhada terrena. Tenho imenso orgulho de pertencer a uma família que me proporcionou uma formação educacional, espiritual e profissional da melhor qualidade e que sempre busca o aprimoramento em todos os âmbitos de nossa convivência.



### **HIGINIO GIASSI, EX-SÓCIO**

Gino, é assim que é conhecido o irmão mais novo de Zefiro. Quando em idade escolar foi morar com o irmão (que ainda era solteiro) no puxadinho da escola onde este lecionava. Passou a ser aluno e auxiliar de cozinha do irmão. Lembra que, nos períodos de férias, os dois retornavam para a casa dos pais e, numa das mudanças, colocaram todos os pertences e “bugigangas” amontoados no puxadinho da escola, dentro de uma carroça. Voltavam para casa quando, perto da curva do Joanin Gislan, num encruzo, o cavalo desembestou, subiu no barranco e a carroça virou de perna pro ar: deu coisa pra todo lado! Mesmo depois de casado, Gino continuou morando com o mano mais velho.

*- Quando o Zefiro começou a vida de comerciante eu já morava com meus pais, novamente.*



*Mas logo em seguida fui trabalhar com ele e fiquei ali até a sociedade ser desfeita - 1978.*

*- Um dos meus trabalhos era ensacar gêneros alimentícios, em saquinhos de papel. Então o freguês vinha, pedia um quilo de sal, eu ia lá no depósito fazia o pacote e trazia. Aí perguntava: o que mais? E o freguês, então, pedia um quilo de açúcar. Lá ia eu de novo, e assim, o dia inteiro. Cansava.*

*- O primeiro veículo da empresa foi um Austin, uma espécie de pick-up. Depois, foi uma camionete International. Aí eu comecei a entregar as compras na casa do freguês, com aquela camionete. Numa vez capotei. E o Zefiro teve reação normal, nada de agressivo.*

*- Quando ele comprou o primeiro caminhão, um Chevrolet, novinho, nós íamos a Porto Alegre comprar mercadorias. A gente saía de madrugada, pela estrada velha da futura BR-59, hoje BR 101, e chegava lá ao meio dia. Carregava até a boca da noite e voltava de noite*

*chegando aqui na manhã do dia seguinte. Não era moleza!*

*- Minha participação na sociedade é meio diferente: nunca coloquei um real, mas o Zefiro me fez sócio. Até que um dia ele resolveu ficar só com os filhos na sociedade. Me chamou e me comunicou. Eu já era casado. Não possuía um vintém guardado. Botei as mãos na cabeça e perguntei: e agora meu Deus? Mas o Zefiro me indenizou e, com o dinheiro que ele me deu (não me devia nada), eu consegui comprar dez máquinas de costura com as quais comecei minha empresa. Entrei com o nome e, ao sair, pude constituir a minha empresa. Graças a ele.*

*- É preciso que eu diga que a minha educação dependeu dele. Eu respeitava mais a ele do que ao meu pai.*

*- Ah, ele é muito pão duro, muito econômico. Mas é demais!*

*- Zefiro? Esse é o cara!*



### ARTEMIO SERAFIM, EX-SÓCIO.

*É cunhado de Zefiro. Foi sócio da firma de 1964 a 1978. Um belo dia resolveu conversar com o cunhado lembrando-o de que precisavam olhar pra frente: as duas famílias eram grandes e o negócio poderia, futuramente, não dar certo. Muitos filhos. Propôs a sua saída da firma ficando com a parte de ferragens. Negócio proposto, negócio aceito. Hoje Artêmio Serafim é uma das referências do empresariado içarense com o seu estabelecimento de ferragens.*

*- O que tenho dou graças a ele. Foi ele que sempre me incentivou. Lembro que ele ia a Porto Alegre e comprava, num final de semana, um caminhão de mercadorias para nós vendermos. Então eu saía na quarta-feira, pro interior, visitava os armazéns e pedia dinheiro. Era para pagar a mercadoria. Na segunda-feira eu voltava e pagava todo mundo.*

- O Zefiro é muito sério, muito pontual, não deixa ninguém cobrar dívida dele. Ele costumava fazer reuniões com os vendedores da firma e assinalava os resultados individuais em vermelho, quer dizer, aqueles que vendiam pouco. E aí pedia mais emprego. Um dia o José Marcon (vendedor) disse: Pô, vendendo do jeito que vende já é esta potência o que dirá se vendermos mais ainda! O importante, nisso tudo, é que nós desfizemos a sociedade mas continuamos a ser amigos como sempre fomos. Nós estamos muito felizes. Ele é o responsável por este bom estado de coisas.

### HERCÍLIO CICHELLA, EX-SÓCIO.

Hercílio Cichella, beirando a casa dos octogênários, casado com Augusta Biff, foi, sempre, um fiel amigo de Zefiro Giassi desde os tempos de tenra idade. E se sente muito à vontade para falar dessa amizade de tantos anos. Eram vizinhos e este fato os aproximaria ainda mais. Estavam sempre juntos, especialmente quando brincavam. Outra recordação muito viva na memória de Hercílio era a capacidade que o Zefiro tinha para dar doutrina para as crianças.

- Era ele que preparava a gente para a primeira comunhão.

Zefiro Giassi havia se associado, comercialmente, a Benevenuto Dalmolin - amigo comum - Um dia, convidou Cichella para fazer parte da sociedade.

- Se for para tirar o Nuto não conta comigo! Respondeu.

Seguro de que Zefiro queria, mesmo, a sua participação, disse que participaria, sim, e o balanço da firma foi levantado. Resultado: cada um dos três sócios deveria participar com 200 contos de réis (200.000,00 cruzeiros).

- Tocamos um tempo muito curto, depois o Dalmolin e eu resolvemos ficar com a parte de lá, da antiga prefeitura (alimentos e ferragens), e

Faltou dizer que, quando fui procurar o Senhor Artêmio para este depoimento, uma terça-feira cinzenta, muito vento, por volta de 8h30, adentrei o estabelecimento e perguntei a um dos balconistas: - O Senhor Artêmio está?

E ele respondeu: - Olha, ele eu não sei, mas a mulher dele está atrás de você.

Virei-me e, a dois passos, uma senhora varria a loja: era Dona Adelina Giassi Serafim, irmã de Zefiro, mulher de Artêmio. E, muitas vezes, perguntamos: onde está o segredo do sucesso?

deixamos o resto pra ele. Mas não durou muito e vendemos tudo pra ele. Na amizade. Sempre amigos. Sem desconfiança.

Zefiro Giassi crismou o Toni, filho do Cichella. E a Léia (Giassi) é afilhada de Dona Augusta.

Em outras palavras: os dois casais são compadres.



Hercílio Cichella e sua mulher Augusta Biff Cichella, grandes amigos da família Giassi.





### **JOSÉ ADELINO SERAFIM, EX-SÓCIO.**

Zezinho, como é conhecido, é um empresário bem sucedido estabelecido na cidade de Araranguá. Nascido em Urussanga viveu os primeiros anos de sua vida na localidade de Urussanga Velha, município de Içara. Aos domingos dirigia-se ao centro dessa cidade para participar da missa, como o faziam todos os católicos da época. E, depois da missa, ajudava a descarregar o açúcar empilhados sobre caminhões que, seria vendido na venda de Zefiro Giassi.

*- Ganhava uns trocados pra fazer isso. Até que um dia o seu Zefiro me perguntou a idade: respondi, 18 anos. E ele me perguntou: - quer trabalhar aqui comigo?*

*- Foi o meu primeiro trabalho legalizado. Isso foi aí por 1964, 65... Passei a ganhar um salário fixo mais comissão sobre a venda: eu era balconista.*

*- Aí, um belo dia, resolvi falar com ele e pedi que ele me pagasse tudo o que estava creditado no meu nome porque eu pretendia comprar um caminhão e “cair na estrada”. Ele me respondeu: - que estrada que nada, deixa esse dinheiro aqui na firma.*

*- Foi assim que eu entrei na sociedade como um cotista. Possuía zero virgula alguma coisa do capital (risos). Na cidade de Araranguá a empresa se estabeleceu com uma unidade comercial atacadista. Higino Giassi e Tobias Gonçalves da Silva tocavam o negócio. Estes, todavia, resolveram deixar de trabalhar nesse atacado.*

Zefiro, então, chamou José Adelino propondo que ele fosse administrar os negócios na cidade das avenidas, colocando o atacado à venda. Adelino aceitou o convite, foi para Araranguá – de onde nunca mais sairia -, adquiriu o estoque do estabelecimento e formou a sua empresa deixando o quadro social da Giassi.

*- Zefiro Giassi é um grande comerciante. É um homem muito inteligente. Ele foi o meu professor nas atividades comerciais. Tive escola com ele. É uma pessoa carismática e de uma visão profunda, conceitos finais pronunciados pelo empresário José Adelino Serafim.*





### ANGELINO PERUCHI, EX-COLEGA DE AULA

Angelino Peruchi, próspero empresário de Criciúma e Região, colega de bancos escolares do Curso Normal Regional Nicolau Pederneiras, foi enfático ao atender o telefone e saber a razão da conversa: - *Não é preciso falar de Zefiro Giassi: a vida dele responde qualquer pergunta...*

Angelino - ou Angelin, como é chamado em casa - foi o melhor aluno do curso em referência. Tanto o foi que a professora Lourdes Carneiro foi oferecer uma bolsa de estudos, aos seus pais, para que ele continuasse a estudar. - *Meus pais se desinteressaram. Acho que fizeram bem, para aquele momento.* Entregava leite às famílias abastadas da praça - como o fazia o colega Zefiro. Em comum, também, a origem humilde: morava lá na Mina Brasil, era longe.

- *Ainda temos um “telefone vermelho”, só nosso, querendo dizer: a gente fala muito, inclusive conversas reservadas.*

- *Nascem poucos Zefiros. Poucas pessoas têm a visão de Zefiro, o esforço, a coragem, a ho-*

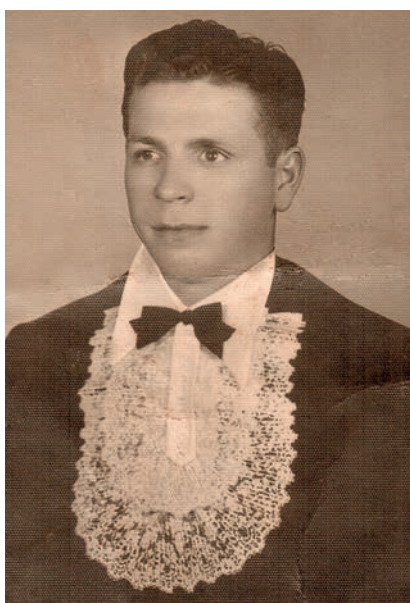
*nestidade, o caráter. Precisamos de mais Zefiros.* Peruchi falou das qualidades do colega e lembrou que ele tinha tamanho físico, era alto, forte.

*O pessoal não mexia com ele... Era reservado, sabia a hora de falar, sabia onde podia pisar. Alguns caçoavam, embora de leve, dele e de mim porque eles eram almofadinhas, com pasta de couro e tudo mais: nós dois, com uma sacola feita de saca de açúcar.*

Angelino se recorda de um fato: Um tal de Luiz S. (omissão proposital) veio com a família transferido de Florianópolis e foi estudar com eles. Destacava-se pelas roupas que usava, pela maneira de falar, mas não tinha tamanho físico. Esse aluno espalhou uma fofoca contra Zefiro dando conta de que o “italiano” estava espalhando ter visto a professora tal aos amassos com seu namorado “que a cobria com sua capa de chuva”. Giassi ficou sabendo e enrubescou, de raiva. Esperou o final da aula e se afastou do território escolar indo esperar o espertinho da Ilha no pátio dos ônibus da São Cristóvão (esquina da travessa Pe. Pedro Baldoncini com a rua marechal Floriano). Quando Luiz apareceu Zefiro foi ao seu encontro, pegou pelo pescoço e perguntou o que é que ele estava espalhando. O garoto, asmático, com a respiração estancada pela mãozona de Giassi pediu socorro. Zefiro o soltou mas com a advertência: *Amanhã tu vais desmentir tudo se não esse teu “apianço” vai te matar.*

Angelino e Zefiro - que eram grandes amigos na escola e dão seqüência àquela amizade - iniciaram as atividades privadas juntos. Sintetiza a vida de Zefiro como um empresário bem sucedido, um homem comedido, nada de desperdício. *Sei que ele ajuda algumas entidades filantrópicas e alguns necessitados, mas sei - também - que é extremamente econômico. Com ele, cada coisa no seu lugar. E é dele, sempre, a palavra final - em tudo.*





ZEFIRO GIASSI



Alice Gava



Astor dos Santos



Augusta Milanez



Clara Zaccaron



Diamor Meller



Manoel dos Santos



Maria Rovaris



Mistica Giassi



Tereza Martinello

(Fotos: acervo de Aquilino Peruchi)

### **ALICE GAVA, EX-COLEGA DE AULA**

Alice Gava Harger, colega de turma do Normal Regional Nicolau Pederneiras. *Minha maior lembrança era dele chegando com sua bicicleta. Deixava muita gente de água na boca. Mas ele não conversava conosco, não se enturmava. Chegava sempre na hora de começar a aula e ia direto para a sala. Ele era grandalhão e tinha aquele problema no olho esquerdo. Mas tinha aluno que nem sabia, porque não era assim tão grande o problema do olho. Pedi que falasse dos seus professores, pelo menos dos nomes. E ela respondeu: Célia Rovere (Canarin) que dava aula de português. Inclusive o Salim, sobrinho do Abílio Paulo (libanês) ia nas aulas para aprender português. Ele era muito diferente, não entendia nada. Tinha a Sissi Scheidt que lecionava educação física. A Norma Thomé, que dava aula de puericultura (ensinava como se cuida de criança e como se cuida de uma cozinha), mandava os meninos sair, só ficavam as meninas. A Maria José Hülse Lodetti, que dava trabalhos manuais. O Dr. Vergara (era um advogado) que lecionava matemática. No final Dona Alice emendou: Faz uns vinte*

*anos, fui à festa dos padeiros, lá na Içara. O Zefiro estava lá. Apresentei-me. Ele não me reconheceu. A gente muda muito...*

Muito? E como!



### **AUGUSTA MILANEZ, EX-COLEGA DE AULA**

Augusta Milanez Meller, falou-me que tanto estudou e se formou com Zefiro como lecionou ao mesmo tempo em que nosso biografado o fazia, também. Lembra de que Zefiro sempre comparecia “bem alinhado” às reuniões do magistério que o prefeito Paulo Preis convocava. Os professores respeitavam o Zefiro porque ele era um bom professor. Nós sabíamos que o pessoal de lá, onde ele lecionava, gostava muito dele. Ah, ele morou algum tempo na Operária (casa de Domingos Bristot) e eu vinha com ele para o Lapagesse. A gente vinha pelos trilhos. Eu morava no Pinheirinho.



## ASTOR DOS SANTOS, EX-COLEGA DE AULA

Astor dos Santos, o Deda, ex-colega de Lapagesse. Conversamos numa mesinha do café do Rubinho, no Shopping Della, em Criciúma.

- Vamos falar do Zefiro? Afinal de contas vocês estudaram juntos no Lapagesse e foram colegas de profissão: ambos em supermercados, embora concorrentes entre si. Me lembro daquele grandalhão chegando no Lapagesse, pedalando sua bicicleta. Ele sentava numa carteira lá no fundo da sala por causa do tamanho dele, era muito alto. Lembro bem que, numa prova de educação física - que era escrita - eu havia estudado apenas um ponto. E foi o ponto sorteado. Respondi tudo, até as vírgulas. Deixei o Hamilton (Feldmann) e o Diamor (Meller) colarem tudo. Na hora do resultado eles tiraram 100 e eu 80. Fui reclamar e a professora disse que baixara a minha nota porque eu havia deixado eles colarem. O Zefiro nunca colou, ele sempre sabia toda a matéria dada.

E daí o Deda falou do Zefiro empresário: O forte dele era o atacado. Vendia por atacado, de tudo. E fez os supermercados de Sombrio, Araranguá e Içara. Mas daí quiz ficar só com o atacado. Aí ele foi oferecer os supermercados pro Angeloni, eu trabalhava lá. Eu é que fui ver as lojas para o Angeloni. Acabamos não aceitando a compra. Ele acabou se desfazendo do atacado e investindo em supermercados. E o resto da história todos sabemos.

- Zefiro foi considerado o banco de Içara. O colono plantava e levava pro Zefiro vender. Deixava lá cinqüenta sacas de feijão e recebia um pedaço de papel dizendo: devo cinqüenta sacas de feijão. E mais: os colonos deixavam dinheiro em espécie pra ele e só iam buscar quando precisassem sendo que o Giassi sempre pagava os

juros. Eles tinham mais confiança no Zefiro do que nos bancos. Ele foi e é um homem de muita confiança.

- Viajei várias vezes com o Zefiro, para participar de encontros de supermercadistas. Ele nunca falta nessas reuniões. Inclusive ele tem mandado seus representantes (funcionários) em delegações que lotam ônibus. Numa ocasião fomos a Florianópolis, para uma reunião dessas. Era uma sexta-feira, à tarde, e entramos numa loja do Comper (Supermercados Comper). Na prateleira das verduras encontramos apenas um maço de vagem daquelas compridas, já amarelecidas. No chão, ficavam as pegadas de nossos sapatos, tanto era a poeira. Encontramos um dos diretores no congresso e falamos que aquilo estava errado, a continuar assim o resultado seria ruim. Acabaram falindo.



## ZULCEMA PÓVOAS CARNEIRO, EX-PROFESSORA

Fiz uma ligação telefônica para a Zurene, uma de suas filhas. Depois dos cumprimentos dei-lhe conta do que estou fazendo: tentando biografar Zefiro Giassi. Imediatamente ela informou:

- Foi aluno da minha mãe.

Falei da intenção de entrevistá-la ou de, pelo menos, tomar um depoimento dela a respeito do referido aluno.

Era uma terça-feira. Zurene informou que ela estaria em Florianópolis e só retornaria na sexta-feira. O ideal - segundo Zurene - seria conversar com ela na segunda-feira. – *Olha, Archimedes, às segundas-feiras, às 16h, a Kátia (outra filha) e eu vamos a casa dela para visitá-la e tomar um café com ela. És nosso convidado. Convite feito, convite aceito.*

Sempre que falei com Zefiro Giassi a respeito do Lapagesse ele sempre lembrou de Dona Zulcema. Ainda que não tivesse lembrado os diários de classe, estampados neste livro, denunciavam que ela fora examinadora dele e, em tal condição, seria buscada para dizer alguma coisa desse aluno.

No dia e no horário aprazado lá estava eu, em frente à ex-professora dele – e minha – nonagenária (92 incompletos), mas de uma vitalidade, jovialidade e lucidez de fazerem inveja. Mesa posta para o café, presentes as duas filhas. Enquanto nos servíamos do rico alimento ali disposto, fomos jogando conversa fora e, evidentemente, tomando seu depoimento a respeito de Zefiro.

- *Estou vendo esse rapaz, quando foi meu aluno. Nunca saiu de minha memória.*

Foi bom aluno? Perguntei.

- *Ma-ra-vi-lho-so, respondeu-me. Assim, sílaba, por sílaba.- Via nele uma pessoa humilde. Sempre o imaginei um grande homem, pela seriedade como levava os estudos. Eu só estranhava, mesmo, era o nome dele. Acostumada a ouvir aquela canção que fala “Com questo zéfiro, cose suave...” era difícil entender um Zefiro paroxítono.*

*Zefiro era e é muito inteligente. Nunca duvidei do futuro promissor que o esperava. O destaque, mesmo, era a humildade dele.*



### CÉLIA ROVERE, EX-PROFESSORA

Recém chegada de Florianópolis, onde residia, a professora Célia imediatamente assumiu o cargo de professor no Curso Normal Regional Nicolau Pederneiras. Lente de Português logo se tornou respeitada pelos educandos haja vista sua peculiar capacidade de transmitir conhecimentos e a didática que empregava. Por méritos pessoais foi guindada à Comissão Julgadora das provas finais dos alunos competindo-lhe, como aos seus Pares, avaliar o desempenho de cada um deles.

Perguntada sobre o aluno Zefiro, Dona Célia diz se lembrar muito pouco, mas garantiu: *ele era muito reservado. Nunca gostou de brincadeiras. Ah, se ele fosse um aluno atrasado, rebelde, malcriado ou coisa parecida a gente não esqueceria. Certamente foi um bom aluno. Sinto-me envaidecida por ter ajudado na sua educação formal.*



### MARIA OTILIA CECHINEL CUSTÓDIO, EX-ALUNA DE ZEFIRO E DE ANA MARIA.

Quando me apresentei e disse o que me levava ao seu encontro, ouvi: *Dona Ana? Ela é muito querida, aquela mulher! Às vezes o professor Zefiro não podia dar a aula e avisava: amanhã quem vai dar aulas pra vocês é a Dona Ana. Nossa! A gente jogava as mãos pra cima e dizia: Graças a Deus!*

E justifica: *Seu Zefiro era muito enérgico, muito exigente, não queria nem saber: todos tinham que aprender. Com Dona Ana era diferente, ela levava mais mole... Mas complementa: ele é uma pessoa muito boa, honesta. Gostamos muito dele e dela. Não é porque ele é rico, não. É porque ele é muito bom mesmo!*

Perguntei sobre o recreio e o lanche. E dona Otilia abriu o verbo: *A gente brincava de ba-*



*te-bate (com pedrinhas), de amarelinha, de ré pra salvar, de esconder. Todos juntos, meninas e meninos. Mas ele sempre presente, cuidando de tudo. Lanche não tinha, muito poucos alunos levavam lanche: uma batata assada, uma banana... A gente não tinha roupa de inverno, de lã: nosso casaquinho era feito de saca de açúcar: a mãe aproveitava a parte que não*

### **VALDIR DE BONA, EX-ALUNO**

*Fui aluno dele durante dois anos. Eu estudava aqui na Terceira Linha, mas meus pais queriam que eu estudasse no Morro Bonito por causa da fama do professor Zefiro. Aí eu fiz, lá, o 3º e o 4º anos. Eu ia a pé, todos os dias: são 2 quilômetros e 200 metros, é fogo!*

*- Seu Zefiro era muito exigente, muito católico, muito rígido, mas muito bom professor. Disciplina era com ele. Antes de começar a aula ele sempre rezava com todos os alunos. No recreio muitas vezes ele ficava pedalando a bicicleta. Era muito bonita. Olha só: a caixa de giz estava cheia de castanhas, sempre. Daí, quando algum aluno ficava distraído ele pegava uma castanha e jogava pra acertar nas costas. Acor-dava o aluno e este ainda tinha que juntar a castanha e devolver pra ele.*

*- Um dia ele mandou eu e o Danilo Dalmolin lavar a sola dos pés do Renato Mazzuchello (já morreu) de tanto caruncho. Foi numa sanga no terreno do Hercílio Cichella. O Renato gritava muito. Nisso o professor era muito exigente e também ensinava como a gente se comporta com mais velhos, com os pais...*

*- Um dia ele entrou na sala e perguntou: - O que quer dizer sábia? Ora, nós sabíamos que sábia, em italiano, é areia. Todo mundo respondeu: é areia. Aí ele ensinou: sábia é uma mulher inteligente.*

*- Aí ele entrou na sala com um neném no colo, todo faceiro: - nasceu a Rosária, minha filha, ele disse.*

*tinha rótulo e fazia nossa roupa. Nossos pés? Sempre descalços. Era frio. Dona Ana ensinava desenho, mas quem dava o roteiro da aula era o professor Zefiro. Ela ensinava pintura e a gente pintava com aqueles lápis de ponta dura que chegavam a rasgar o papel. O presente, mesmo, era quando Dona Ana dava aula, ela era muito legal mesmo!*

*As meninas queriam pegar o neném no colo, mas ele não deixou.*

*- Nosso uniforme as mães é que faziam.*

*- Um dia o Joca Delfino - da Esplanada - veio na escola para o exame dos alunos. Tirei o primeiro lugar e o professor Zefiro meu deu um chaveiro de presente.*

*- Ele cuidava de nós até fora da escola. Um dia eu botei um cigarro na boca e fui pedir prum homem ali no pátio de igreja para acender. Ele viu e veio me dar um pito que ainda ouço nos dias de hoje. Olha, o pouquinho que sei aprendi, graças a Deus, com o professor Zefiro. Ele queria muito que eu continuasse a estudar, mas sabe, na roça...*







Ex-alunos de Zefiro: (esquerda para a direita) - Silvino Mazzuchello, Mário Dalmolim, Zilda Dalmolim Biff, Olívia Biff Dal Pont, Máximo Pedro Giassi e Flávio Dalmolim.

Conforme depoimentos prestados a Nilza Zilli Costa, um grupo de ex-alunos de Zefiro Giassi, constituído por Flávio Dalmolin, Mário Dalmolin, Zilda Dalmolin Biff, Olívia Biff Dal Pont, Máximo Pedro Giassi e Henriqueta Biff Dalmolin assim se reportou:

1º e 2º anos com seu professor e 3º ano com a Dona Ana Júlia esposa, na Escola da minha comunidade de Novo Benito. Nossa escola se chamava Escola mista municipal de Novo Benito. Professor: Silvino Giassi. Seu Silvino dava aula para nós aqui da 2ª linha Novo Benito 3ª linha

- O professor era um exímio disciplinador. Com ele não havia moleza. Da mesma forma como punia, elogiava. Com ele não tinha meio termo.

- Nos dias de sabatina (provas) ele sentava num canto da sala. Permanecia ali paradinho, observando qualquer movimento dos alunos. Se ainda assim alguém 'colasse' era castigo, na certa.

- Um dia ele pegou um aluno colando. Arremes-

sou uma castanha e acertou na cabeça dele. Muito envergonhado, de rosto avermelhado, juntou a semente e a devolveu ao professor.

- Ele gostava de pegar alunos com 'pegadinhas'. Nas aulas de matemática saía pelo corredor e, de repente, perguntava a um aluno: sete mais três menos dois dividido por dois dá quanto? Se a resposta fosse errada o aluno tinha o rosto coberto com a toalha que apagava o quadro: cheia de pó de giz.

- Quando a gente não levava os deveres de casa feitos ele deixava de castigo no recreio. Mas sentava ao lado e ajudava a fazer.

- Tudo o que ele fazia era bem feito. A gente tinha orgulho de ser aluno dele.

- Depois da aula cansei de pegar carona na garupa da sua bicicleta para ir a catequese lá na igreja de São Rafael.

- Antes das aulas, cedo, ele mandava a gente fazer fila indiana na frente da escola, colocar a mão no peito, e cantar o hino nacional. Ah, e antes de entrar na sala ele passava uma revista em todos: unhas compridas, sinal de sujeira no rosto, no pescoço, nas mãos. E mandava tomar banho no açude ali pertinho da escola.

- Fui mal durante uma aula de linguagem (português) e fui submetido a um castigo vexatório: dez minutos ajoelhado sobre grãos de milho.

- Teve um aluno que faltava a aula. Um dia o professor foi na casa dele saber o que estava acontecendo. Os pais dele estavam na roça, mas a casa aberta. Era de costume. O professor foi entrando e chamou o nome do aluno, Nada de resposta. Foi até o quarto dele e se agachou: o safadinho estava escondido embaixo da cama. O professor puxou pelas orelhas e fez ir para a escola com ele.

- O professor Zefiro era genial. Demonstrando muita rigidez todos o respeitavam e, ao mesmo, tempo temiam sofrer punições escolares.

- Olha muitos alunos levavam presentes para o professor. Era costume levar aipim, batata doce, mel, queijo, salame, laranjas.

- Tudo o que ele fazia era com muito amor e dedicação. Sempre sorridente cumprimentava seus alunos com muita elegância sem discriminar ninguém.

- Era costume dele, visitar as famílias dos alunos. Quando tomou conhecimento de que na Terceira Linha havia alguns jovens fora da escola foi até lá, conversou com os pais, e os meninos foram matriculados. Mas tiveram de abrir uma picada até a escola porque não havia estradas até lá.

- Tive de abandonar a escola para ajudar meus pais nas lidas da roça e das criações. Sabendo disso ele imediatamente foi à nossa casa. Inconformado insisti para eu não desistir. Implorou pros meus pais para reverter a situação. Felizmente eles acabaram concordando. Então, estudei por causa do professor.

- Olha, ele era muito prosa em cima do cavalo branco dele, chamado de 'sarapico'. Vestia o uniforme da escola de Criciúma feito de brim amarelo

com listas verdes e ia todo garboso passando no meio da comunidade.

- Nas sextas-feiras ele pernoitava na casa do seu maior amigo: Angelo Cichella. A dona

aquele tempo ele saía na Ponta do Mato, in Pucá aula ia Para aula in Criciúma de Cavalo Passa. na na Picada entrava aqui encima do morro do Tio Bepi e saía lá na Terra

Joana, mãe do Angelo, sempre preparava um chá de cana cidreira e chocolate com ovos para não pegar gripe.

- Um dia ele pediu para a gente levar uma régua grande pra ele marcar as linhas no quadro negro. O Altair levou uma régua de 1m50cm, feita pelo pai dele. O professor agradeceu muito, nossa! Mas num outro dia o Altair fez uma travessura e a régua foi utilizada pelo professor: recebeu uma reguada nas costas que levantou vergão. Aí, no recreio a gente zombava dele: traz outra régua, traz...

Na trajetória da minha existência ocorreram muitas coisas marcantes e realizadoras. Analisando o filme de minha vida, na infância, tive

numa... para... para... para...  
fazer... continuar... meus estudos no Colégio Papagalho Criciúma. Atravessar batidos, e picados, e com seu cavalo branco seguia a mãe eu, mais tarde a ter algo mais para oferecer a comunidade. Foi de casa em casa, a procura de alunos. Bem no muito bem, estava eu trabalhando na roça, quando apareceu o seu Zefiro, fazendo um pedido para meu pai que eu voltasse a estudar que seria a 1ª série. Resposta: Sim. Que alegria... voltou para sala de aula. Obrigado meu pai. Obrigado Prof Zefiro. Bastava para que o meu sonho fosse realizado. Meus colegas de classe, alguns deles já não estão mais aqui por a gente e o de mais deixou seu abraço.



de ir para a escola. Meus pais, aos sete anos, me matricularam na escola municipal de Morro Bonito. Foi uma mudança radical, pois havia muitas crianças e um professor. Eu, muito tímido, fui me inserindo no contexto e fiquei quatro anos no curso primário. Hoje, concluo que esse notável educador trabalhava quatro séries diferentes, ao mesmo tempo, e o aprendizado era muito bom. O ex-aluno Manoel Laurindo escreveu: Avaliando o meu mestre Zefiro acredito que, na época, o mesmo não tivesse formação pedagógica, não conhecia Piaget, Paulo Freire, Saviane e outros tantos, mas conseguia, de forma fantástica, passar todo aquele conteúdo para nós. O professor Zefiro marcou minha vida, pois me ensinou, além do conteúdo curricular, noções de cidadania, catequese e o sentido da vida. Hoje eu também sou professor tendo iniciado esta tarefa nos anos 1970. O grupo encerra o papo relacionado ao professor Zefiro Giassi assinando uma declaração que diz: Finalmente queremos agradecer, de coração, ao grande mestre que foi Zefiro Giassi, e sua espo-

sa Ana Maria, assim como aos nossos pais: todos foram exemplo de vida, quer na educação, na moral, na seriedade como também na humildade. Seu Zefiro e Dona Ana, mesmo sendo o que são hoje em dia, em nada mudaram o seu jeito de ser e de proceder com todos nós. Tudo o que sabemos nos foi ensinado pelo inesquecível mestre. Realmente, ele foi muito especial em nossas vidas. Como diz o ditado: Grande professor será aquele que realiza o que ensina. Silvino Mazzuchello, outro ex-aluno, ao se reportar ao ex-professor – e agora amigo – testemunhou: Tudo começou em março de 1954: Zefiro lecionava na escola municipal de Morro Bonito, Segunda Linha. Nossos pais foram ao professor pedir para ele dar aulas, também, aos alunos da Terceira linha e região. E ele se prontificou, humildemente, pois entendeu a necessidade de ampliar os conhecimentos daqueles alunos. Como não havia estrada nossos pais abriram uma trilha no meio da mata que pertencia às famílias Padoin e de Faveri. Essa trilha dava acesso à escola.



### VÂNIO MUNERETTO, AMIGO.

Encontrei Seu Vânio no estabelecimento comercial dele – mais de cinquenta anos – na vila São José. Atendia um freguês, depois outro. No balcão, como nos velhos tempos das “vendas”.

- Então era o Senhor que emprestava dinheiro pro Seu Zefiro ir fazer compra em Porto Alegre, Seu Vânio?

- Eu também – afirmou. Igual a mim tinha muita gente. Todos os que compravam no atacado do Zefiro.

- É que o Zefiro comprava pouco estoque, apenas para uma semana. Ocorre que ele comprava a prazo e vendia à vista. Então ele sempre precisava de mais dinheiro para fazer o es-

toque. Todo mundo comprava dele porque ele vendia quase no mesmo preço que comprava. Um dia ele me explicou: “o negócio é que vocês vendem com lucro de 100%, a venda de vocês é anual. Eu vendo com 20%, 30%, porque minha venda é à vista”.

- Uma ocasião, não sei porque cargas dágua, ele foi a Criciúma, nos atacadistas, e comprou todo o estoque de lâmpadas. Pois não é que o Althoff (grande atacadista de então) teve de recomprar dele, depois. Faltou lâmpada no mercado.

- Uma vez fui no Giassi e comprei 400kg de banha. Aí me encontrei com um amigo, genro do fornecedor da banha. Disse pra ele que tinha feito o negócio. E ele me perguntou de quem eu comprei. Eu disse que foi do Zefiro. E ele ficou indignado e perguntou por que não comprei do

sogro dele. Eu respondi que foi por causa do preço, e informei quanto eu tinha pago por quilo. Ele não acreditou. Aí mostrei a notinha pra ele e ele disse: o Zefiro ficou louco. É que Zefiro havia comprado a banha do sogro daquele cidadão e vendido pelo valor de compra. Por quê? Porque comprou para pagar em 60 dias e vendeu à vista.

- Nós não podíamos acompanhar os preços do Zefiro porque a nossa venda era toda anotada em cadernos e o freguês só vinha pagar na safra do fumo: uma vez por ano.

- Gosto muito do Seu Zefiro. A gente gosta muito dele porque ele saiu da colônia, ficou um grande empresário, uma pessoa rica, mas nunca perdeu a humildade: continua sempre igual. Todo mundo gosta muito dele.

## **ADALBERTO PIZZETTI, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE IÇARA**

“O Sr. Zefiro Giassi é um exemplo de cidadão e empreendedor para todos nós içarenses, sua história contribuiu e contribui no desenvolvimento da nossa cidade, tanto na geração de empregos quanto na economia da região. Com muito empenho, humildade e dedicação construiu uma das maiores empresas de Santa Catarina tudo sem perder a simplicidade. Para nós da Associação Empresarial de Içara é uma satisfação tê-lo como nosso companheiro e associado na busca pelo desenvolvimento através do cooperativismo”.



**ACIRTON COSTA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE IÇARA.**

(Foto: Bruno Neka Dal Pont)

“O senhor Zefiro Giassi é uma liderança de grande expressão no município, participando de ações relacionadas para o engrandecimento de nossa cidade. Sempre ativo foi eleito para a primeira legislatura (1963/1966) na Câmara Municipal de Içara, participando da Mesa Diretora, sendo o vice-presidente, contribuindo com o crescimento do trabalho legislativo, e na formação de uma cidade que estava por iniciar. Pensando no desenvolvimento da cidade, foi um dos fundadores da Cooperativa de Eletrificação Rural de Içara, atualmente Cooperaliança, sendo também o primeiro presidente da entidade. Este grande cidadão içarense sempre trabalhou em questões voltadas as necessidades de uma cidade em crescimento, com seu espírito empreendedor tornou-se um empresário de sucesso e respeitado em todo o Brasil principalmente na área supermercadista. Foi aqui no município de Içara que tudo começou com a abertura de uma loja de secos e molhados, que mais tarde se tornou o Giassi & Cia Ltda, a segunda maior rede de supermercados catarinense. Com sua matriz e administração central instalada no município,

gerando centenas de empregos diretos e indiretos e fortalecendo a economia local. Exemplos como o senhor Zefiro Giassi que tem amor por esta terra, que nunca se cansou em buscar alternativas para melhorias no município, representa o desenvolvimento econômico e social, que contribui com o crescimento de Içara.”



**GENTIL DORY DA LUZ, PREFEITO MUNICIPAL DE IÇARA.**

“É uma grande satisfação estar à frente do governo municipal de Içara num momento em que a rede de supermercados Giassi completa 50 anos. Mais do que uma empresa que deu certo, o Giassi é um exemplo de dedicação, trabalho, crescimento e visão de futuro corporificado na pessoa do empreendedor Zefiro Giassi. Além disto, o Giassi é içarense e mostra a qualidade da nossa gente, um povo que não teme desafios, que vai à luta, que trabalha com fibra e faz acontecer. É inquestionável a contribuição do Giassi para o desenvolvimento do município, seja como gerador de empregos e de oportunidades, seja como fornecedor de produtos que trouxeram ao município uma série de comodidades urbanas, atendendo com excelência a demanda populacional fixa e de migrantes. Como prefeito de Içara, tenho orgulho de dizer que o Giassi nasceu aqui e tem a nossa marca. Nutro profunda admiração e respeito por Zefiro Giassi, que para mim é uma referência de administrador bem sucedido, inteligente e arrojado. Coincidentemente, Içara completará 50 anos em 2011. Assim como o Giassi, nós estamos trabalhando incansavelmente para que a cidade cresça, produzindo qualidade de vida e elevando o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município. É um trabalho conjunto, que envolve os diversos segmentos sociais, as comunidades, os empresários e todos os setores da administração

pública. Seguindo o exemplo de Zefiro Giassi, somos comprometidos, temos metas bem definidas e administramos com visão de futuro. Os resultados já podem ser vistos e sentidos na saúde, na educação, na infraestrutura e em tantas outras áreas da gestão pública.

Queremos, quando Içara completar 50 anos, comemorar estas conquistas com a mesma alegria, orgulho e satisfação que o Giassi celebra hoje o seu cinquentenário. Parabéns ao Giassi e a toda a população de Içara, por mais este êxito que faz parte da sua história.”



**ADRIANO MANOEL DOS SANTOS, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE SUPERMERCADOS.**

“Integrante ativo e onipresente do Movimento Supermercadista Catarinense, o empresário Zefíro Giassi participou pela primeira vez com um cargo diretivo na Acats no biênio 1978/1980, como conselheiro Fiscal. Nas gestões de 1982/1984 e 1986-1988-1990 exerceu cargo de Vice-Presidente. Na gestão de 1992 a 1994 foi o presidente da entidade e desde então vem sucessivamente assumindo funções no Conselho Deliberativo, inclusive como Presidente. A participação de Zefíro Giassi junto às estruturas da Acats extrapola em muito o posicionamento em cargos de Diretoria. Experiente líder empresarial, Giassi participa de praticamente todas as grandes decisões da entidade, colaborando sempre com intervenções precisas, serenas e equilibradas, sempre em busca do diálogo, do consenso e na defesa firme das posições do setor. Do alto de sua experiência como administrador, empresário e gerador de oportunidades de trabalho, Zefíro Giassi nunca deixou de aproveitar as oportunidades de trocar experiências e informações com demais colegas de todas as regiões do Estado. Os que convivem com o dirigente Zefíro Giassi da Acats ficam com a certeza de que nesta atividade também estão as mesmas

características que emanam de sua marca como gestor empresarial: a obsessão pela qualidade e pela excelência no atendimento das expectativas dos clientes, sejam eles supermercadistas ou fornecedores associados. Todos foram e são merecedores do mesmo padrão de atendimento de excelência por parte deste empreendedor notável.”



**DOM JACINTO INÁCIO FLACH,  
BISPO DA DIOCESE DE CRICIÚMA.**

“O ser humano por si só já faz parte de um grande mistério. Foi criado a imagem e semelhança de Deus; diferente de qualquer outra criatura existente que por sua vez segue leis naturais e instintivas desde a sua criação. O ser humano é diferente de tudo e de todos. Além da natureza Deus nos fez participante das coisas divinas e eternas. Esta grandeza se manifesta de muitas maneiras na vida de cada ser humano; uma espécie de fome e sede do Eterno e infinito que nunca são saciados plenamente em nenhum ser humano aqui na terra. A nossa resposta plena está em Jesus Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida. Cada ser humano recebe de Deus talentos ou dons para serem desenvolvidos e multiplicados (cf Mt 25, 14-30). Aqui não quero julgar os motivos ou circunstâncias daqueles que não desenvolveram seus dons ou os usam para o mal, para destruir a vida que é dom de Deus. Mas aqui eu tenho a honra e a alegria de descrever algumas coisas sobre uma pessoa onde os dons ou talentos foram desenvolvidos e multiplicados. Estou me referindo a pessoa do senhor Zefiro Giassi que muitos conhecem. Eu o conheço a pouco tempo, mas o suficiente para dizer algumas coisas. Vejo no seu Zefiro um homem simples e humilde; alguém que nunca perdeu suas raízes, suas origens; um homem sempre acompanhado pela força interior da fé que

nunca o deixou acomodar-se ou desanimar-se; homem de profunda fé católica, não apenas de palavra, mas de testemunho pela caridade que faz. Tudo isso faz do senhor Zefiro e sua esposa Ana pessoas de bem e de respeito, não pelo que possuem, mas pelo que são.

Que o Sagrado Coração de Jesus e Maria abençoe a família Giassi!”





**DOM PAULO DE CONTO,  
BISPO DE MONTENEGRO**

Ao chegar em Criciúma, em agosto de 1998, Zefiro Giassi prontamente ofereceu seus préstimos auxiliando a Diocese que ora iniciava sua caminhada. Nos 10 anos que aí estive, exercendo o pastoreio, como bispo diocesano, senti-me assessorado e apoiado por este homem, simples, humilde, cristão convicto, imbuído de Fé, Esperança e Caridade. Ao lado de sua esposa Ana e de seus filhos, Zefiro tornou-se o grande amigo e conselheiro. Hoje, a pujança que é a Diocese de Criciúma, necessita dizer: muito obrigado. Zefiro, continue sendo solidário, participativo, caridoso, homem de oração e cheio de confiança. Muitos lhe procuram, especialmente empresários, pedindo conselhos. Trata-se de um ministério destinado a poucos. Continue com este carisma que faz muito bem para sua pessoa, sua família, muitas famílias, para a sociedade e para a igreja. Parabéns pelo que é e pelo evangelho que leva no seu coração.



**LEONEL PAVAN,  
GOVERNADOR DE SANTA CATARINA**

No cenário sócio-econômico barriga-verde despontam vocações empreendedoras que nos enchem de orgulho. Em todos os quadrantes e em todos os segmentos produtivos há iniciativas e empresários que servem de exemplo para o Brasil.

Zefiro Giassi, de Içara, é um desses. Com a humildade herdada de berço e a seriedade própria de um caráter bem formado Zefiro se revela parâmetro de empresário bem sucedido e faz parte do sagrado patrimônio moral catarinense. O povo de Santa Catarina é grato à contribuição que Zefiro Giassi tem oferecido ao Estado. Santa Catarina, novembro de 2010.





# XXXIV

## Homenagens

*“Vitória é uma coisa subjetiva. Sempre pequena para quem vê e grande para quem a conquista.”*  
Roberto Dualibi



Um empresário de sucesso como o é Zefiro Giassi é lembrado, sempre, para homenagens que lhe endereçam entidades de direito público e privado.

Dentre tantas já recebidas destacamos as que passam a ilustrar esta fração do livro e que se-  
guem:



Diploma cidadão benemérito de Criciúma.



Certificado da medalha Colombo Machado Salles.





PRÊMIO  
**REPUTAÇÃO**  
CORPORATIVA  
**AMANHÃ**

**GIASSI SUPERMERCADOS**  
12ª empresa de maior reputação de Santa Catarina no ano de 2009

**Jorge Polydoro**  
Presidente da Revista AMANHÃ

Realização  
**AMANHÃ**  
REVISTA DE REPUTAÇÃO CORPORATIVA

**Jaime Troiano**  
Diretor da Troiano Consultoria de Marca

Metodologia  
**TROIANO**  
CONSULTORIA DE MARCA

**CERTIFICADO**



Certificamos que

**Giassi & Cia. Ltda (Giassi Superm.)**

ocupa a **24ª** posição no ranking de Santa Catarina e está colocada em  
**121º** lugar entre as 500 Maiores do Sul.

PATROCÍNIO  
**vivo** **IBM** **Gransapere**

REALIZAÇÃO  
**AMANHÃ** **PRICEWATERHOUSECOOPERS**

APOIO  
**ASU**



# IMPAR

Índice das Marcas de Preferência e Afinidade Regional

2ª EDIÇÃO 2009 - MARCA IMPAR

DESTAQUE REGIONAL - EXTREMO SUL

1º COLOCADO

SETOR PESQUISADO

*Supermercado*

*Giassi*

Mário J. Gonzaga Petrelli  
Presidente RIC RECORD

Márcia Cavallari Nunes  
Diretora executiva IBOPE Inteligência

Realização



Pesquisa

**IBOPE**  
inteligência

Patrocínio

**agemed**  
planos de saúde



BANCO REGIONAL DE  
DESENVOLVIMENTO DE  
EXTREMO SUL

**FACISCO**  
FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS  
DE SANTA CATARINA

**FECOMÉRCIO SC**



**SEBRAE**

**SINDIPI**

Apoio



**Notícias do Dia.**  
O melhor para quem vive a cidade

**MBL NEWS**  
SANTA CATARINA









Ao lado da mulher, Ana Maria, na VI convenção do Lions Distrito L-10. Zefiro Giassi foi membro do Lions Club durante 30 anos, 25 dos quais acompanhado pela mulher.



Zefiro Giassi, que presidiu a Associação Catarinense de Supermercados na gestão de 1992 a 1993, fala aos industriais de Santa Catarina, na sede da Fiesc.



Zefiro Giassi, presidente da Acats, preside a instalação do 54º Encontro Estadual dos supermercadistas.



# XXXV

## Epílogo

*“O dia de amanhã ninguém usou.  
Poderá ser seu!”*  
Pagano Sobrinho



E esta é a história - ou melhor - estes são os fragmentos que poderão embasar a história desse homem fantástico chamado Zefiro, que o pai queria Zelfiro, que o computador grafa Zéfiro e que, tendo nascido dia 29 de junho de 1933, teve a data de nascimento alterada para 30 desse mês e só foi registrado dia 6 de abril de 1939.

Predestinado a ser um lavrador, trabalhar na agricultura, plantar milho, feijão e trigo sofreu um acidente grave, perdeu a visão do olho esquerdo aos três anos de idade e isso mudaria o Norte da sua vida.

Foi estudar, formou-se professor. Lecionou no Morro Bonito, interior da Terceira Linha São Rafael, interior de Içara que, à época, era interior de Cresciúma.

Fez o primeiro negócio: adquiriu uma bicicleta.

Casou, constituiu família, residiu num “puxadinho” de uma escola isolada municipal e ousou: quis mais.

Foi à luta.

Desprovido de um vintém, sequer, constituiu uma firma individual, chamou e dispensou sócios, se estabeleceu com uma venda (que vendia de tudo) e acabou formando uma das maiores redes de supermercados da Região sul-brasileira.

Foi vereador e quis ser prefeito. Ana Maria, sua mulher, e Juscelino Kubitchek, o presidente, mostraram que seria um erro. Desistiu. Inclusive da política.

Nunca teve medo do trabalho e elegeu a honestidade como lema dos negócios.

Lazer? O trabalho.

Warren Buffet deve ter-lhe ensinado: o empresário deve ter sempre em mente duas regras. Regra 1: nunca perca dinheiro. Regra 2: nunca esqueça a regra 1.

Hoje, podemos afirmar, Zefiro Giassi é um dos nomes mais respeitados do *business intelligence* de Santa Catarina e comparece ao ranking dos grandes empreendedores do Brasil. Seu caráter é enaltecido por tantos quantos o conhecem e sua vida serve de modelo para muitas famílias constituídas ou em constituição.

Afirma ter se programado para viver 120 anos. Um exagero, claro. Mas, um dia, perguntei-lhe sobre a morte. E ele, retratando o que disse Confúcio, me falou: *Para quem me preocupar com a morte? A vida tem tantos problemas que temos de resolver primeiro!*

Biografá-lo, ou narrar um pedacinho da sua vida - tão magna e tão generosa - foi uma honra para este escritor. Poucos têm ou tiveram privilégio assemelhado.

Em que pese a diferença de idade termino meu trabalho podendo inscrevê-lo no rol de meus fraternais amigos. Até porque já sei tanto de sua vida que poucos dos que imaginam conhecê-lo podem se comparar a mim. E repito o que disse o seu irmão Higinio: *Zefiro é o cara!*

Esta obra comprova que, na História, não há lugar para derrotados!

Içara o tem como um dos mais ilustres filhos, Criciúma o fez cidadão benemérito e Santa Catarina se orgulha do seu empreendedorismo.

Como disse Angelino Peruchi, *precisamos de mais Zefiros Giassi.*



## **Obras do Autor**

### **I – Livros:**

**Estas Ruas que Pisamos** - enciclopédia onomástica das vias e logradouros públicos de Criciúma - 3 edições: 1986, 1996, 2005 - esta com 234p;

**Criciúma 70 Anos**, 149 p, ensaio para a sua história político - administrativa, oito edições, 1995;

**Archimedes Napolini, A Saga de um Homem de Bem** - biografia de seu progenitor - 226p, 1999;

**Criciúma, Orgulho de Cidade** - crônicas sobre a história de Criciúma, dois volumes, 224 p, 2000;

**Zelindo Trento, 1001 Paradas** - história da empresa ZTL, 140p, 2000;

**O Torresmo do Ministro Adhemar** - crônicas, 312p, 2001;

**O Bisteck Nonno Naco** - biografia de Bruno Ghislandi, 144p, 2002;

**Nonno Beppe, Sacramento!** - biografia de José Spillere, 234p, 2005;

**De Cresciúma a Criciúma** - 1880-1960 - fragmentos da história de Criciúma, vol. I, 228p, 2007 – vol. II, 224p, 2008;

**Os Templos da Fé** - 80p, (região AMREC) 2008;

**Os Templos da Fé** - (região do Vale do Araranguá) 144p, 2009;

**Criciúma, 130 Janeiros** - iconografia, 184p, 2010.

### **II – Cartilhas**

**Cerimonial e Protocolo** - o que deve ser conhecido por um mestre de cerimônias (1986);

**Pátria Amada, Brasil!** - sobre os símbolos nacionais - 1999 (várias edições);

**Luzes, Câmara, Ação!** - sobre o papel do Poder Legislativo - 2004 várias edições;

**De Marcos Rovaris a Anderlei Antonelli** - os homens que governaram Criciúma - 2005;

**Deficiente Físico?** - Sobre as pessoas portadoras de deficiências - 2006;

**Administradores de Nova Veneza** - 2008.

É membro da Academia de Letras de Criciúma (desta é o patrono da cadeira nº15) e da Academia de Letras de Urussanga (cadeira nº 7).

Cidadão Honorário de Urussanga - SC.

Cidadão Benemérito de Criciúma - SC.







ARCHIMEDES NASPOLINI FILHO



Zefiro Giassi

DO PÓ DO GIZ AO SUPERMERCADO